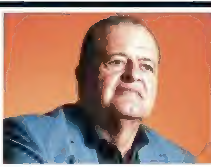


CBN Professional
Belmiro Gomes, CEO do Assai Atacadista, fala no podcast sobre a importância de uma das maiores empregadoras do país **B2**



Executivo do Ano
O CEO da Editora Globo, Frederic Kachar, é premiado pela Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP) **A2**



Rio Gastronomia
Ao longo de 12 dias, a 14ª edição do evento, a maior de sua história, reuniu mais de 125 mil pessoas **B6**

Sábado, 31 de agosto, domingo e segunda-feira, 1 e 2 de setembro de 2024
Ano 25 Número 6078 R\$ 6,00
www.valor.com.br

ECONÔMICO

Valor

25 ANOS

Anúncio de investimentos produtivos no país aumenta 24% de janeiro a julho

Conjuntura Levantamento da Apex, este exclusivamente sobre aportes de empresas estrangeiras, mostra um crescimento de 29% no 1º semestre, para US\$ 28,5 bilhões

Analís Fernandes e Estevão Talar
De São Paulo e Brasília

Os anúncios de investimentos produtivos no Brasil aumentaram 23,6% de janeiro a julho de 2024, em relação ao mesmo intervalo de 2023. Segundo o Bradesco, os anúncios chegaram a 362, maior número desde os 397 de período equivalente de 2020. O banco acompanha setores como indústria, agroindústria, serviços e comércio, mas não mede o valor dos desembolsos, porque podem ser diluídos no tempo.

Outro levantamento, da Apex, mostra que os investimentos estrangeiros somaram 186 anúncios no 1º semestre, totalizando US\$ 28,5 bilhões, uma alta de 29%. O avanço dos investimentos está disperso pelos setores, mas, em 12 meses, há tendência maior na indústria. Priscila Pacheco, do Bradesco, afirma que até em segmentos que não costumam reunir muitos anúncios se observa expansão, como na indústria de embalagens e no saneamento básico, por causa do novo marco legal, e no setor automobilístico.

Nelson Rocha Augusto, do Banco BRP,

destaca iniciativas na construção, no setor de óleo e gás e no sucoenergético, principalmente por causa do etanol de milho. Para ele, a queda dos juros no Brasil, a maior familiaridade com o governo Lula 3 e o ambiente internacional favoreceram para os projetos "saírem da gaveta".

Rocha estima crescimento de mais de 5% na Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) em 2024 — medida dos investimentos no PIB —, após o recuo de 3% em 2023. A taxa de investimento em relação ao PIB, porém, segue baixa, diz Cláudio Frischknecht, da Inter.B Consultoria. Em 2023,

encerrou no redor de 16% e pode chegar a 17% do PIB em 2024, mas ainda estava de 6% a 10% abaixo dos pares brasileiros. Para ele, incertezas macroeconômicas e insegurança jurídica são parte do problema.

No investimento estrangeiro, US\$ 24,2 bilhões são para fábricas. O setor automotivo atraiu US\$ 14,2 bilhões. Para especialistas, o programa Mover, que prevê crédito para empresa automotiva concedido pelo governo, ajudou. A Anfavea cita, ainda, o novo padrão para emissões de carbono dos automóveis, o que obriga o setor a investir em produtos e motores. **Páginas A7 e A8**

Crescimento do PIB deve acelerar no 2º trimestre

Analís Fernandes e Marta Watanabe
De São Paulo

O Produto Interno Bruto (PIB) deve ter crescido 0,9% no 2º trimestre em relação aos três meses anteriores, quando aumentou 0,8%, segundo levantamento do Valor com 80 instituições financeiras e consultorias. O intervalo das projeções varia de 0,4% a 1,5%. Na comparação com o 2º trimestre de 2023, a mediana de 74 casas aponta alta de 2,6%, após registrar 2,5% de janeiro a março. Para 2024, a mediana das estimativas mostra um crescimento de 2,3%, pouco acima dos 2,4% indicados na última pesquisa Focus, do Banco Central.

No ano passado, o PIB cresceu 2,9%. "Houve mais demanda do que se imaginava no 2º trimestre e isso deve capturar o ano inteiro", diz Alexandre de Azara, economista-chefe do UBS. Ele projeta alta de 2,8% para o PIB em 2024. Os dados oficiais serão divulgados amanhã pelo IBGE. **Página A9**

Emissão externa ganha fôlego em setembro

Fernanda Guimarães e Rita Azevedo
De São Paulo

Bancos de investimento têm promovido reuniões com investidores estrangeiros para realizar emissões de empresas brasileiras no mercado externo de dívida. Para este mês, são esperadas cerca de seis transações, segundo fontes, incluindo nomes do setor bancário e a Kalzip, uma Odebrecht, novata nesse mercado, que tentou lançar sua oferta em agosto, e mais outra candidata.

Com US\$ 16,4 bilhões em bônus neste ano, as ofertas já superam os US\$ 16,1 bilhões de todo 2023, segundo o Bond Radar. A expectativa é que o volume encerre o ano em ao menos US\$ 20 bilhões. Na janela, iniciada após retorno das férias no Hemisfério Norte, as emissões podem ser antecipadas por causa das eleições nos EUA. **Página C1**

Estados gastam 14,2% mais com segurança do que no 1º semestre de 2018

De São Paulo

Correção — No primeiro semestre deste ano, os gastos com segurança pública de 26 Estados e do Distrito Federal aumentaram 14,2% em relação ao mesmo período de 2018, já descontada a inflação, e não na comparação com a primeira metade do ano passado, como publicado na capa da edição de sexta-feira do Valor. As despesas desses entes federativos na área tiveram uma expansão de 43% em relação ao mesmo período de 2023, também descontada a inflação.

Indicadores

Indicador	2024Q2	2023Q2	2024Q1	2023Q1
Sucesso	30,0%	20,0%	30,0%	20,0%
Sucesso (sem erro)	30,0%	20,0%	30,0%	20,0%
Valor comercial (BIC)	30,0%	20,0%	30,0%	20,0%
Valor comercial (mercado)	30,0%	20,0%	30,0%	20,0%
Valor comercial (mercado)	30,0%	20,0%	30,0%	20,0%
Valor comercial (mercado)	30,0%	20,0%	30,0%	20,0%
Valor comercial (mercado)	30,0%	20,0%	30,0%	20,0%
Valor comercial (mercado)	30,0%	20,0%	30,0%	20,0%

A força do festival



Rodolfo Medina e Ana Cecchate, respectivamente vice-presidente e diretora de marketing do Rock in Rio, destacam a importância e a longevidade das parcerias com as marcas — neste ano são 85 —, desde o início do evento há quase 40 anos. "Sempre esteve no DNA do projeto", diz Medina. **Página B8**

Destaques

Onda de revolta em Israel

Uma onda de revolta tomou conta de Israel, após o governo de Benjamin Netanyahu ter anunciado a recuperação dos corpos de seis reféns sequestrados pelo Hamas em 7 de outubro. Na visão de parentes das vítimas, sindicatos de trabalhadores e de parte da mídia local, os sequestros — incluindo um americano — foram mortos pela falha do governo em negociar cessar-fogo seriamente. **A15**

Formação Executivos de Valor

Terminam no dia 8 as inscrições para a Formação Executivos de Valor, parceria entre Fundação Getúlio Vargas (FGV) e Valor, que chega à 34ª edição. Para quem já ocupa cargo de gestão ou quer construir carreira de comando, é oportunidade de aprender com líderes de empresas, como Milton Malhotra (Itaú), Gustavo Werneck (Gerdau), Pinda Belliztia (AWS) e Cristina Palmak (SAP). **B2**

Agronegócios



Além de ser um dos dois maiores mercados do Brasil na agricultura, no lado dos EUA, o Brasil é também "o farol dos nossos negócios quando se trata de adoção de novas tecnologias e digitalização", diz o presidente global da operação agro da empresa alemã, Ulf Telesch. **Página B10**

1ª Turma do STF vai analisar suspensão do X

Escadaria Peres
De Brasília

O ministro Alexandre de Moraes, do STF, convocou sessão virtual extraordinária para que os ministros analisem decisão que retirou do ar a rede social X. Ele levou o caso para ser analisado pela Primeira Turma, colegiada que reúne 5 dos 11 integrantes da Corte. O julgamento começaria à zero hora de hoje e terá duração de 24 horas. Ministros do STF vinham defendendo que a decisão ocorresse no plenário, para dar peso institucional. Moraes, no entanto, decidiu adotar um caminho intermediário, ao colocar a liminar para análise de uma turma.

Além de Moraes, fazem parte do colegiado Flávio Dino, Luiz Fux, Cristiano Zanin e Cármen Lúcia. Com isso, Kassio Nunes Marques e André Mendonça, indicados pelo ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), ficarão fora da discussão. **Página B7**

Valor, O Globo e CBN sabinam candidatos

Do Rio

Apartir de hoje, os jornais Valor e O Globo e a rádio CBN dão início às sabinagens com os principais candidatos às prefeituras de Belo Horizonte, Rio e São Paulo. Ao todo, serão três semanas de entrevistas presenciais, que terão início às 10h30. As sabinagens terão transmissão ao vivo pela rádio e nos sites e redes sociais dos três veículos. Os eleitores também poderão se informar pelas reportagens e análises sobre os encontros. Em todas as capitais, as sabinagens serão conduzidas por jornalistas e columnistas dos três veículos. Os cinco primeiros colocados na corrida da capital mineira abrem a série nesta semana. De 9 a 13 de setembro, serão ouvidos os primeiros colocados para a disputa carioca. A partir do dia 16 de setembro, os veículos entrevistam os mais bem posicionados na corrida à prefeitura de São Paulo. **Página A10**

Chegada da NFL ao país movimentará marcas

Rafael Rosas e Luana Dandara
Do Rio e de São Paulo

O desembarque da NFL (National Football League) no Brasil mostra que o país se tornou uma das grandes apostas para a principal liga de futebol americana. O evento atraiu grandes patrocinadores, como Budweiser, Perdigão, Fit Combustíveis,

Via e XP, e, segundo a SPFlutis, a projeção é de impacto de US\$ 60 milhões na economia da cidade. A partida entre Green Bay Packers e Philadelphia Eagles, a primeira de uma temporada regular da NFL a ser realizada na América do Sul, está marcada para o dia 6, na Neo Química Arena. Para Ivan Martinho, professor da ESPM e especialista em marketing esportivo, o jo-

go é resultado de ações prévias que se mostraram bem-sucedidas e justificaram a decisão de trazer para o país o principal produto da liga. Entre as ações, cita a criação de perfil da NFL em português e uma "fan zone" para acompanhar jogos. "O Brasil tem a 2ª maior base de fãs internacionais da NFL, somente atrás do México", diz Pedro Rego Monteiro, da Effect Sport. **Página B8**



Expansão fiscal se combina ao mercado de trabalho aquecido



Sergio Lamucci

A economia brasileira passa por um momento de expansionismo fiscal e aquecimento do mercado de trabalho, com alta expressiva do nível de ocupação e da renda. Esse cenário impulsiona a atividade econômica, levando os analistas a projetar um crescimento do PIB no segundo trimestre perto de 1% em relação ao primeiro e de 2,5% ao até mais neste ano (ler mais na página A4). Essa combinação de impulso das contas públicas, especialmente por meio de transferências de renda, e robustez do mercado de trabalho deverá perder força mais à frente, o que obviamente terá efeito sobre o ritmo da economia. Reduzir incertezas, para ter uma cotação mais baixa do dólar e retornar a ancoragem das expectativas de inflação, é fundamental para que a política monetária não jogue com força contra a atividade, num momento em que o estímulo fiscal deverá perder o ímpeto e o emprego e a renda terão menor dinamismo.

O economista-chefe da corretora Tullet Prebon, Fernando do Monteiro, tem chamado a atenção para esse quadro de "enorme expansionismo fiscal" combinado a "um mercado

de trabalho aquecido e de rápida recomposição das perdas salariais", resultando num "boom de rendas das famílias na economia". Com base nos números mais recentes do Tesouro, Monteiro observa que o gasto primário do governo central, que não inclui despesas com juros, cresceu 14,9% nos 12 meses encerrados em junho na comparação com os 12 meses anteriores, já descontada a inflação. É um ritmo pouco variado alcançado na série iniciada em 1997, como na pandemia da covid, nota ele.

No caso dos rendimentos, Monteiro destaca o comportamento da Renda Nacional Disponível Bruta das Famílias, um agregado calculado pelo Banco Central (BC). Em sua versão restrita, o indicador reflete rendimentos do trabalho, benefícios previdenciários e transferências de programas sociais, excluindo recursos de aluguéis e aplicações financeiras além de descontos gastos com impostos.

Montero faz uma desagregação da renda do trabalho e das transferências e benefícios fiscais (como programas sociais e aposentadorias). A massa de rendimentos do trabalho está em nível recorde, incluindo aí os funcionários públicos da ativa, que entram nas estatísticas da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do IBGE. Já os

benefícios previdenciários e transferências de programas sociais retomam o pico atingido na pandemia, diz ele.

Montero observa que, nos 12 meses até julho, o conjunto da renda disponível das famílias, no conceito restrito, sobe 18,3% acima da inflação em comparação com 2019, o ano anterior à pandemia. Desagregando os números, os rendimentos do trabalho avançaram 11,8% nesse período, enquanto as transferências e benefícios cresceram 31,2%, nos dois casos também descontada a inflação, calcula ele. São números que explicam a força da renda e do consumo, resume Monteiro.

"A conjuntura se diferencia não tanto pelo fiscal expansionista no plano mercado de trabalho forte, quanto pelo fato de ocorrerem em paralelo", afirma ele, em relatório. "O desemprego em milhões históricos vem juntamente a um dos piores déficits primários fora da pandemia". Na sexta-feira, foram divulgados os números do mercado de trabalho dos três meses até julho e o resultado fiscal do setor público consolidado de julho. A taxa de desemprego no trimestre até julho ficou em 6,8%, a menor para o período desde o começo da série, em 2012. Já o déficit primário nos 12 meses até julho ficou em 2,25% do PIB, ou R\$

257,7 bilhões, no caso do setor público consolidado, que engloba União, Estados, municípios e empresas estatais, com exceção de Petróbras e Eletrobras. No caso do governo federal, o rombo é ainda maior — 2,42% do PIB, ou R\$ 271,7 bilhões.

Dado o tamanho do impulso fiscal e da força do mercado de trabalho, há uma força que segura um crescimento ainda mais forte, na visão de Monteiro. Para ele, é a combinação da política monetária, com juros elevados, e das condições financeiras (o conjunto formado por indicadores como câmbio, juros, futuros, bolsa de valores e risco país). "O empurro de rendas hoje é enorme impulso que os juros suavizam, mas amanhã precisaremos de espaço para cortar [a taxa de juros]. Até lá, é imperativo que expectativas fiscais e monetárias não danifiquem o cenário para taxas mais baixas", diz Monteiro.

Nos próximos meses, o expansionismo fiscal deverá diminuir — o consenso de mercado aponta para um déficit primário de 0,65% do PIB no acumulado de 2024, e hoje o rombo roda na casa de 2,3% a 2,4% do PIB em 12 meses. Além disso, o mercado de trabalho em algum momento deverá perder ímpeto. Desse modo, é fundamental preservar o tempo para juros menores, segundo ele.

"O pior dos mundos é um ajuste parcial e pouco crível que combine o contracurção fiscal com a desancoragem monetária", advertiu Monteiro.

Hoje, a discussão é se o Banco Central (BC) vai aumentar os juros, que já estão elevados. O dólar came e as expectativas de inflação desancoradas, com dívidas sobre o quadro fiscal, apontam para altas da Selic neste ano. Reduzir as incertezas sobre as contas públicas e sobre a atuação do BC, a partir de 2025, com a mudança no comando da instituição, seria importante para evitar um novo aperto monetário, ou no mínimo para impedir que ele seja forte e prolongado. Como o resultado das contas públicas deverá ser menos expansionista nos próximos meses e o mercado de trabalho tende a perder gás, a economia poderá sofrer uma desaceleração mais acentuada num ambiente de juros mais altos.

O governo ainda pode agir para que esse quadro não se materialize. No entanto, a falta de disposição para enfrentar estruturalmente o ajuste fiscal pelo lado das despesas, o que seria essencial para reverter expectativas negativas, indica que isso não deverá ocorrer.

Sergio Lamucci é editor executivo e escreve quinzenalmente. E-mail: sergio.lamucci@valor.com.br

Meios de comunicação Criada para defender a liberdade de expressão na América Latina, a entidade sem fins lucrativos presta atenção também aos grupos do setor que apresentam bons resultados

Por projeto de transformação na mídia, SIP dá prêmio de Executivo do Ano a Kachar, da Editora Globo

Mário Osmo

O economista Frederic Kachar trabalhava no Grupo Globo há cinco anos quando, em 2002, foi escolhido para o comando da área financeira da Editora Globo, que então publicava as revistas. A surpresa veio quando o chefe lhe disse: "Você não entende de Recursos Humanos, mas vou lhe passar essa área também porque um dia você vai ser CEO". A previsão do chefe se concretizaria seis anos depois, quando o executivo passou a liderar um ousado projeto de transformação digital e modernização da empresa, que hoje inclui os jornais Valor, O Globo e Extra — Kachar também comanda há alguns anos as rádios, incluindo a CBN. Em reconhecimento a esse trabalho, Kachar foi eleito Executivo do Ano pela Sociedade Interamericana de Imprensa (SII).

Criada para defender a liberdade de expressão na América Latina, a SIP é uma entidade sem fins lucrativos que começou a prestar atenção também aos grupos de mídia que apresentam bons resultados. E foi assim que o trabalho de Kachar, diretor geral da Editora Globo e do Sistema Globo de Rádio, chamou a atenção do júri, que lhe entregou o prêmio em cerimônia em outubro, em Córdoba, Argentina. "No meio de um ambiente tão disputado, com tantos líderes talentosos, foi feliz com essa preciosa premiação", diz Kachar. "É o sucesso e os bons resultados como empresa até aqui são fruto da equipe de 2,3 mil pessoas. Ninguém faz nada sozinho".

Este ano, a SIP também concedeu o prêmio Grande Amigo da Imprensa 2024 para o Centro Knight para o Jornalismo nas Américas, fundado em 2002, no Texas,



Frederic Kachar: "O sucesso e os bons resultados como empresa até aqui são fruto da equipe de 2,3 mil pessoas"

pelo jornalista brasileiro Rosental Calmon Alves. Segundo o presidente da SIP, Roberto Rock, o Knight tem desempenhado "papel fundamental no treinamento e desenvolvimento de jornalistas na América Latina e no Caribe, apoiando fortemente a missão de fortalecer o jornalismo por meio de programas de treinamento inovadores, conferências impactantes e publicações valiosas".

Composta por 1,3 mil publicações e com sede em Miami, a SIP também condecora a Jaine Bedoya, do Peri 21, o prêmio de Sustentabilidade, por sua iniciativa Suple-

mentos 21. A proposta foi reconhecida por sua estratégia para gerar novas receitas por meio de suplementos e campanhas de informação para empresas clientes.

Rock destacou o papel de Kachar "na expansão dos negócios de comunicação da empresa, que incluiu a criação das Edições Globo Condé Nast em julho de 2010, uma joint venture com a Condé Nast". Segundo a SIP, a Editora Globo "tem navegado habilmente na dinâmica de mudança do consumo de mídia".

Kachar diz que esse aprendizado "levou alguns anos". Exigiu, so-

breto, o rompimento com um modelo que, ao longo de décadas, permitia às empresas de comunicação "segurar" a notícia para publicá-la só no jornal do dia seguinte. O desafio, diz, foi preservar o talento de equipes de jornalismo, com "repertório, autoridade, profundidade e o acompanhamento amplo da realidade", sem perder de vista o "timing do leitor".

Ele decidiu tirar proveito da tecnologia que acompanha a mídia digital para perseguir os passos do leitor, detectar suas aspirações. "A maravilha do mundo digital é poder rastrear", afirma.

Se antes as empresas de comunicação não sabiam se a pessoa que comprou o jornal sequer o folheava, o sistema digital permite saber quais notícias foram as mais lidas e até o tempo que o leitor dedicou a cada uma. "É a combinação das competências editoriais que nos levaram até aquele momento com a habilidade de incluir os dados no processo decisório que nos permitiu dar um salto e efetivamente mudar a cultura", explica.

"Precisamos nos diferenciar daquele que apenas leva a informação. Ir mais fundo nos temas e não só produzir conhecimento e percepção de realidade mais apurada, mas também inspirar o leitor, qualificá-lo para crescer em suas ambições, profissionais ou pessoais", afirma o executivo. "E se o leitor não vier até nós, vamos a ele. Enviamos newsletter e notificações no celular para dizer: olha isso aqui que legal".

O novo cenário exige, ainda, diz Kachar, sincronia entre todas as áreas da empresa, da financeira e da comercial aos jornalistas. "Costumo dizer para as equipes: não existe melhor fonte de informação para a área comercial do que ler o Valor. Isso prepara nosso executivo a ter uma conversa de alto nível com o anunciante e construir uma solução de mídia", destaca.

A partir da audiência, que Kachar considera "o coração do negócio", a publicidade deixa de simplesmente vender um espaço de mídia para oferecer soluções. "Precisamos entender os desafios de negócio das nossas parcerias. Desenvolver soluções customizadas que conjuguem nossa capacidade de produzir conteúdo brandead para os diversos contextos em que temos autoridade, com formatos mais variados, o que inclui semi-

nários, eventos de relacionamento, verticais de conteúdo, avaliações de produtos e muitos outros".

A troca de informações e o trabalho em áreas tem diferenciado o grupo com 2,3 mil funcionários e trabalham em três idiomas. / entrevistas, três rádios e 23 antenas. O alcance da Editora Globo e do Sistema Globo de Rádio nas redes sociais soma mais de 50 milhões de visitantes únicos, excluindo a sobreposição entre produtos.

A nova ambição do grupo é cruzar fronteiras. O primeiro passo foi dado este ano com eventos na China e em Nova York, que uniram empresários e autoridades do Brasil e do país anfitrião para discutir as relações comerciais. "O Brasil vem recuperando protagonismo e poderá chegar ao fim da década entre os cinco maiores economias do mundo. Seja pelo tamanho, recursos naturais, transição energética ou pelos cenários dos outros países", destaca Kachar.

"Precisamos levar nossa marca para fora, mostrar nossa capacidade de gerar conteúdo de interesse não só para brasileiros. Se os investidores quiserem se aprofundar sobre o que acontece no Brasil é o Valor que eles vão ter que ler", diz o executivo, ao comentar sobre o projeto de oferecer o conteúdo do jornal em inglês.

Para se atualizar sobre o que acontece em cada setor, Kachar mantém agenda intensiva de encontros com executivos de todas as áreas. "A curiosidade do jornalista", como ele define, o ajuda nessa maratona. O executivo se interessa por jornais e revistas desde os sete anos de idade, inspirado pelo hábito de leitura dos pais — costumava começar a ler pelas últimas páginas, onde estavam as notícias de futebol e de carros.

Índice de empresas citadas em textos nesta edição

3R Petróleo B4	Assol Atacardista B2	Bridgesto C6	CSN B1	Cardano B1	CSN B4	DirCom B1	Santander Brasil B3	TGS B1
ABC Associados B2	Atacardista B2	Brava Energia B4	Deutsche Bank C1	Heatmap B8	Shell B1	Dia Partners C4	Sky Master B4	Tenda B4
Agência Jogo B8	Bank of America C1	BRF B8	DuPont B10	Hughesnet B7	Monclero B30	Pátria C4	Soccer Hospitality B4	Thermax Speyer C4
Agrícola B9	Bayar B10	BTG Pactual B4	Exatú B4	IGood B6	MTPar B9	Petróbras B1	Soccer Hospitality B4	UBS C1
Aimovet B6	Blancopar B1	Caixa B6	Envia B6	Itaú C1, C6	Nakuru B1	Pineco B4	Sociedade Globo C1	Vale B1
Alfa B4	Simão B1	Carabini B1	Federated Hermes C1	JPMorgan Chase B1	New Fortress Energy B1	Rapini C1	Starlink B7	Via Brasil B5
Allianz C2	Bimot B1	CGO B4	FIL Combustíveis B1	JPMorgan Chase B1	NITS B1	Rapini C1	SteelCore B4	Vivo B6
Alparagat B5	Blompar B5	CGO B4	FIL Combustíveis B1	Galp B1	NuData C1	Rapini C1	Storx B1	Wolfskill B1
Aulas B6	Bond Radar C1	CGO B4	FIL Combustíveis B1	GOM B10	Odacina C1	Rapini C1	Suzano B1	XRP B7
		Comgás B1				Rapini C1	Talens B1	Zamp B6
								XRP B6

Valor Seja um assinante: Acesse assinavelor.com.br Ligue 0800 701 8888



Com o Itaú Empresas, posso dormir tranquila: sei que meu dinheiro está seguro.

Júlia Vergueiro

Fundadora da Nossa Arena
e Sócia do Pelado Real FC

Júlia Vergueiro é uma empreendedora social que sempre foi apaixonada por futebol. Ela tem duas empresas que nasceram e cresceram com o apoio do Itaú Empresas: uma escolinha de futebol para mulheres e um espaço de esportes. Para a Júlia, confiança é muito importante na hora de gerir um negócio. Por isso ela conta com o Itaú Empresas, que dá a segurança de que ela precisa para ficar tranquila e continuar trabalhando para impactar a vida das pessoas.

Na hora de empreender,
escolha o time certo.
Seja cliente de quem joga junto
do empreendedor brasileiro.



Abra sua conta.



Conjuntura Analistas esperam resultado da atividade até mais forte que no começo do ano

PIB pode trazer nova surpresa positiva no 2º tri, estimam economistas

Analistas Fernandes e Marta Watanabe De São Paulo

O impacto das enchentes no Rio Grande do Sul sobre a atividade assistiu, a princípio, economistas e analistas ao desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil no segundo trimestre. Com a recuperação local, ao menos inicial, além do esperado e a sustentação da economia nacional aquecida, no entanto, analistas apostam, agora, que o avanço do PIB no segundo trimestre pode ser até um pouco maior do que no primeiro, que já havia surpreendido.

Pesquisas do Valor com 80 instituições financeiras e consultorias mostra que é esperada alta mediana de 0,9% para o PIB no segundo trimestre, ante o primeiro, quando subiu 0,8%. O intervalo das projeções é grande, variando de 0,4% a 1,5%. Em relação ao segundo trimestre de 2023, a mediana de 74 casas aponta alta de 2,6%, vindo de 2,1% em janeiro a março.

Os dados oficiais serão divulgados amanhã às 9h pelo IBGE. Para 2024, a estimativa mediana é que o PIB cresça 2,5%, pouco mais do que os 2,4% indicados na última pesquisa Focus, do Banco Central (BC) com agentes de mercado.

"Representa a ideia de que estamos com uma economia mostrando um perfil de atividade que não está desacelerando como era esperado", afirma Felipe Sichel, economista-chefe da Berto Asset, ao projetar alta de 1,1% para o PIB no segundo trimestre, ante o primeiro. "É bem verdade que o BC vinha cortando os juros desde meados do ano passado e isso, de alguma forma, tem de bater na atividade. Mas, quando a gente considera o que o BC e outras pesquisas indicam que seria o pior cenário [aquele que não acelera nem contrai a economia] e combina com as expectativas de inflação, a taxa Selic deveria continuar restritiva. Mas, observando os dados de atividade, essa restrição não se mostra", diz.

Isso é corroborado, segundo Sichel, por outros indicadores, como o Índice de Atividade do BC, o IBC-Br, que subiu 1,1% no segundo trimestre, em relação ao primeiro. Ao mesmo tempo, as pesquisas do IBGE mostraram alta para a indústria e os serviços de 0,7% cada no segundo trimestre, enquanto o varejo ampliou avanço 0,3%. "Todos os indicadores de mercado de trabalho estão com performance razoavelmente robusta. Vou olhar para os dados de crédito na ponta e não há muito motivo de preocupação também", acrescenta Sichel.

Para Alexandre de Azara, economista-chefe do UBS BR, é possível ainda que a redução de oferta no Rio Grande do Sul, por causa das chuvas em maio, tenha gerado crescimento de outras regiões, para atender à demanda da população gaúcha. "O resto do Brasil pode ter crescido mais do que se imaginava. Mesmo com o desastre das chuvas, houve surpresa no crescimento do PIB agregado no segundo trimestre", afirma Azara, que projeta um avanço de 1,3%.

Do lado da oferta, a expectativa mediana é que a indústria passe de queda de 0,1% no primeiro trimestre para alta de 0,7% no segundo. "A indústria não performou tão bem no primeiro trimestre nem muito no ano passado. Esse segundo trimestre é de uma indústria um pouquinho melhor, via, princí-

palmente, a extrativa", diz Laiz Carvalho, economista do BNP Paribas, citando como exemplo o petróleo.

A construção, acrescenta Carvalho, também pode dar uma contribuição positiva para a indústria, "mas nem tanto quanto já foi", diz.

De maneira geral, o PIB do segundo trimestre, pela ótica da oferta, deve ser puxado mesmo pelos serviços. A mediana do levantamento do Valor indica crescimento de 0,8%, na comparação com os três meses imediatamente anteriores. Ainda que seja uma desaceleração em relação à alta de 1,4% do primeiro trimestre, economistas consideram o número forte.

"Os serviços continuam a ser um grande propulsor", diz Carvalho, que projeta alta de 0,9% para o PIB do segundo trimestre, ante o primeiro, e de 2,2% para 2024, mas aponta que a estimativa anual tem vies de alta e pode ser revisada para cima em breve.

Mais cautelosa, a 4Intelligence espera alta de 0,5% para os serviços no segundo trimestre, de 0,4% para o PIB no mesmo período e de 2,1% para a atividade no ano.

"Acho que boa parte das projeções ainda não está contemplando a questão do Rio Grande do Sul. A gente olha as pesquisas de alta frequência do IBGE e parece que elas não captaram direito o efeito das enchentes. Até por isso o IBC-Br acabou sentindo super forte no trimestre, mas a gente sabe que, muitas vezes, o PIB mostra um quadro diferente, até pela abrangência dos dados", diz Bruno Lavieri, economista-chefe da 4i.

Segundo ele, houve problemas, por exemplo, com a ponderação das pesquisas mensais do IBGE para o Estado. "Na pesquisa de serviços, quando abrimos as praças de pedágio, consideramos um volume de tráfego passando a preço zero. Isso trouxe uma distorção grande para o indicador, o que dificulta entender o que aconteceu por lá, a magnitude do impacto econômico", afirma.

A premissa de um efeito mais forte das enchentes sobre a atividade foi espalhada pelos setores nas projeções da 4i, mas Lavieri reconhece que os serviços tendem a ser os mais afetados no curto prazo. "Aquilo que se deixou de consumir de serviços em determinado período não se consome duas vezes no momento seguinte. Na indústria, em alguma medida, você consegue abrir um segundo ou terceiro turno e repor a produção que não teve no período anterior".

Entre os fatores da oferta, o único que deve registrar queda no segundo trimestre, de 2% pela expectativa mediana, é a agropecuária, que costuma concentrar a maior parte da sua produção no primeiro trimestre.

Para Diego Martins Silva, gerente de análise macroeconômica da Petron, que projeta alta de 0,9% para o PIB no segundo trimestre, ante o primeiro, o setor agropecuario terá pouca influência no resultado. "Estimamos crescimento de 0,9%



Felipe Sichel: "Estamos com uma economia mostrando um perfil de atividade que não está desacelerando como era esperado"

do PIB ex-agropecuária no segundo trimestre, após alta de 0,6% do período anterior", afirma.

Ele chama a atenção para a resiliência de "setores cíclicos" no segundo trimestre, simbolizada pelo crescimento relevante, nas suas estimativas, da indústria de transformação, de 1,8%, e da Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF, medida para os investimentos no PIB), de 1,6%, ambos na comparação ao primeiro trimestre.

A FBCF e o consumo das famílias devem seguir puxando a atividade pelo lado da demanda, ainda que desacelerando, com altas medianas de 2,5% e 0,9% no segundo trimestre, pela ordem, vindo de 4,1% e 1,5% no primeiro trimestre, respectivamente.

"Houve mais demanda do que se imaginava no segundo trimestre e isso deve catapultar o ano inteiro", diz Azara, que projeta alta de 2,8% para o PIB em 2024.

O grande destaque na demanda, dizem economistas, é o consumo das famílias. "Essa é a história que tivemos no ano passado, no primeiro trimestre deste ano e que continua", afirma Carvalho.

"Estamos com um mercado de trabalho superaquecido, a taxa de desemprego está nos menores níveis históricos. As pessoas estão mais empregadas e com salários maiores. Também temos mais benefícios sendo pagos, seja pelo au-

mento do Bolsa Família, seja por outros benefícios previdenciários. Então, a renda disponível está maior, e a demanda das famílias, mais alta", diz Carvalho.

Martins, da Petron, é mais cauteloso em relação ao crescimento do consumo das famílias no segundo trimestre. Apesar de reconhecer "importante crescimento da renda no período", ele espera um refriar do próximo à estabilidade — leve alta de 0,2% frente ao primeiro trimestre —, por causa da já elevada base de comparação deixada pelo primeiro trimestre.

No caso da FBCE, Carvalho, do BNP Paribas, destaca a recuperação dos investimentos com uso do crédito. "Vemos recuperação, mas ainda é um nível abaixo do que a gente costuma ter", pondera.

Por fim, o setor externo deve oferecer mais uma contribuição líquida negativa ao PIB, já que a expectativa mediana é que as exportações cresçam 2% no segundo trimestre, ante o primeiro, e as importações subam 7,5%.

Olhando à frente, Azara, do UBS BR, pondera que seu número forte para o PIB do segundo trimestre não significa que a atividade continuará nesse processo. Ele diz esperar desaceleração do PIB para uma alta de 0,4% no terceiro trimestre e contração no quarto, em meio ao impacto da interrupção no ciclo de queda de juros, ao mesmo tempo em que ficam mais para trás os efeitos do impulso fiscal e das transferências.

"Acreditamos que o bom momento da atividade econômica se deve a efeitos desfasados de impulsos fiscais do início do ano, somados à robustez do mercado de trabalho. Com a dissipação dos choques do primeiro trimestre, esperamos uma desaceleração do ritmo de crescimento no segundo semestre, terminando o ano com crescimento do PIB de 2,6%", afirma Martins.

Sichel, da Porto Asset, ainda espera alta de 0,9% para o PIB do terceiro trimestre, ante o segundo, e diz que os riscos são no sentido de que sua projeção de 2,5% para o PIB do ano seja marginalmente maior. "Para o quarto trimestre, deveria começar a normalizar um pouco e ter uma desaceleração um pouco maior, Mas, se eu tivesse de colocar um viés para essa projeção, também seria de um quarto trimestre mais forte", afirma.

"Boa parte das projeções não está contemplando a questão do RS"
Bruno Lavieri

Atividade aquecida

Projeções para o PIB - %

Instituição	2T/24 x 1T/24*	2T/24 x 2T/23	2024
4Intelligence	0,4	2,6	2,1
Capital Economics	0,5	1,6	1,8
Citi Brasil	0,5	1,3	2
COI Asset	0,6	2	2,2
Morgan Stanley	0,6	2,4	2,3
Principal Clarias	0,6	2	2,1
Sicredi Asset	0,6	1,4	2
Austin Rating	0,7	2,6	1,9
Banco Daycoval	0,7	2,1	2,4
Coface	0,7	ND	2,2
Santander	0,7	2,3	2,3
Sua Research	0,7	2	2,3
Trafalgar Investimentos	0,7	1,5	2
Wealth High Governance (WHG)	0,7	2,2	2,3
Westliew Asset	0,7	2,7	2,6
Banco Breg	0,8	2,5	2,3
Banco do Brasil	0,8	1,5	2,6
BBP	0,8	2,2	2,7
Gap Asset	0,8	2,3	2,5
Gide Investimentos	0,8	2,4	2,2
Inter	0,8	2,6	2,5
Nao Investimentos	0,8	2,3	2,5
Paraná Banco	0,8	2,4	2,4
Storred	0,8	1,5	2,4
Tendências Consultoria	0,8	2,3	2,3
ABC Brasil	0,9	2,6	2,6
Arner	0,9	2,6	2,5
ARX Investimentos	0,9	2,6	2,5
Alvira	0,9	2,5	2,3
ASA Investments	0,9	2,6	2,5
Banco BV	0,9	2,5	2,5
Bardays	0,9	2,7	2,7
BNP Paribas	0,9	4	2,2
BDOCM BSM	0,9	2,5	2,5
BTG Pactual	0,9	2,7	2,4
Baysidebrasil	0,9	2,6	2,5
FGV Ibre	0,9	2,6	2,3
Galaapagos Capital	0,9	1,7	2,2
Itai Unibanco	0,9	2,6	2,5
Novus Capital	0,9	2,6	2,6
Ocean	0,9	2,7	2,7

Instituição	2T/24 x 1T/24*	2T/24 x 2T/23	2024
Paritos Investimentos	0,9	2,6	2,4
Petrus	0,9	2,6	2,6
PréPay	0,9	2,6	2,5
Rio Bravo Investimentos	0,9	2,6	2,3
Santander Asset Management	0,9	2,6	2,5
Way Investimentos	0,9	1,7	2,3
Banco Master	1	2,7	2,6
BB Asset	1	2,2	2,8
Bradesco	1	2,7	2,3
G5 Partners	1	2,8	2,5
JGP	1	2,8	2,7
Kleure Capital	1	2,8	2,7
LCA Consultoria	1	2,7	2,6
MAG Investimentos	1	3	2,5
MCM Consultoria	1	2,8	ND
Petro	1	3	2,3
Robozink	1	2,3	2,6
SOMMA Investimentos	1	2,7	2,5
Texas Capital	1	2,8	2,6
XP	1	2,7	2,7
Banco Pise	1,1	3	2,6
Chimex Gestão de Recursos	1,1	2,6	2,6
JF Trust	1,1	2,8	2,8
Medley Advisors	1,1	1,8	2,3
Porto Asset Management	1,1	2,1	2,5
Terra Investimentos	1,1	2,8	2,6
Análise Econômica	1,2	2,1	2,5
Os Easik	1,2	3,1	2,5
JJP Morgan	1,2	3	2,9
MB Associates	1,2	2,6	2,4
Planner	1,2	3,2	2,4
UBS BR	1,3	3,2	2,8
Truster & Associados	1,5	2,2	2,4
Acreli	ND	ND	2,5
BRGG	ND	2,5	2,3
Deutsche Bank	ND	ND	2,5
RBC Investimentos	ND	ND	2,5
ABCC	ND	ND	2,3
Bank of America	ND	ND	2,7
Itai Asset Management	ND	ND	3,1
MEDIANA	0,9	2,6	2,5

Estimativas medianas por componente do PIB - %

	2T/24 x 1T/24*	2T/24 x 2T/23	2024
Oferta			
Agropecuária	-0,7	-2,4	-1,5
Indústria	0,7	2,3	2,6
Serviços	0,8	2,7	2,6
Demanda			
Consumo das famílias	0,9	4,0	3,1
Consumo de governo	0,3	1,6	1,6
Formação Bruta de Capital Fixo	2,5	6,0	4,0
Exportações	2,0	5,3	4,0
Importações	7,5	14,2	6,9

Fonte: Consultorias e instituições financeiras. Estimativas Valor com base em dados de 1T/2024 a 1T/2023. *Comparação com 1T do ano anterior

Prazer, somos

BRAVA

energia

Nascemos como a principal companhia independente de óleo e gás do Brasil, fruto da combinação da 3R Petroleum com a Enauta. A partir da junção de duas forças, somos da **terra e do mar**. Com a bravura que é a nossa marca.

Para maximizar resultados e gerar valor.

www.bravaenergia.com
B3: Brava, ticker: BRAV3

Contas públicasEstratégia do governo em relação à política fiscal

esbarra na falta de sinais mais contundentes na contenção de gastos

Projeção de déficit

maior em 2025

Análise

Alto Olito
Brasília

Com as contas públicas sob forte escrutínio do mercado, a equipe econômica preparou um Projeto de Lei Orçamentária Anual (PLOA) de 2025 que busca reforçar a credibilidade da política fiscal. A estratégia esbarra, porém, na falta de sinais mais contundentes na contenção de despesas, principalmente gastos obrigatórios. Além disso, o momento delicado na relação com o Congresso Nacional deixa pontos em aberto.

O sinal mais claro e objetivo da intenção do governo de cumprir a meta fiscal de déficit zero é que a peça orçamentária prevê perfís de receitas e despesas em 2025 em R\$ 23,9 bilhões para o governo central. A peça mira o centro da meta, e não a banda inferior da margem de tolerância.

Do lado das receitas, tenta-se passar ideia de "normalidade". As medidas novas para elevar arrecadação são semelhantes às já lançadas desde 2023. A maior parte segue diretrizes que vêm desde o início da gestão de Fernando Haddad e não trazem uma conformidade e corrigir distorções.

Das medidas novas, o PLOA pelo lado das receitas, mal-

tas dependem só da ação do Executivo. O governo espera arrecadar R\$ 26,4 bilhões com transações tributárias de grandes empresas, por exemplo, e mais R\$ 30 bilhões com o programa de transações da Receita. Outros R\$ 20 bilhões são esperados com aperto do controle sobre uso de incentivos fiscais.

A parte que depende de aprovação do Legislativo são chamadas "receitas condicionadas", soma R\$ 46,7 bilhões. É integrada, por exemplo, pelos R\$ 17,9 bilhões esperados com aumento das alíquotas da Contribuição Social sobre Lucro Líquido (CSLL) e da tributação sobre Juros sobre o Capital Próprio (JCP). Além disso, foram adotadas estimativas mais conservadoras para receitas que não apresentavam a performance esperada no ano passado, após julgamentos do Conselho Administrativo de Recursos Fiscais (Carf) foram estimados em R\$ 28,5 bilhões, além R\$ 54,7 bilhões este ano. As receitas com concessões no Ministério dos Transportes foram em R\$ 10 bilhões, em contraste com os R\$ 34,5 bilhões originalmente previstos em 2024.

Há um ponto de incerteza sobre as medidas de compensação da arrecadação sob a forma de pagamentos. Ainda não foi aprovado na Câmara dos Deputados o projeto de lei que trata do assunto.

Do lado das despesas, maior fonte de preocupação do mercado, os sinais de ajuste são escassos. Efetivamente, o que foi considerado em redução de gastos no PLOA 2025 são os R\$ 25,9 bilhões a serem obtidos com a cessação de benefícios pagos independentemente.

Porém, técnicos ressaltam que as despesas estão estimadas em R\$ 3,36 do PIB, o que indica que seguintes estabilizadas e abaixo de 20% do PIB. A média no período de 2015 a 2023, exceto 2020, foi de 19,2% do PIB. Além disso, dizem, está em curso forte ajuste fiscal, com as contas do governo central saindo de déficit de R\$ 23,0 bilhões em 2023 para R\$ 28,8 bilhões este ano, um ajuste da ordem de 85%.

As despesas obrigatórias somam R\$ 21,7 bilhões em 2025 e R\$ 22,5 bilhões em 2024. O controle de benefícios previdenciários alcançará R\$ 1,01 bilhão no ano que vem, ante os R\$ 923 bilhões estimados este ano.

A revisão de gastos, ditados os técnicos, pode ir além dos R\$ 25,9 bilhões. Porém, ainda não foram divulgados detalhes sobre como será expandida.

Além disso, não foram abandonadas as discussões sobre os ajustes estruturais cobrados pelo mercado. Por exemplo, "modernizar" a indexação de algumas despesas. Essa é uma discussão que segue vi-

va entre os técnicos da área econômica, apesar das resistências dentro do próprio Executivo.

Há duas semanas, foi incluído no projeto de lei que trata da dívida dos Estados um dispositivo que mudava o conceito de Receita Corrente Líquida (RCL), retirando dela componentes como concessões e royalties. Com isso, seria possível desonerar o crescimento de despesas atreladas à RCL, como o piso de gastos com saúde e as emendas parlamentares. O dispositivo foi retirado da proposta a pedido da Casa Civil. Mas a ideia segue em pauta, informa-se nos bastidores.

Do mesmo naipe, está em debate nova regra que limitaria o crescimento de emendas parlamentares ao aumento ao mesmo ritmo das demais despesas discricionárias do Executivo. A ideia é que, na nota conjunta emitida dos três Poderes da República que trata do acordo sobre o novo tratamento das emendas parlamentares ao orçamento. Em 2025, as emendas impositivas (têm de ser executadas) somam R\$ 38,9 bilhões.

O tratamento das emendas é um tema que segue em aberto e que pode influenciar na apreciação do PLOA e das medidas de ajuste estrutural. O orçamento é o principal instrumento de política fiscal. As eleições proporcionam uma pausa, mas o final depende ao prometo emendas.

Governo deve detalhar projeto de déficit

maior em 2025

Carlini Shinnhara e
Marcelo Carneiro
De Brasília

O governo federal vai explicar os detalhes do Projeto de Lei Orçamentária (PLOA) de 2025 às 11h de hoje. O PLOA foi enviado ao Congresso na última sexta com estimativa de resultado primário zero no governo central em 2025.

Da parte do Ministério do Planejamento e Orçamento, devem participar da coletiva de imprensa o secretário-geral Gustavo Carlini e o secretário de Organização e Planejamento, Clayton Montes. Do Ministério Fazenda participam o secretário-executivo Daria Durigan e o secretário da Receita Federal, Robinson Barreiros.

A proposta também prevê aumento do salário mínimo dos atuais R\$ 141,2 para R\$ 150,9. Apesar do número, o valor deve ser definido por decreto presidencial que normalmente é publicado no Diário Oficial da União.

O PLOA prevê R\$ 121,5 bilhões em receitas extraordinárias. Pelo projeto, o montante será alcançado, entre outros, com acordos de processos que terminaram empatados no Carf, tribunal administrativo federal, que representaria R\$ 28,5 bilhões, com transações de relevante e disseminada controvérsia jurídica, R\$ 26,84 bilhões, com transações individuais adicionais, R\$ 13 bilhões. O PLOA ainda prevê R\$ 46,7 bilhões em receitas de projetos que dependem do Congresso.

"Procurados, economistas avaliaram que o PLOA veio relativamente próximo ao esperado, mas ainda há dúvida sobre a evolução das receitas. O governo enviou projeto tratando da elevação das alíquotas dos Juros sobre Capital Próprio (JCP), e da CSLL, na própria sexta (31), e duas medidas arrecadariam cerca de R\$ 20 bilhões. No sábado, após o envio do texto, o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL) afirmou considerou "quase impossível" aprovar o projeto de elevação de tributos.

De acordo com o Ex-Expert, no sábado, a ministra do Planejamento, Simone Tetet, disse que o governo trabalha em uma segunda etapa do planejamento para cortar gastos e, assim, atingir as metas fiscais nos próximos anos. Ela disse que "o momento certo da verdadeira revisão de gastos se dará no segundo semestre de 2025". Segundo ela, a autorização para corte de R\$ 25,9 bilhões para 2025, após o envio do PLOA, não é suficiente para 2026. Governo e Congresso, disse, precisariam discutir questões estruturais de gastos e até o "pente-fino" que já está sendo feito.

"Congresso e governo devem discutir gastos e ir além do pente-fino", Simone Tetet

AES CAJUMA AB1 HOLDINGS S.A.

CAJUMA Nº 42.004.844.000-18 - NIRE 3505500590

AVULSO (PRIMEIRA) COMUNICAÇÃO ÀS AGENCIAS DE DEFENDIMENTO DE VALORES MOBILIÁRIOS (ANVISA), NÃO CONVERSAR EM AÇÕES, DA ESPÉCIE QUOTACIONÁRIA, COM GARANTIA PREVIDENCIÁRIA ADICIONAL.

EM NOME ÚNICO, PARA DISTRIBUIÇÃO PÚBLICA, COM ESPÓCIOS RESTRITOS, DA AES CAJUMA AB1 HOLDING S.A.

AVULSO (PRIMEIRA) COMUNICAÇÃO ÀS AGENCIAS DE DEFENDIMENTO DE VALORES MOBILIÁRIOS (ANVISA), NÃO CONVERSAR EM AÇÕES, DA ESPÉCIE QUOTACIONÁRIA, COM GARANTIA PREVIDENCIÁRIA ADICIONAL.

EM NOME ÚNICO, PARA DISTRIBUIÇÃO PÚBLICA, COM ESPÓCIOS RESTRITOS, DA AES CAJUMA AB1 HOLDING S.A.

AVULSO (PRIMEIRA) COMUNICAÇÃO ÀS AGENCIAS DE DEFENDIMENTO DE VALORES MOBILIÁRIOS (ANVISA), NÃO CONVERSAR EM AÇÕES, DA ESPÉCIE QUOTACIONÁRIA, COM GARANTIA PREVIDENCIÁRIA ADICIONAL.

EM NOME ÚNICO, PARA DISTRIBUIÇÃO PÚBLICA, COM ESPÓCIOS RESTRITOS, DA AES CAJUMA AB1 HOLDING S.A.

AVULSO (PRIMEIRA) COMUNICAÇÃO ÀS AGENCIAS DE DEFENDIMENTO DE VALORES MOBILIÁRIOS (ANVISA), NÃO CONVERSAR EM AÇÕES, DA ESPÉCIE QUOTACIONÁRIA, COM GARANTIA PREVIDENCIÁRIA ADICIONAL.

EM NOME ÚNICO, PARA DISTRIBUIÇÃO PÚBLICA, COM ESPÓCIOS RESTRITOS, DA AES CAJUMA AB1 HOLDING S.A.

AVULSO (PRIMEIRA) COMUNICAÇÃO ÀS AGENCIAS DE DEFENDIMENTO DE VALORES MOBILIÁRIOS (ANVISA), NÃO CONVERSAR EM AÇÕES, DA ESPÉCIE QUOTACIONÁRIA, COM GARANTIA PREVIDENCIÁRIA ADICIONAL.

EM NOME ÚNICO, PARA DISTRIBUIÇÃO PÚBLICA, COM ESPÓCIOS RESTRITOS, DA AES CAJUMA AB1 HOLDING S.A.

AVULSO (PRIMEIRA) COMUNICAÇÃO ÀS AGENCIAS DE DEFENDIMENTO DE VALORES MOBILIÁRIOS (ANVISA), NÃO CONVERSAR EM AÇÕES, DA ESPÉCIE QUOTACIONÁRIA, COM GARANTIA PREVIDENCIÁRIA ADICIONAL.

EM NOME ÚNICO, PARA DISTRIBUIÇÃO PÚBLICA, COM ESPÓCIOS RESTRITOS, DA AES CAJUMA AB1 HOLDING S.A.

AVULSO (PRIMEIRA) COMUNICAÇÃO ÀS AGENCIAS DE DEFENDIMENTO DE VALORES MOBILIÁRIOS (ANVISA), NÃO CONVERSAR EM AÇÕES, DA ESPÉCIE QUOTACIONÁRIA, COM GARANTIA PREVIDENCIÁRIA ADICIONAL.

EM NOME ÚNICO, PARA DISTRIBUIÇÃO PÚBLICA, COM ESPÓCIOS RESTRITOS, DA AES CAJUMA AB1 HOLDING S.A.

AVULSO (PRIMEIRA) COMUNICAÇÃO ÀS AGENCIAS DE DEFENDIMENTO DE VALORES MOBILIÁRIOS (ANVISA), NÃO CONVERSAR EM AÇÕES, DA ESPÉCIE QUOTACIONÁRIA, COM GARANTIA PREVIDENCIÁRIA ADICIONAL.

EM NOME ÚNICO, PARA DISTRIBUIÇÃO PÚBLICA, COM ESPÓCIOS RESTRITOS, DA AES CAJUMA AB1 HOLDING S.A.

AVULSO (PRIMEIRA) COMUNICAÇÃO ÀS AGENCIAS DE DEFENDIMENTO DE VALORES MOBILIÁRIOS (ANVISA), NÃO CONVERSAR EM AÇÕES, DA ESPÉCIE QUOTACIONÁRIA, COM GARANTIA PREVIDENCIÁRIA ADICIONAL.

EM NOME ÚNICO, PARA DISTRIBUIÇÃO PÚBLICA, COM ESPÓCIOS RESTRITOS, DA AES CAJUMA AB1 HOLDING S.A.

AVULSO (PRIMEIRA) COMUNICAÇÃO ÀS AGENCIAS DE DEFENDIMENTO DE VALORES MOBILIÁRIOS (ANVISA), NÃO CONVERSAR EM AÇÕES, DA ESPÉCIE QUOTACIONÁRIA, COM GARANTIA PREVIDENCIÁRIA ADICIONAL.

EM NOME ÚNICO, PARA DISTRIBUIÇÃO PÚBLICA, COM ESPÓCIOS RESTRITOS, DA AES CAJUMA AB1 HOLDING S.A.

AVULSO (PRIMEIRA) COMUNICAÇÃO ÀS AGENCIAS DE DEFENDIMENTO DE VALORES MOBILIÁRIOS (ANVISA), NÃO CONVERSAR EM AÇÕES, DA ESPÉCIE QUOTACIONÁRIA, COM GARANTIA PREVIDENCIÁRIA ADICIONAL.

EM NOME ÚNICO, PARA DISTRIBUIÇÃO PÚBLICA, COM ESPÓCIOS RESTRITOS, DA AES CAJUMA AB1 HOLDING S.A.

AVULSO (PRIMEIRA) COMUNICAÇÃO ÀS AGENCIAS DE DEFENDIMENTO DE VALORES MOBILIÁRIOS (ANVISA), NÃO CONVERSAR EM AÇÕES, DA ESPÉCIE QUOTACIONÁRIA, COM GARANTIA PREVIDENCIÁRIA ADICIONAL.

EM NOME ÚNICO, PARA DISTRIBUIÇÃO PÚBLICA, COM ESPÓCIOS RESTRITOS, DA AES CAJUMA AB1 HOLDING S.A.

AVULSO (PRIMEIRA) COMUNICAÇÃO ÀS AGENCIAS DE DEFENDIMENTO DE VALORES MOBILIÁRIOS (ANVISA), NÃO CONVERSAR EM AÇÕES, DA ESPÉCIE QUOTACIONÁRIA, COM GARANTIA PREVIDENCIÁRIA ADICIONAL.

EM NOME ÚNICO, PARA DISTRIBUIÇÃO PÚBLICA, COM ESPÓCIOS RESTRITOS, DA AES CAJUMA AB1 HOLDING S.A.

AVULSO (PRIMEIRA) COMUNICAÇÃO ÀS AGENCIAS DE DEFENDIMENTO DE VALORES MOBILIÁRIOS (ANVISA), NÃO CONVERSAR EM AÇÕES, DA ESPÉCIE QUOTACIONÁRIA, COM GARANTIA PREVIDENCIÁRIA ADICIONAL.

EM NOME ÚNICO, PARA DISTRIBUIÇÃO PÚBLICA, COM ESPÓCIOS RESTRITOS, DA AES CAJUMA AB1 HOLDING S.A.

AVULSO (PRIMEIRA) COMUNICAÇÃO ÀS AGENCIAS DE DEFENDIMENTO DE VALORES MOBILIÁRIOS (ANVISA), NÃO CONVERSAR EM AÇÕES, DA ESPÉCIE QUOTACIONÁRIA, COM GARANTIA PREVIDENCIÁRIA ADICIONAL.

EM NOME ÚNICO, PARA DISTRIBUIÇÃO PÚBLICA, COM ESPÓCIOS RESTRITOS, DA AES CAJUMA AB1 HOLDING S.A.

AVULSO (PRIMEIRA) COMUNICAÇÃO ÀS AGENCIAS DE DEFENDIMENTO DE VALORES MOBILIÁRIOS (ANVISA), NÃO CONVERSAR EM AÇÕES, DA ESPÉCIE QUOTACIONÁRIA, COM GARANTIA PREVIDENCIÁRIA ADICIONAL.

EM NOME ÚNICO, PARA DISTRIBUIÇÃO PÚBLICA, COM ESPÓCIOS RESTRITOS, DA AES CAJUMA AB1 HOLDING S.A.

AVULSO (PRIMEIRA) COMUNICAÇÃO ÀS AGENCIAS DE DEFENDIMENTO DE VALORES MOBILIÁRIOS (ANVISA), NÃO CONVERSAR EM AÇÕES, DA ESPÉCIE QUOTACIONÁRIA, COM GARANTIA PREVIDENCIÁRIA ADICIONAL.

EM NOME ÚNICO, PARA DISTRIBUIÇÃO PÚBLICA, COM ESPÓCIOS RESTRITOS, DA AES CAJUMA AB1 HOLDING S.A.

Conjuntura Investimentos somam US\$ 28,5 bilhões no primeiro semestre, liderados pelo setor automotivo, segundo ApexBrasil

Aposta de estrangeiro no setor produtivo cresce 29%

Estevão Tainir
De Brasília

Os investimentos produtivos anunciados por empresas estrangeiras no Brasil atingiram US\$ 28,5 bilhões no primeiro semestre, influenciados principalmente pelo setor automotivo. O montante representa crescimento de 29%, sempre em relação ao mesmo período do ano anterior, e foi levantado pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil) na plataforma Orbis, que reúne informações financeiras de aproximadamente 45 milhões de empresas de todo o planeta.

A ApexBrasil é ligada ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic) e tem como objetivos "promover os produtos e serviços brasileiros no exterior e atrair investimentos estrangeiros para setores estratégicos da economia brasileira". De acordo com a agência, houve

186 anúncios de investimentos por empresas estrangeiras nos primeiros seis meses do ano. Dos US\$ 28,5 bilhões, a maior parte, US\$ 24,2 bilhões, está ligada a investimentos em novas plantas, ou "greenfield". Os US\$ 4,3 bilhões restantes estão ligados a fusões e aquisições, ou "brownfield".

Quase metade do montante financeiro total veio do setor automotivo (US\$ 14,2 bilhões). Na divisão por países, a Holanda (US\$ 11 bilhões) foi a principal origem desses recursos, também por meio do setor automotivo.

O presidente da ApexBrasil, Jorge Viana, destaca a importância das viagens do presidente Lula da Silva (PT) e do vice-presidente Geraldo Alckmin como forma de atrair investimentos. Mas Viana ainda enxerga espaço para expandir os aportes da China. O país é o maior parceiro comercial da economia brasileira. Mas apenas o sétimo país que mais aporta recursos em investimentos produtivos no Brasil.

"Hoje o debate é sobre como fazemos para trazer com força a China para ser nosso parceiro na produção de bens industrializados", diz ele, que foi governador do Acre por dois mandatos e senador por um mandato, em todos os casos pelo PT. "O cardápio é muito grande", afirma, citando por exemplo oportunidades na área de transportes.

Além disso, no fim do ano passado, o governo federal lançou o

Mobilidade Verde e Inovação (Mover), programa de incentivo e descarbonização do setor automotivo. O programa prevê, entre outras medidas, a concessão de R\$ 19,3 bilhões em créditos financeiros para empresas do setor até o fim de 2028. As medidas ajudaram as companhias a anunciar nos meses seguintes uma série de investimentos no Brasil, na casa das dezenas de bilhões de reais.

Até meados de agosto 111 projetos de 99 empresas, entre brasileiras e estrangeiras, já tinham recebido habilitação do governo federal para participar do Mover — o que não significa que elas já tinham começado a investir. Dentro dos 111 projetos, 16 deles estavam ligados a fabricantes de veículos leves ou pesados. Dos 111 projetos, quase a totalidade, ou 108, está concentrada nas regiões Sudeste e Sul, com outros dois no Nordeste e um na região Norte, segundo balanço do Mdic.

Em nota, a Associação Brasileira dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) afirma que o Mover "sem dúvida é um grande impulsionador deste ciclo" de investimentos, por "trazer previsibilidade regulatória ao setor e estimular pesquisa e desenvolvimento localmente". Mas cita também outros fatores, como as novas emissões de carbono, estabelecidas pelo governo federal, "para autoíndios e comerciais leves, o que obriga todos os fabricantes a investir em produtos e motores".

"Tudo isso é um indicativo de



"Debate hoje é sobre como fazemos para trazer com força a China"
Jorge Viana

que novos anúncios de investimentos serão feitos em breve", diz a entidade.

Além dos aportes do setor automotivo, os números também já mostram a expansão dos investimentos ligados ao "powershoring" no Brasil, segundo Jorge Arbache, professor de economia da Universidade de Brasília (UnB) e ex-vice presidente do Banco de Desenvolvimento da América Latina. Ele classifica o powershoring como "uma estratégia corporativa dos tempos da descarbonização para a produção eficiente e segura de bens intensivos em energia para exportação".

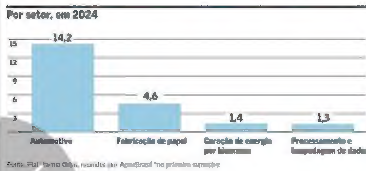
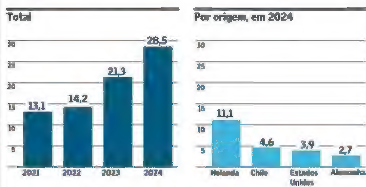
"O Brasil a grosso modo já fez e em boa parte já até pagou esses investimentos [em direção a uma matriz energética menos poluente]", diz Arbache, que também já ocupou os cargos de economista sênior do Banco Mundial e secretário de Assuntos Internacionais do Ministério do Planejamento, entre outros postos. "A competitividade do Brasil [de maneira menos poluente] é muito grande".

Ele também elogia medidas recentes, como um "pacto" pela "transformação ecológica" anunciado no mês passado por Executivo, Legislativo e Judiciário, e a aprovação da reforma tributária sobre consumo. Por isso, a tendência é de crescimento dos investimentos ligados ao "powershoring", segundo Arbache.

Ver também página A7

Investimentos anunciados

Em US\$ bi*







*Fonte: Orbis, banco de dados, consultado em ApexBrasil no primeiro semestre

AVISO DE RECOLHIMENTO DE PRODUTOS

A Dori Alimentos (CNPJ No. 52.123.916/0010-23) informa que iniciará o recolhimento voluntário dos seguintes produtos, distribuídos em âmbito nacional, fabricados em sua unidade fabril de Rolândia/PR, no período compreendido entre 21/06/24 e 10/07/24:



Bala Hortelã Redzeada 30x600G	Bala Bolete Tutti Frutti 30x600G	Bala Hortelã Mint 30x600G
 <p>PRD 210624 VAL 21/06/2026</p> <p>PRD 240624 VAL 24/06/2026</p> <p>PRD 250624 VAL 25/06/2026</p>	 <p>PRD 250624 VAL 25/06/2026</p> <p>PRD 270624 VAL 27/06/2026</p> <p>PRD 280624 VAL 28/06/2026</p> <p>PRD 010724 VAL 01/07/2026</p> <p>PRD 020724 VAL 02/07/2026</p> <p>PRD 030724 VAL 03/07/2026</p>	 <p>PRD 050724 VAL 05/07/2026</p> <p>PRD 080724 VAL 08/07/2026</p> <p>PRD 240624 VAL 24/06/2026</p> <p>PRD 260624 VAL 26/06/2026</p> <p>PRD 270624 VAL 27/06/2026</p> <p>PRD 280624 VAL 28/06/2026</p>
Bala Morango Redzeada 30x600G	Dori Regaliz Tijolo 16x60G	Bala Lua Cheia Chantilly 24x600G
 <p>PRD 080724 VAL 08/07/2026</p> <p>PRD 090724 VAL 09/07/2026</p> <p>PRD 100724 VAL 10/07/2026</p>	 <p>PRD 185 VAL 03/11/2025</p> <p>PRD 186 VAL 04/11/2025</p> <p>PRD 187 VAL 05/11/2025</p>	 <p>PRD 020724 VAL 02/07/2026</p> <p>PRD 030724 VAL 03/07/2026</p> <p>PRD 040724 VAL 04/07/2026</p>
Bala Yogurte 100 Morango 24x600G	Bala Yogurte 100 Morango 24x400G	
 <p>PRD 030724 VAL 03/07/2026</p> <p>PRD 040724 VAL 04/07/2026</p> <p>PRD 050724 VAL 05/07/2026</p> <p>PRD 090724 VAL 09/07/2026</p>	 <p>PRD 020724 VAL 02/07/2026</p> <p>PRD 010724 VAL 01/07/2026</p>	

Os produtos listados nesta notificação estão sendo recolhidos de forma voluntária devido a um potencial risco de contaminação com *Salmonella Muenchen*. A ingestão de *Salmonella Muenchen* pode causar infecção gastrointestinal, cujos sintomas mais comuns são: dor abdominal, diarreia, febre e vômito.

Os pontos de venda e estabelecimentos varejistas foram orientados a interromper imediatamente a venda desses produtos, e o processo de descontaminação, limpeza e higienização da planta fabril afetada já foi concluído.

Pedimos aos consumidores que tenham adquirido produtos desses lotes que não os consumam e entrem em contato com o serviço de atendimento ao cliente da Dori Alimentos, pelo telefone 0800 707 4077, de segunda a sexta-feira, das 8:00 às 17:00 e aos sábados das 8:00 às 12:00, ou por e-mail (sac@dori.com.br), para o esclarecimento de dúvidas sobre o recolhimento e/ou sobre o processo de reembolso, sem quaisquer custos aos consumidores.

Todos os outros produtos da Dori, incluindo produtos como os acima de outros lotes e datas de validade, são considerados seguros para consumo.

A Dori reforça seu compromisso contínuo com a qualidade, transparência e a saúde e segurança de seus consumidores.

Conjuntura Incertezas jurídica e regulatória ainda são entraves para mais promessas virarem realidade

Investimentos ganham força no país, e anúncios crescem 24%

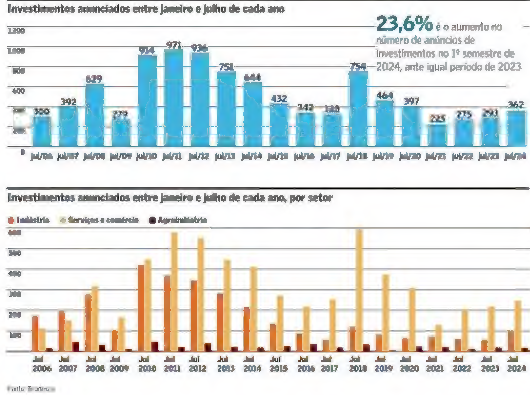
Analisa Fernandes
De São Paulo

Os anúncios de investimentos no país estão no maior patamar desde 2020, mesmo levantamento do Bradesco. Monitoramento do banco mostra que foram 362 anúncios de janeiro a julho, 23,6% mais que no mesmo período de 2023. É também o maior número desde o mesmo período de 2020 (397 anúncios).
"Temos percebido quase mês a mês esse crescimento e a gente entende que é algo mais generalizado", diz Priscila Pacheco, economista do Bradesco.
O banco acompanha anúncios em setores como indústria, agroindústria, serviços e comércio rastreáveis na internet, em jornais e mídias em geral, de empresas e governos. "Investimento, para nós, é o que aumenta a capacidade produtiva do Brasil. Pode ser, por exemplo, abertura de lojas e fabricação, construção de prédios residenciais, indústrias, comerciais e de logística; aquisição de equipamentos e frotas de veículos. Não entram, por exemplo, aquisições de empresas e compras de participações", explica Pacheco.
O Bradesco não mede o valor dos investimentos porque eles podem ser diluídos ao longo de vários anos. Além disso, empresas de capital aberto anunciam os valores em seus planos de investimentos, mas nem sempre essa informação está disponível para outros negócios.
"Conseguimos captar um momento de melhora de compra de máquinas, de investimentos em infraestrutura e em vários segmentos de indústria, varejo e serviços", diz Pacheco.
O avanço dos anúncios de investimentos está espalhado pelos setores, mas há uma tendência de

crescimento maior na indústria. No setor, os anúncios de investimentos nos sete primeiros meses de 2024 subiram 76,8% em relação a igual período de 2023. Em 12 meses, os anúncios também aceleraram. Historicamente, porém, são os serviços e o comércio que, juntos, dominam os anúncios.
"Alguns segmentos tiveram 'boom' no passado. Um exemplo clássico são os shoppings. Tive momento em que uma vez por semana tinha informação nova. Um shopping abria e todas as franquias divulgavam também anúncios, então, tinha uma combinação muito favorável. Isso não é mais verdade, porque já é um mercado mais estabelecido e maduro, mas, mesmo assim, vemos anúncios em comércio crescendo", afirma Pacheco.
Os serviços representam mais de 60% do PIB e são um segmento pulverizado, por isso, costumam englobar o maior número de anúncios, segundo a economista.
"A novidade, de pouco antes do ano passado para cá, é o setor de saneamento. Temos visto um avanço, provavelmente, por causa da nova lei, da necessidade de universalização dos serviços", afirma.
Há uns dois meses, observa, começaram a surgir anúncios mesmo em setores que não apareciam com frequência no levantamento, como a indústria de embalagens. Reportagem do **Valor** mostrou que a produção de embalagens no segundo trimestre de 2024 atingiu

Apetite menor

Anúncia de investimentos no Brasil avança nos primeiros sete meses do ano



o maior patamar desde o primeiro trimestre de 2021. "Reforça esse cenário mais positivo para investimentos", afirma Pacheco.
Segundo ela, além de novos investimentos, há um movimento de modernização em curso. "Percebemos troca de maquinário, automação. Um exemplo claro é a indústria automotiva", diz.
O maior "apetite" por anúncios de investimentos tem a ver com a confiança do empresário de que há demanda, já que a economia está aquecida, diz Pacheco. "A demanda está vindo, e as empresas têm de se preparar para isso, para serem mais eficientes, até porque a mão de obra é um fator escasso hoje", afirma.
Parte desse "apetite", diz, pode ter vindo também da expectativa mais favorável para os juros que existia no mercado — e que deixou de ser precipitada. "A possibilidade de discussão sobre subida de juros, talvez, possa retardar um pouco esse apetite, ainda que de forma temporária", reconhece Pacheco. Mas a economista pondera também que parte dos projetos anunciados já começou e não será interrompida.
Segundo Myrta Bast, superintendente de pesquisas econômicas do Bradesco, os modelos indicam que, historicamente, além do juro, a confiança dos empresários também ajuda a explicar movimentos dos investimentos.
"Curiosamente, a gente vê uma melhora dos investimentos nos dados efetivos do PIB muito explicada por confiança, nem tanto por juro. E os indicadores de confiança, tanto da nossa pesquisa empresarial quanto da FGV e CNI, não apresentaram uma mudança significativa, por mais que a gente tenha passado a ter essa discussão de, pelo menos, não ver cortes de juros num horizonte bem longo. Então, talvez, a gente ainda tenha, sim, um período de investimentos um pouco mais resistentes nesses próximos meses", afirma.
Bast nota que o PIB brasileiro tem se recuperado mais via demanda doméstica do que pela produção. "A produção tem de se encontrar um pouco com o nível de consumo, que vimos crescer nesses últimos anos. Houve certo desaquecimento e, agora, vemos os investimentos aumentando também".
Os anúncios de investimentos não têm uma correlação direta com a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), medida para os investimentos no PIB, diz Pacheco, mas ajudam a captar o "apetite por investimento". "Se você tem mais apetite hoje, se anuncia investimento lá na frente, provavelmente, está fazendo alguma coisa agora. Mas uma coisa é coleta de informação e outra é o efetivo", afirma.
Ainda assim, Pacheco observa que mesmo a FBCF tem apresentado recuperação. Nos dados recentes de PIB, nota Bast, há um aumento de compra de maquinários e das importações. "Tem alguns sinais de tentativa de recompor produção", afirma.
Nelson Rocha Augusto, presidente e economista-chefe do banco BRP, afirma que "todo mundo sabe que investimento não gosta de incerteza". No sentido de redução dessas dúvidas, diz, houve não só a consolidação de um nível de atividade mais robusto, mas as empresas também começaram a entender melhor o funcionamento do governo atual.
"Claro que a conclusão da política econômica é dinâmica e pode mudar um pouco para cá, um pouco para cá, mas estamos chegando perto do meio da gestão. As grandes decisões de investimentos, e até as pequenas, já sabem qual é o comportamento do governo", diz.



porque o Brasil tem um mercado em crescimento, com certo dinamismo, e tem excesso de demanda por investimento", diz.
Parte dessa baixa taxa de investimento, aponta, tem a ver com a taxa de poupança brasileira, que também é pequena. "O espaço para investimento público e privado é limitado", afirma.
Mas a taxa de investimento é baixa no Brasil também porque, na avaliação de Frischtak, a incerteza ainda é muito elevada. Ele se refere não apenas à volatilidade gerada por incertezas macroeconômicas — como a fiscal, que afeta a política monetária e bate no custo de capital das empresas. "Isso já é conhecido, às vezes melhora, às vezes piora, às vezes tem ruído que vem do governo, às vezes nem vem do governo. Historicamente, afeta nosso investimento. Mas, em certa medida, até mais importante é a incerteza associada à microeconomia, à 'ele não inaugura jurídica e a imprevisibilidade regulatória'", afirma.
Recentemente, por exemplo, o ministro Alexandre Silveira (Minas e Energia) e o próprio presidente Lula criticaram a atuação, respectivamente, da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) e da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). "Isso gera imprevisibilidade regulatória", diz Frischtak.
Iniciativas do governo atual para impulsionar os investimentos como a depreciação superacelerada — que permite à indústria deduzir de alguns impostos investimentos em máquinas e equipamentos — até podem surtir efeito no curto prazo, segundo Frischtak. "A literatura mostra que esse tipo de incentivo gera um impulso inicial relevante nos primeiros dois a três anos, mas, depois, ele perde dinamismo e, talvez, no médio prazo, fique 'elas por elas'", afirma.

"Empresas têm de ser eficazes; mão de obra é fator escasso hoje"
Priscila Pacheco

"Espaço para investimento público e privado é limitado"
Cláudio Frischtak

Em fase de consulta, primeira concessão florestal avança

Mirrolli Camaroto
De Brasília

O governo espera concluir ainda neste ano a primeira concessão pública para restauração florestal no país. Trata-se também do primeiro projeto de recuperação de terras degradadas lastreado em financiamento via créditos de carbono, o que pode ser um teste importante para o funcionamento deste mecanismo. O objetivo é recuperar 15 mil hectares na Floresta Nacional Bom Futuro, em Porto Velho (RO).
Ainda em consulta pública, o edital atrai interesse da iniciativa privada e é bem visto pela comunidade indígena vizinha ao território, mas ainda suscita algumas dúvidas relativas à fiscalização, regularização fundiária, financiamento e, principalmente, segurança.
Pelo que está planejado, a Floresta Nacional (Flona) Bom Futuro será subdividida em blocos que serão repassados para a administração das empresas. Das terras que ocupam o terreno trazendo a vegetação o mais próximo possível daquela original da região, explicou ao **Valor** Renato Rosenberg, diretor de Concessões do Serviço Florestal Brasileiro, órgão vinculado ao Ministério do Meio Ambien-

te e Mudança do Clima (MMA).
A estimativa é que a restauração de cada hectare degradado naquele floresta demande algo em torno de R\$ 20 mil com irrigação, corte de 800 hectares. "A gente precisa resgatar o reflorestamento. Estamos sofrendo muito com invasões de garimpeiros e de madeireiros e acho que eles [os concessionários] podem ajudar a fiscalizar a nossa região também", avalia Edilene Karitiana, uma das líderes do grupo.
Ainda não está definido, entretanto, o formato do esquema de segurança para território a ser concedido, que tem um histórico de invasões e de atuação preliminar do crime organizado. Sem poder de polícia, as empresas concessionárias precisarão de suporte relevante do Estado para operar com alguma segurança no local.
Rosenberg afirma que, na visão do governo, uma parte do risco "faz parte do próprio risco do negócio e é o mesmo para o caso de um projeto em área privada". "Por outro lado, somente o poder público tem poder de polícia e, por isso, parte deste risco será alocada no poder concedente", informou, ao lembrar que os limites da atuação de cada ator serão discutidos nas audiências públicas previstas para este mês.
Os Karitiana também têm oportunidades para a venda de mudas. A oferta de mudas para os projetos de restauração é um dos possíveis gargalos para o objetivo do governo de recuperar 12 milhões de hectares, conforme prevê o Plano de Mudanças Climáticas, pelo presidente do Serviço Florestal Brasileiro, Garo Batmanna. Na ocasião, ele estimou uma demanda de cerca de 5 bilhões de mudas de várias espécies. A produção à época estava em torno de 150 milhões de mudas por ano.
No caso das concessões, segundo Rosenberg, esse risco é privado e com poucas chances de haver problemas. "Eles [concessionários] terão um cronograma máximo bem confortável para fazer a restauração. Neste período, vão ter tempo para organizar os viveiros, sejam eles verticais, sejam horizontais", explicou.
Uma das interessadas em parti-

cipar da concorrência, a regeen! ressalta que já adota parcerias com comunidades locais em outros projetos, em especial cursos de coleta de sementes, atividade essencial na produção das mudas. Diretora de relações institucionais da empresa, Mariana Barbosa diz que a Flona Bom Futuro pode ser um marco para a restauração florestal no país, mas lembra que ainda há perguntas a serem respondidas.
"É uma modelagem única e inovadora. Vemos como agenda positiva e, ao longo dos últimos meses, temos estudado as ideias. O momento do processo é justamente fazer entender as mudanças, sair de um lugar de olhar as oportunidades e agora vir a casa ganhando forma", contou Barbosa.
Rosenberg saiu otimista das primeiras sondagens com potenciais interessados. Além da regeen!, outra interessada em participar da concorrência é a Biomas, sociedade criada em 2022 por Itaú Unibanco, Santander, Rabobank, Vale, Suzano e Maffei para atuar em reforestação e conservação.
Natalia Renteria, diretora de Assuntos Regulatórios da Biomas, avalia que a proposta da concessão "faz todo o sentido" para a empresa. Ela reitera que o sucesso de uma concessão desse tipo pode ser mar-

co para dar escala a projetos de restauração. "Para um setor que ainda está engatinhando, é muito importante. Para escalar em linha com os compromissos climáticos do país, é necessário um modelo econômico que pare em pé. E as concessões se encaixam nisso. Estamos avaliando essa oportunidade, vimos com excelentes olhos a abertura desse processo".
O cronograma do edital prevê uma consulta pública com os povos indígenas, confirmada para a próxima segunda-feira (9), na aldeia central da Terra Indígena Karitiana, em Porto Velho. No dia 10 ocorre a reunião do conselho consultivo da Flona Bom Futuro, e no dia seguinte, a audiência pública.
Após esses eventos, haverá período de duas semanas para esclarecimento de dúvidas para, então, encaminhar a versão final do edital ao TCU. O tribunal tem 75 dias para analisar o material.

"Concessões se encaixam em modelo econômico que para em pé"
Natalia Renteria

"É preciso resgatar o reflorestamento. Estamos sofrendo com invasões"
Edilene Karitiana

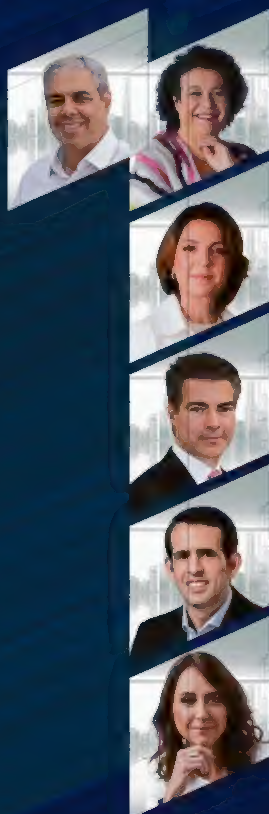
CURSO LIVE 3ª EDIÇÃO MASTER CLASS

ÚLTIMAS VAGAS

Formação Executivos de Valor

Um gestor pronto para agir diante das transformações do século 21 precisa estar alinhado às megatendências que impactam as empresas e a sociedade. Venha se preparar para ser esse líder, com aulas de professores renomados e com a experiência e o conhecimento de executivos brilhantes em encontros especiais.

**Talentos premiados guiando
sua carreira para a liderança**



WORKSHOP DE ABERTURA - total 4h

O novo contexto dos negócios

Com MILTON MALUHY (ITAÚ) e ANA FONTES (RME)

MÓDULO 1 - total 15h

Tendências da nova economia

MASTER CLASS

com PAULA BELLIZIA (AWS)

MÓDULO 2 - total 15h

Papel do líder na agenda ESG

MASTER CLASS

com MIGUEL SETAS (CCR)

MÓDULO 3 - total 15h

Da estratégia à execução

MASTER CLASS

com GUSTAVO WERNECK (GERDAU)

MÓDULO 4 - total 15h

Gestão de pessoas e liderança

MASTER CLASS

com CRISTINA PALMAKA (SAP)

100% REMOTO
FORMATO LIVE
64 horas de curso

AULAS AO VIVO
2 POR SEMANA

DE 12/09 A 24/10



**INSCREVA-SE JÁ E
GARANTA SUA VAGA:**
executivosdevalor.valor.com.br
Para inscrições corporativas:
cursos@valor.com.br

'Valor', 'O Globo' e CBN vão sabatinar candidatos à prefeitura de Rio, São Paulo e Belo Horizonte



Do Rio

A partir desta segunda-feira, os jornais **Valor** e **"O Globo"** e a rádio CBN darão início às sabatinas com os principais candidatos às prefeituras de Belo Horizonte, Rio e São Paulo. Os cinco primeiros colocados na corrida da capital mineira abrem a série: o deputado estadual Mauro Tramonin (Republicanos) será entrevistado amanhã; Fuad Noman (PSD),

atual prefeito, na terça-feira; o deputado estadual Bruno Engler (PL), na quarta-feira; a deputada federal Duda Salabert (PDT), na quinta-feira; e o senador Carlos Viana (Podemos), na sexta-feira.

As entrevistas terão transmissão ao vivo pela rádio e nos sites e redes sociais dos três veículos. Os eleitores também poderão se informar pelas reportagens e análises sobre os encontros.

Ao todo, serão três semanas de sabatinas presenciais, que terão início às 10h30, com duração aproximada de uma hora.

Em todas as capitais, as sabatinas serão conduzidas por jornalistas e colunistas dos três veículos.

los. Na capital mineira, os candidatos serão entrevistados pela colunista Bela Megale e Renata Agostini, de **"O Globo"** e da CBN, pela âncora da rádio Shirley Souza e pela jornalista Cibelle Bouças, repórter do **Valor**.

As entrevistas ajudarão os eleitores a ter mais informações sobre os candidatos, que serão questionados sobre seus programas de governo e as principais propostas. "As sabatinas são um momento único da corrida eleitoral, em que os candidatos podem ser questionados detalhadamente sobre suas propostas e suas trajetórias política e pessoal. O evento, que já virou uma

tradição do **'Globo'**, reforça nosso compromisso em fiscalizar o poder público e em fortalecer a democracia brasileira", explica Alan Gripp, diretor de redação do **"Globo"**.

As duas semanas seguintes serão dedicadas às disputas das prefeituras do Rio e de São Paulo. Dos dias 9 a 13 de setembro, de segunda a sexta-feira, serão ouvidos os cinco primeiros colocados para a disputa carioca, de acordo com a pesquisa Datafolha ou Quast mais recente.

Os entrevistadores dos candidatos do Rio serão os colunistas Lauro Jardim e Merval Pereira, do **"Globo"** e da CBN, os âncoras da

rádio Bianca Santos e Leandro Resende, e a jornalista Camila Zarur, repórter do **Valor**.

"Depois das sabatinas temáticas que fizemos com os representantes das campanhas para detalhar as propostas sobre saúde, educação, mobilidade e ordem pública, chegou a hora de ouvir os candidatos para deixar os ouvintes e leitores muito bem informados na hora de tomar a decisão sobre o voto", diz Pedro Dias Leite, diretor de jornalismo da rádio CBN.

A partir do dia 16 de setembro, os veículos entrevistarão os cinco primeiros colocados na disputa à prefeitura de São Paulo. As sabatinas da capital paulista serão con-

duzidas pelas colunistas Vera Magalhães e Malu Gaspar, do **"Globo"** e da CBN, Maria Cristina Fernandes, do **Valor** e da rádio, e pelas âncoras da rádio Débora Freitas e Fernando Andrade.

"Com essa série de sabatina em conjunto, reafirmamos, mais uma vez, nosso propósito de levar o máximo de informação possível às nossas audiências. Com profissionais dos três veículos participando, há uma complementaridade importante das questões levantadas. É também conseguimos ampliar o alcance das entrevistas", afirma a diretora de redação do **Valor**, Maria Fernanda Delmas.

Eleições Momento mais tenso foi quando tucano saiu do púlpito e se dirigiu a candidato do PRTB

Marçal e Nunes foram os maiores alvos em debate marcado por agressões

Cristiane Agostini e Cristiane Favaro
De São Paulo

Com um clima belicoso, o debate com cinco candidatos à Prefeitura de São Paulo promovido pela TV Gazeta e pelo canal My News na noite do domingo (01) foi marcado pela troca de ofensas e por acusações sobre a infiltração do crime organizado em São Paulo.

O debate contou com a presença do deputado federal Guilherme Boulos (Pso), do influente Pablo Marçal (PRTB), do prefeito Ricardo Nunes (MDB), do apresentador José Luiz Datena (PSDB) e da deputada federal Tabata Amaral (PSB).

O momento mais tenso foi protagonizado por Marçal e Datena, que se provocaram, trocaram acusações e por pouco não se agrediram fisicamente. Depois de o candidato do PSDB ter falado que o "influencer" tentou fazer um acordo eleitoral antes do primeiro debate da TV Bandeirantes, os ataques entre os dois se intensificaram e Datena deixou o púlpito onde estava para enfrentar, cara a cara, Marçal, no terceiro bloco. A mediadora,

Denise Campos de Toledo, chamou a segurança, e o tucano voltou ao seu lugar. Com o clima tenso, o bloco foi encerrado antecipadamente. As provocações continuaram no intervalo e depois do fim do debate, não só entre os dois candidatos, mas também entre integrantes das campanhas do PRTB e do PSDB.

Datena afirmou que Marçal degradava o debate e ameaçava a democracia. "Você nos faz atores passivos de um filme de horror", acusou pelos vídeos, Marçal disse que seus adversários compunham "um consórcio comunista" que passou a atacá-lo em função de ter se tornado um dos líderes das pesquisas.

A infiltração do crime organizado na cidade permeou todo debate, entre críticas a Pablo Marçal e sua suposta ligação e de integrantes de seu partido com o PCC, e também sobre a participação de facções criminosas em contratos da gestão Ricardo Nunes, como em empresas de ônibus.

Já no início do debate, Nunes atacou Marçal a quem chamou de "Pablito" e lembrou que o candidato do PRTB já foi preso



Debate na Gazeta: Marçal foi chamado de "chutuchuca do PCC", Nunes de "ladrocininho", Datena de "hulô", Boulos de "sem vergonha" e Tabata de "garota"

por participar de uma quadrilha de fraude a bancos. Nunes fez menção a áudios obtidos na investigação a que Marçal respondeu, em 2005, divulgados neste domingo pelo portal UOL. Nos áudios, Marçal era chamado pelo diminutivo.

O prefeito disse que integrantes do PRTB "tem ligação estreita com o PCC" e que o piloto de Marçal seria ligado ao narcotráfico. Marçal provocou Nunes, a quem chamou de "bananinha", e disse que ele perdeu o apoio do bolsonarismo. "Como é ter Bolsonaro de amante? Você gosta muito dele e tem que esconder no bolso. Nenhum bolsonarista te apoia", disse o influencer. "Da

um jeito de ganhar para você se manter blindado, senão vai para cadeia. Não fui eu que defendi empresa de ônibus do PCC", afirmou o candidato do PRTB. Nunes retrucou e chamou o "Pablito" de "chutuchuca do PCC".

Datena minou nos dois adversários da direita. "Dentro do governo do Ricardo Nunes tem o crime organizado andando de ônibus e ele [prefeito] não sabe de nada. O outro candidato [Marçal] é um estelionário virtual", disse o candidato, afirmando na sequência que elegeu Nunes e Marçal é "elegar o crime organizado". "Não resolve qualquer problema de segurança se não atacar o PCC, o crime organizado e outras organizações infiltradas na política", disse. "O crime organizado está chegando com milícias, está financiando e elegendo políticos de São Paulo", afirmou o candidato.

Boulos disse que São Paulo não pode ficar refém do "banditismo nem do bolsonarismo", em críticas a Marçal e Nunes. Mas duran-

te o debate trocou xingamentos com o prefeito, a quem chamou de "ladrocininho", sendo chamado de "sem vergonha".

Datena afirmou, em diversos momentos, que o "crime organizado está se infiltrando na política" e disse que a "democracia brasileira corre o risco de virar a Colômbia", fazendo referências a Pablo Escobar, líder do cartel de Medellín, morto em 1993 e retratado em minisséries e filmes recentemente. Tabata Amaral aproveitou a deixa para ressaltar a coincidência de prenome entre o candidato colombiano e o candidato do PRTB.

O candidato do PSDB, contudo, voltou a fazer carga sobre o prefeito e lembrou também de uma operação do Ministério Público que identificou a atuação de guardas civis metropolitanos em uma milícia na região da Cracolândia. Nunes afirmou que Datena já teria sido condenado por fazer imputações falsas de crime, repetindo resposta dada no primeiro embate entre os dois, no

debate da TV Bandeirantes.

Durante o debate, Boulos, Datena e Tabata se pousaram de ataques diretos e por diversas vezes fizeram dobradinhas para atacar a gestão de Nunes e Pablo Marçal. Tabata afirmou que ingressou com ação na Justiça Eleitoral contra Marçal, por uma nova acusação de financiamento ilegal e suposto uso abusivo de poder econômico.

A candidata indicou ainda que o suposto caixa dois da campanha de Marçal tem ligação com lavagem de dinheiro e o crime organizado. "Quem financia e a quem interessa a candidatura de Pablito?", questionou.

O adversário retrucou chamando-a de garota e, debochando, indagou: "Qual a sensação de bater em alguém e esse alguém cair para cima?". Enquanto Tabata respondia, Marçal ficava fazendo mímicas, fazendo com as mãos o "M", uma das marcas da sua campanha, e seu número de urna. (*Colaboraram César Felício e Marcelo Coppola*)

Terceiro bloco do debate foi interrompido por mediadora para restabelecer ordem

Debate mostra que, na TV, fórmula de Marçal se esgotou

Análise

Maria Cristina Fernandes
São Paulo

Sem tempo na propaganda eleitoral gratuita, Pablo Marçal tem, nos debates, a única oportunidade de buscar o eleitor que não está ao alcance de suas redes sociais. Naquele da TV Gazeta/Canal My News, na noite deste domingo, falhou. Foi encerrado por quatro adversários, Ricardo Nunes (MDB), Guilherme Boulos (Pso), Tabata Amaral (PSB) e José Luiz Datena (PSDB), que apressaram novas denúncias e aumentaram o tom contra sua candidatura.

A fórmula de Marçal, focada nos xingamentos — "bananinha" (Nunes), "boulos" (Boulos) ou "Chutuchuca" (Tabata) — parece ter se esgo-

tado. A imagem que se fixa é a de "provocador". Em mais de um grupo de eleitores reunidos para avaliar o debate, porém, houve queixas generalizadas sobre o nível do debate e a ausência de propostas.

Com ataques fundamentados em documentos publicados em suas redes durante o debate, Tabata e Boulos foram os mais pousados pelas queixas dos grupos. Nunes, segundo mais atacado, teve dificuldade de se defender. Só não teve o desempenho mais apagado que Datena, que desrespeitou as regras ao deixar seu púlpito para se aproximar de Marçal.

Tabata, como havia prometido, anunciou a terceira ação de sua campanha contra Marçal durante o debate. Como antecipado pelo **Valor**, a candidatura do PSB, nesta representação, acusa o adversário do

PRTB de enviar e-mails para ex-alunos de seus cursos propagando os novos perfis criados depois do bloqueio determinado pela Justiça eleitoral nas redes do candidato. De acordo com a representação, Marçal desrespeitou a Lei Geral de Proteção de Dados ao se valer das listas de e-mails de suas empresas para fazer propaganda eleitoral.

Já Boulos, que, no primeiro dos confrontos, na TV Bandeirantes, reagiu com destempero à provoca-

ção de Marçal com sua carteira de trabalho, exibiu em suas redes, durante o debate, um vídeo que trouxe uma ação trabalhista contra o candidato do PRTB. Nesta ação, um funcionário contratado para uma fazenda de Marçal (Resort Digital), em Porto Feliz (SP), o acusa de tê-lo obrigado a abrir uma Microempresa Individual (MEI) como subterfúgio à carteira assinada, além de não tê-lo ressarcido de várias despesas que se fizeram necessárias à prestação de serviços na horta e na cozinha do hotel.

Marçal ainda foi confrontado com a acusação que entregou a um acusado de integrar organiza-

ção criminosa para que o representante junto a órgãos públicos, Tácio Loran, do portal Metrópolis, contou que o empresário e piloto Orlando Girolin, representante

legal de Marçal, é acusado pelo Ministério Público Federal de atuar na aquisição e ocultação de aeronaves para o transporte de 5,1 toneladas de cocaína da Bolívia para o Brasil. O candidato do PRTB não conseguiu explicar a contratação do piloto, limitando-se a dizer que desmencinaria suas ligações com o crime. "PCC são os patrões contra os comunistas", apelou.

Nunes também abandonou a postura mais neutra em relação a Marçal adotada no debate da Bandeirantes, chamando-o de "Pablito" e relembrando os processos acumulados pelo candidato do PRTB — "bananinha na mão que você comê na cadeia, chutuchuca do PCC". Tratado por Boulos como a "outra face" de Marçal, acusou o candidato do Pso de "invasor, sem-vergonha e sem-caráter" mas

teve dificuldade de responder às questões mais propositivas. O candidato do Pso o questionou sobre a privatização da Sabesp, que chamou de "Enel da água", por conta dos apêgios sucessivos na capital, e pela conclusão de apenas quatro novos corredores de ônibus. Já a candidatura do PSB lembrou a queda de São Paulo no ranking de alfabetização, no que não foi contestada pelo prefeito e candidato à reeleição.

Tabata escorregou nos "exponentes" e Boulos passou do ponto ao se referir a Nunes como "ladrocininho de creche", mas foram os candidatos de melhor desempenho num debate marcado pela reação ao único que, como lembrou o jornalista Josias de Souza, já assumiu ter entrado nesta disputa para se valer da "idiotice" do eleitor.

O PT conhece o eleitor de Marçal há anos e ignora

fora a decisão de Alexandre Moraes de tirar o X-Twitter do ar, as conversas sobre política nas últimas semanas giram sobre um só personagem: Pablo Marçal.

Muito se tem falado de seus métodos (os legítimos e os ilegais) comerciais, de seu marketing digital aplicado à campanha eleitoral e até mesmo a sua postura ideológica (o que como caracterizou a cientista política Ana Carolina Evangelista), mas pouco atira de fato sobre o seu potencial eleitoral.

E o mais interessante é que os eleitores que aderem em velocidade e constância a Marçal hoje (não só em São Paulo, mas no Brasil todo) já vêm sendo mapeados há anos pelo PT, embora ninguém tenha dado a importância devida a esse fenômeno.

Nas eleições municipais de 2016, o então prefeito, Fernando Haddad, mesmo apoiado por Lula e Dilma Rousseff, foi derrotado por João Dória no primeiro turno, com menos de um terço dos votos válidos (53,3% a 16,7%). O tucano venceu em todas as regiões da cidade, com a exceção da zona sul, onde o PT venceu. O então prefeito, João Dória, foi derrotado por João Dória, com a maioria dos eleitores preferiu Marta Suplicy

(então no MDB).

Plenário por ter perdido por larga margem até os bairros mais pobres da cidade, onde tradicionalmente era muito bem votado. O PT resolveu investigar as causas do desempenho tão ruim. Especialistas contratados pela Fundação Perseu Abramo realizaram então uma série de entrevistas qualitativas entre novembro de 2016 e janeiro de 2017 para entender o que pensava o morador dessas regiões.

Apesqusa "Percepções e Valores Políticos nas Periferias de São Paulo" revelou um eleitor muito diferente do estereótipo utilizado nas análises políticas.

Para o PT e a esquerda em geral, a conclusão mais surpreendente dizia respeito às atitudes racistas e xenofóbicas paulistanas a respeito de sua classe social e do próprio Estado.

Cito textualmente algumas das constatações da pesquisa: "No imaginário da população não há luta de classes, o inimigo é, em grande medida, o próprio Estado ineficaz e incompetente", não o patrão explorador.

Os moradores do subúrbio e o patrão são diferentes, mas não existe no discurso desses eleitores

relação de exploração, um processo do outro, estão no mesmo barco". E assim "todos são vítimas do Estado, que cobra impostos excessivos, impõe entraves burocráticos, gerencia mal o crescimento econômico e acaba por limitar ou sufocar a atividade das empresas".

Longe de terem sido abduzidos pela ideologia neoliberal, a pesquisa do PT aponta para o fato de que o "liberalismo popular" bem recebido na penina da capital econômica do país, uma população que havia progredido economicamente com o Plano Real e as políticas sociais dos governos Lula e Dilma, que tinha "forte desejo por visibilidade e valorização pessoal" e que acreditava no trabalho e no esforço como instrumentos de ascensão social.

Para os pesquisadores da Fundação Perseu Abramo, o PT precisaria compreender melhor esse fenômeno, pois as entrevistas apontavam que esse eleitorado "tem a igualdade de oportunidades como ponto de partida e a defesa do mérito

qualidade e em reduzir desigualdades".

Boa parte desse descrito em relação ao Estado vinha de uma forte desconfiança com a política institucional, vista como "suja" e "cheia de gente mau caráter". Para os entrevistados, a solução passaria pela ascensão de "gente do bem e a fim de trabalhar" e de parcerias do poder público com empresas privadas desvinculadas dos resultados dessa pesquisa, apontando problemas metodológicos (amostra muito pequena) ou vieses ligados ao timing da pesquisa — em meio a uma crise política (a Lava Jato) e logo após a vitória de Dória, que exacerbava esses valores pró-mercado na sua propaganda política.

Em 2017, em setembro de 2017, o então prefeito, Fernando Haddad, mesmo apoiado por Lula e Dilma Rousseff, foi derrotado por João Dória no primeiro turno, com menos de um terço dos votos válidos (53,3% a 16,7%). O tucano venceu em todas as regiões da cidade, com a exceção da zona sul, onde o PT venceu. O então prefeito, João Dória, foi derrotado por João Dória, com a maioria dos eleitores preferiu Marta Suplicy

vencer na vida". Nesse caso, "trabalhador" é visto como adjetivo (sinônimo de lutador esforçado, empenhado) e não substantivo (posição numa sociedade de classes).

Para esse público, "o padrão de consumo é o que dita a percepção de classe". Ou seja, o mundo não é dividido entre patrões e empregados, mas entre ricos, classe média e pobres. Nesse contexto, há uma crítica de classe, a aceitação social e econômica é possível e que pessoas mais pobres podem ser "ricos um dia" desde que sejam "batalhadores, fortes e persistentes".

Essa batalha para "ser alguém na vida", dois núcleos sociais proveem os valores e seu espaço de acolhimento a família e a igreja.

Dito Marçal tomou-se milhar, mas o problema é a luta da prosperidade a esse público. O grande desafio que a política tradicional tem é evitar que ele converta esses seguidores em votos — e isso não é um problema só de São Paulo.

Bruno Carrazza — professor associado da Fundação Dom Cabral e autor de "Patos das Privilegiadas" e "Lutas e Deslizes, Eleições e Poder" ambos em parceria com o jornalista e escritor Enríque das Segundas Feiras. E-mail: bruno.carrazza@gmail.com

as Brasil

AES BRASIL OPERAÇÕES S.A.

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

POTENGI HOLDINGS S.A.

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

BRASIL, MAIO CONVERSIÃO EM AÇÕES, DA ESPERANÇA QUANTO À

Informação, análises e conteúdo aprofundado. Tudo isso você lê no Valor.



César Felício

Pergunte aos dados

Esquerda larga atrás no conjunto das pesquisas

A primeira rodada quase completa de pesquisas para a eleição municipal nas capitais e nos maiores municípios do interior, realizadas em agosto de 2024, mostra um cenário desalentador para a esquerda e para o PT, em especial.

Nas 11 capitais em que o panorama atual é de definição em primeiro turno, apenas Recife, com João Campos (PSB), deve permanecer nas mãos da esquerda. Onde há segundo turno mais provável, em outras 13 capitais, o PT não lidera em nenhuma e está em segundo em Porto Alegre e Teresina.

Conta com chance de ir ao segundo turno em Curitiba, Campo Grande e Belo Horizonte, mas per enquanto não está se garantindo. Seus candidatos nessas capitais estão empatados no limite da margem de erro com o segundo colocado.

O Psol está em primeiro lugar em São Paulo, com Guilherme Boulos (SP), em uma aliança de esquerda, mas em uma situação frágil, empatado com Pablo Marçal (PRB), da ultradireita, e Ricardo Nunes (MDB), alinhado ao bolsonarismo.

O PSB é competitivo em Curitiba e o PDT está em segundo lugar em Fortaleza, em uma conjuntura de afastamento em relação aos outros partidos deste campo ideológico. Em Belo Horizonte, a pedetista Duda Salabert está empatada em segundo com Bruno Engler (PL).

Onde partidos de esquerda participam da aliança, mas sem encabeçar a chapa, o resultado também não impressiona. Eduardo Paes (PSD) é favorito para se reeleger no primeiro turno no Rio de Janeiro e os emedebistas Igor Normando e Marcus Alexandre devem ir ao segundo turno em Belém e Rio Branco apoiados por uma ou mais siglas da esquerda.

Do lado bolsonarista, o panorama é melhor, mas longe das previsões otimistas do presidente nacional do PL, Valdemar Costa Neto, que apostava na eleição de até oito prefeitos de capitais. Deve reeleger no primeiro turno João Henrique Caldas em Macaé. Em Rio Branco Tião Bocalm terá dificuldades em obter um novo mandato. Está empatado com Marcus Alexandre (MDB). O partido deve ir ao segundo turno em Palmas, Curitiba, Belém e Aracaju, mas em um quadro de dificuldades para formar alianças no segundo turno.

Em Belo Horizonte, uma das

grandes apostas do partido, Bruno Engler, está em segundo, mas seguramente ameaçado pela visão de campo da direita. Engler não conta com o apoio do governador Romeu Zema (Novo), que fez hoje uma aliança com Mauro Tramonte, do Republicanos. E ainda enfrenta a concorrência de Carlos Viana, do Podemos. Uma vitória de Tramonte em Belo Horizonte será uma vitória da direita, mas não do bolsonarismo.

Único candidato extremista da direita competitivo nas capitais nesse instante é Pablo Marçal em São Paulo. Marçal tenta se associar ao bolsonarismo e concorre sem apoio de estruturas políticas, como "outsider". Candidatos como Marçal tiveram bastante sucesso nas eleições municipais de 2016, mas esse ano, com exceção dele, estão em baixa.

No resto do país os candidatos de direita que encabeçam as pesquisas estão ligados a forças mais tradicionais da política. Capitão Wagner (União Brasil) em Fortaleza, por exemplo, foi alinhado ao bolsonarismo no passado, mas começou a se distanciar dessa corrente na eleição de 2022. Eduardo Pimentel (PSD), competitivo em Curitiba, conta com o apoio do PL, mas pertence ao grupo de governador Ratinho Júnior (PSD). Bruno Reis (União Brasil) em Salvador também é apoiado pelo bolsonarismo, mas sua reeleição deve fortalecer sobretudo o ex-prefeito ACM Neto.

O cenário impõe a inação das capitais, sendo o caso mais emblemático o de Macapá, onde o prefeito, Doutor Hurlan (MDB), conta com nada menos que 9,3% de intenção de voto e zero por cento de reprovação. O principal grupo político do Estado, liderado pelo senador Davi Alcolumbre, o governador Clefêo Luís e o ministro do Desenvolvimento Regional Waldez Góes, optou por se abster da eleição. Mas não faltam adversários a Furlan, que enfrenta PSDB, Republicanos, Psol e Novo.

O conjunto das 24 pesquisas nas capitais (não há levantamentos recentes em Goiânia e São Luís) mostra o União Brasil em melhor situação que PL e PT. O partido é favorito para ganhar no primeiro turno em Salvador e Porto Velho e disputa hoje o segundo turno na primeira colocação em Fortaleza, Curitiba, Teresina e Campo Grande. É competitivo ainda em Curitiba, Aracaju e Manaus.

Entre as siglas mais conservadoras PP e Republicanos também largam relativamente bem, tendendo a reeleger respectivamente no primeiro turno Cleto Lucena em João Pessoa e Lorenzo Pazolini em Vitória. São duas siglas entretanto que apostaram mais em municípios do interior. O PSD tende a reeleger no primeiro turno no Rio e conquistar Natal, com o

ex-prefeito Carlos Eduardo Alves. Ainda iria para o segundo turno em primeiro lugar em Florianópolis e Curitiba.

O MDB levitaria no primeiro turno as pequenas Macapá e Boa Vista e iria para o segundo turno em primeiro lugar em Porto Alegre e em segundo em Belém e Rio Branco. Conta ainda com chances em São Paulo e Aracaju.

Tanto PSD quanto MDB estabeleceram alianças tanto à direita quanto à esquerda. Tendem a sair das listas mais ao centro do tabuleiro político.

Nos municípios do interior com pesquisas disponíveis em agosto o panorama também é amplamente favorável a partidos mais conservadores. Em São Paulo, o PL fez levantamentos em Guarulhos, Ribeirão Preto, Itaubaté, São José dos Campos e Campinas. Com exceção de Guarulhos, onde o ex-petista Fêli Petá lidera, mas deve enfrentar um segundo turno, nas demais cidades há um duelo entre os partidos que orbitam em torno do governador Tarciso de Freitas (Republicanos). O Republicanos está em primeiro em Campinas e Itaubaté e o PL lidera em São José dos Campos.

Em Ribeirão Preto quem lidera as preferências é o PSD. No Rio de Janeiro, o instituto fez um levantamento em Nova Iguaçu, onde o PP vem em primeiro e o União Brasil em segundo. No Pataná, o Atlas Inte, identificou liderança do PSDB em Ponta Grossa e do PSD em Londrina. Em todos esses casos os duelos se dão entre aliados dos governadores.

A sorte dos governadores menos conservadores é diferente. Em Pernambuco, as primeiras pesquisas indicam dificuldades para a governadora Raquel Tiyra, do PSDB. Além da quase certa derrota em Recife, o grupo político da governadora também está ameaçado em seu reduto, Caruaru, onde foi prefeito. De acordo com pesquisa do Ipespe, Rodrigo Pinheiro (PSDB) e José Queiroz (PDT) estão empatados, 35% a 34%. Queiroz é um aliado do principal adversário de Raquel, o prefeito do Recife João Campos.

O cenário também é complexo no Ceará, onde o governador é Hmano de Freitas (PT), mas o líder político é o ministro da Educação, Camilo Santana, também petista. Além das dificuldades em Fortaleza, um levantamento Atlas Intel mostrou o PT atrás também em Juazeiro do Norte, principal cidade do Cariri, a região de Santana. Lá quem lidera é Gledson Bezerra, do Podemos. O predomínio conservador não surpreende. Era esperado mesmo por dirigentes de partidos de esquerda desde o ano passado.

César Felício é repórter especial de Política em Brasília.

E-mail: cesar.felicio@valor.com.br

PL e PT tropeçam nas capitais

Candidatos competiram para 2º turno, segundo Quêst e Ipespe

	Partido	Espectro da aliança	Intenção de voto mais recente - %
São Paulo			
Guilherme Boulos	Psol	Esquerda	23
Pablo Marçal	PRB	Direita	19
Ricardo Nunes	MDB	Centro-direita	19
Belo Horizonte			
Mauro Tramonte	Republicanos	Direita	38
Duda Salabert	PDT	Esquerda	12
Bruno Engler	PL	Direita	12
Fuad Noman	PSD	Centro-direita	9
Carlos Viana	Podemos	Direita	8
Rogério Corrêa	PT	Esquerda	6
Porto Alegre			
Sebastião Melo	MDB	Centro-direita	36
Marta do Rosário	PT	Esquerda	31
Fortaleza			
Capitão Wagner	União Brasil	Direita	31
Jose Sarto	PDT	Centro-esquerda	22
Curitiba			
Eduardo Pimentel	PSD	Direita	19
Guilherme Pires	PSB	Esquerda	18
Roberto Requiao	Mobiliza	Esquerda	18
Rey Casprini	União Brasil	Direita	14
Manaus			
Deiwar Neto	Avanço	Direita	37
Antônio Mendes	Cidadania	Centro	17
Roberto Cidade	União Brasil	Direita	15
Teresina			
Sélio Mendes	União Brasil	Direita	46
Fabio Nair	PT	Centro-esquerda	37
Rio Branco			
Tião Bocalm	PL	Direita	64
Marcus Alexandre	MDB	Centro-esquerda	43
Florianópolis			
Tapanes Neto	PSD	Direita	46
Diego Berger	PSDB	Centro	16
Margarito	Psol	Esquerda	13
Cuiabá			
Eduardo Botelho	União Brasil	Direita	31
Adilson Cruz	PL	Direita	25
Lúcio Cabral	PT	Esquerda	21
Campo Grande			
Rose Modesto	União Brasil	Direita	33
Belo Pereira	PSDB	Centro-direita	15
Adriane Lopes	PP	Direita	14
Carolina Jara	PT	Esquerda	9
Belém			
Eduardo Paes	PL	Direita	33
Igor Normando	MDB	Centro-esquerda	21
Palmas			
Janard Valcan	PL	Direita	38
Sequerra Campos	Podemos	Direita	32
Aracaju			
Enilson Correia	PL	Direita	26
Diego da Cunha	MDB	Centro	19
Yndira Moura	União Brasil	Direita	13

Candidatos que disputaram como vencedores no primeiro turno

Capital	Candidato	Partido	Espectro da aliança
Recife	João Campos	PSB	Esquerda
Macapá	Douglas Furlan	MDB	Centro
Salvador	Bruno Reis	União Brasil	Direita
Rio	Felipe Freire	PP	Centro-esquerda
João Pessoa	Cleto Lucena	PP	Direita
Natal	Carlos Eduardo	PSD	Direita
Porto Velho	Morano Cavallini	União Brasil	Direita
Vitória	Lorenzo Pazolini	Republicanos	Direita
Boa Vista	Alcides Henriques	MDB	Centro-direita
Macapá	João Henrique Caldas	PL	Direita

Fonte: Quêst e Ipespe. Pesquisas realizadas em agosto. O valor representa o partido da aliança vencedora no primeiro turno.

AQUI, SEU ANÚNCIO ENCONTRA O PÚBLICO CERTO. ANUNCIE!

EM DIFERENTES PLATAFORMAS E EM DIVERSOS CONTEXTOS, AS MARCAS DA EDITORA GLOBO SÃO A MELHOR OPÇÃO PARA O SEU ANÚNCIO, PORQUE ENTREGAM O QUE CADA PÚBLICO QUER: CONTEÚDOS DE QUALIDADE COM CREDIBILIDADE

ACESSE EDITORAGLOBONEGOCIOS.COM.BR E SAIBA MAIS.

Indústria bancária

Jairo Saddi



Primейро, bancos são fundamēntais em uma economia. Qualquer país desenvolvido precisa ter bancos fortes e baratos. O fato de cinco bancos estarem no topo das empresas mais lucrativas listadas na B3 no 2º trimestre deste ano (Itaú, R\$ 8,9 bilhões), Banco do Brasil (R\$ 8,9 bilhões), Bradesco (R\$ 4,72 bilhões), Santander (R\$ 3,25 bilhões) e BTG (R\$ 2,82 bilhões) tem relação direta com o capital investido (a soma dos cinco maiores é equivalente a R\$ 694,3 bilhões), o que corresponde a menos de 4% de retorno no trimestre, comparado com pouco mais da metade do CDI no mesmo período. Isso demonstra que o retorno ponderado pelo risco que tornam não é exatamente exorbitante. Dito isso, é claro que bancos são lucrativos. A margem líquida de todas as empresas listadas na B3 foi, no mesmo período, de 2,4%.

Segundo, como já se disse no

passado, bancos são negócios realmente únicos, a começar pelo fato de que o melhor ativo de um banco é o seu passivo: são os clientes e depositantes que justificam a franquia bancária e, sem ela, nada mais existia. Mas bancos, como intermediários financeiros por excelência, correm riscos e, para existir, precisam ser remunerados.

Do ponto de vista da indústria bancária, nos últimos três anos, bancos, como corporações, foram investimentos apenas medianos. Apenas em 2024 é que as ações voltaram a subir de um modo mais consistente, revelando, como não poderia deixar de ser, três aspectos fundamentais: maiores e crescentes receitas com o ciclo de crédito mais virtuoso, maior eficiência mais controlada e em níveis em que o custo de crédito é mais aceitável e maior controle de despesas operacionais e fixas.

No Brasil, bancos têm governança sofisticada, até pelo fato de que a regulação bancária o exige e qualquer mudança no setor tem impacto imediato. Mas se o setor bancário ainda tem panorama favorável, o preço dos bancos na Bolsa tem comportamento incerto e, para muitos analistas, ainda está baixo na sua relação preço do ativo/preço contábil, sendo que os movimentos recentes de alta podem ser explicados, talvez, pela recuperação e/ou rebalancamento de portfólios de

mutuos investidores institucionais. Isso considerado, o mercado sobre no boato e, cá, no fato.

Outro aspecto relevante é o comportamento da concorrência dos grandes bancos, representada pelos chamados insurgentes ou pelas fintechs. Com uma base significativa de clientes e alguns mais vantajosas assimétricas (sujeitas a um bom debate), muitos desses players ainda precisam executar uma boa estratégia na concessão de crédito e dosar o apetite a riscos compatível com o retorno que o mercado espera.

Mas a proliferação de inúmeros participantes novos, os chamados neobancos, hoje se resume a poucos players que conseguem atender a um público específico que, até pouco tempo, estava desatendido ou desgostoso com seus bancos incumbentes. Muitos analistas têm se referido ao sucesso de tais poucas instituições como a estratégia "the winner takes it all", em referência aos vencedores e vencidos.

Trata-se da hipótese de que os melhores desempenhos conseguem capturar parcela muito grande (muito maior) das recompensas e dos ganhos, deixando os demais concorrentes com muito pouco do que resta. A expectativa do vencedor amplia as disparidades do valuation de suas instituições, porque alguns poucos captam quantidades cres-

centes de receita que, de outra forma, seriam mais amplamente distribuídas por todo o mercado.

Parte do crescimento das fintechs resulta não vem da tecnologia, mas da conjuntura econômica, da maior massa salarial, do menor desemprego e do endividamento das famílias sob controle, o que resulta em um ciclo virtuoso de crédito. Outro fator foi a renegociação bem-sucedida de dívidas inadimplidas iniciada com o programa estatal Desempenho. Claro que a dinâmica de preço de ativos, que reflete isso tudo, é a somatória de expectativas diversas, inclusive de investidores estrangeiros que contribuem com o fluxo de moeda estrangeira.

Os bancos, como corporações, foram investimentos apenas medianos nos últimos três anos

E, por falar em estrangeiros, alguns também têm olhado para o exterior. Quanto aos bancos, seguem se internacionalizando? Transplantar mercados é sempre um desafio e conseguir crescer culturas em outros mercados é sempre complexo e a necessidade de capital pode ser gigantesca. Bancos de varejo, em geral, são locais e precisam da cultura doméstica, e

isso só vem com a experiência. Mas o desafio está posto e é um meio de diversificar o risco alocando capital em mercados estrangeiros.

Já se disse que banqueiro bom é aquele que entende o ciclo de crédito. É somente com boa bancarização, em um país de baixa penetração de produtos bancários, é que banqueiros vão continuar a ganhar dinheiro. Mas nossa realidade (crédito/PIB) ainda é baixa e há espaço para inovação e melhores serviços.

Finalmente, não se pode, como já se disse, desassociar bancos da conjuntura. Historicamente, bancos foram bons pagadores de dividendos e ajudaram a democratizar a participação dos pequenos investidores em Bolsa. Mas, como qualquer investimento de renda variável, é preciso prazo e tempo para geração de valor. E, aqui, as perspectivas para o futuro são mais incertas, fazendo com que muitos não se aventurem em ampliar posições de instituições financeiras em suas carteiras.

Mas acreditar em bancos é, no final das contas, acreditar no Brasil. For small caps e commodities (petróleo, energia e minério de ferro) no índice Ibovespa, os bancos representam quase 26% do índice e são, de longe, o maior setor do país em Bolsa.

Jairo Saddi é advogado em São Paulo. Escreve mensalmente as segundas-feiras.

Frase do dia

"Houve mais demanda do que se imaginava no segundo trimestre e isso deve catapultar o ano inteiro".

De Economist de Azara, economista-chefe do UBS BB, que estima um crescimento de PIB de 2,8% em 2024

Cartas de Leitores

Letitória interrompida

Por que você para de ler um livro? Segundo Isabel Clemente, jornalista e mestre em escrita criativa pela Royal Holloway, University of London, em artigo Valor de sexta-feira com o título "Por que você para de ler um livro?", nos apresenta com a seguinte afirmação: "A tomada de decisão passa pelo reconhecimento de padrões, algo que depende de raciocínio, memória, percepção e atenção".

Isso me faz crer que não existe indivíduo pronto para assumir determinadas tarefas ou desafios, haja vista sua base intelectual construída. A literatura nos faz viajar, mas depende até onde podemos chegar com a capacidade de interpretar fatos reais ou fictícios.

E ainda, a fim de justificar parágrafo que, eva ao leitor refletir, encerra citando a bela frase de Jacques Lacan: "Carla um alcança a verdade que é capaz de suportar" revelando a meditação que, a respeito das vezes quando se aproxima de sua análise de algo que, por desconforto ou o alívio de suas crenças, acaba por desistir da leitura.

Por fim, acredito que bons livros e textos bem escritos causam curiosidades e que associam fatos a realidade humana, tendem a chamar maiores atenção e benefícios aos leitores.

Roberto de Andrade
rie.andrade@hotmail.com

Planalto II

O fantasma de Dilma Rousseff parece circundar o Planalto. Lula lança mais um plano para incrementar o Auxílio Brasil, elevando de 5,6 milhões para 20,8 milhões o número de beneficiários até 2026. Torna a verba que não tem, com gasto subindo de R\$ 3,4 bilhões para R\$ 13,6 bilhões. Para cobrir esta despesa, diga-se fora de hora, o presidente, como sempre, manobra, pretende utilizar recursos do Fundo Social do Pre-Sal que, perigosamente, pode significar uma "pedalada fiscal". Pela Lei de Responsabilidade Fiscal, o governo precisa apresentar compensação como garantia para utilizar verbas do Fundo Social do Pre-Sal. O Planalto não deveria estar, até porque a oposição está com todos arregalados em cima.

Paulo Carlos de Almeida
paulocarlosa1@hotmail.com

Educação

Relutância análise feita pelo professor Nercio Filho no Valor de 30/08/2024. Penso que um grande vetor que ajude a aumentar produtividade será a tecnologia. Com ela conseguiremos diminuir em boa parte, a força apostada na inflação oriunda do gasto público.

Porém, a tecnologia tem um certo limite de produtividade e do outro lado está o gesto por imprimir dinheiro da parte do governo não parece querer acabar.

Talvez uma maior taxa de natalidade possa nos ajudar economicamente no futuro.

Marcos Viana
marcosviana1@educacao.ufrpa.com

'Banco dos pobres' ajuda a imbuir a economia com experiência do mundo real. Por Antara Haldar

O que as microfinanças podem ensinar

A economia é um assunto sem sentido", disse Muhammad Yunus, ganhador do Prêmio Nobel da Paz, pioneiro das microfinanças e economista por conta própria. Ele não imaginava que logo teria a oportunidade de demonstrar o que queria dizer após a destituição da primeira ministra autocrática de Bangladesh, Sheikh Hasina, no início deste mês. Yunus foi escolhido para liderar o governo no início do país, fundada em 1971 após uma sangrenta guerra de independência. Bangladesh é um improvável candidato a garoto-propaganda do desenvolvimento, devido à explosão de sua população e à grande vulnerabilidade a desastres naturais. No entanto, na década de 1990, Bangladesh tinha revindicação confiável para esse título. Enquanto muitos outros países em desenvolvimento eram subjugados pelo neoliberalismo de Washington, figuras de Bangladesh, como Yunus (com seu Fundo Bank) e Fazle Abed (fundador da organização sem fins lucrativos BRAC, de combate à pobreza), estavam aproveitando uma terceira ferramenta além do Estado e do mercado: a sociedade civil.

Trabalhando como um jovem pesquisador do desenvolvimento em Bangladesh no início dos anos 2000, testemunhei em primeira mão o trabalho mágico dessas ONGs pioneiras. Elas buscavam soluções não no quadro negro, mas no campo, criando uma placa de Petri global para inovações em desenvolvimento. Como disse um de meus entrevistados, era "a Wall Street do desenvolvimento".

No entanto, assim como a verdadeira Wall Street, o modelo de Bangladesh teve problemas há cerca de 15 anos, quando Hasina voltou ao poder (ela já havia sido primeira-ministra de 1996 a 2001). Líder da secular Liga Awami e filha do "pai fundador" de Bangladesh, Mujibur Rahman, Hasina foi vista no início como um símbolo da democracia. No entanto, seu mandato devolveu gradualmente a corrupção de seu autismo e a corrupção de desconfiança, e as coisas finalmente chegaram ao limite: não restava nada, que representava a ordem, uma repressão violenta contra manifestantes estudantis pacíficos.

A agitação deste ano foi uma reação não só à política repressiva de Hasina, mas também às suas políticas econômicas. Sem dúvida,



A grande inovação das microfinanças foi a concessão de crédito sem as garantias que a economia convencional insiste que são necessárias. Ao contrário do que a perspectiva dos livros didáticos prevê, as instituições de MF do mundo registram taxas de reembolso acima de 90%

o crescimento acelerado do PIB e as melhorias na infraestrutura deram a Bangladesh a reputação de "miracle" econômico. Contudo, Hasina havia reprimido as organizações da sociedade civil que puseram Bangladesh no mapa do desenvolvimento em primeiro lugar.

A estratégia econômica da própria Hasina foi tirar uma página do manual convencional de economia do desenvolvimento. Para aproveitar o crescimento impulsionado pelas exportações, posicionou Bangladesh como um centro de fabricação de roupas de baixo custo.

Com salários incrivelmente baixos e regulamentação mínima, o país se tornou a fábrica de roupas de fast-fashion do mundo.

Uma consequência dessa estratégia foi a existência de pouquíssimas oportunidades de emprego para graduados universitários fora dos cargos no setor público, que são alocados por meio de um sistema de cotas corporativo e nepotismo. Foi esse sistema, juntamente com a alta inflação e outros efeitos persistentes da pandemia — que desencadeou os protestos de verão.

Agora que a juventude revolucionária proporcionou a Yunus um grau de influência sem precedentes no cenário nacional e internacional, as credenciais de desenvolvimento de Bangladesh enfrentam um grande teste. O "modelo de Bangladesh", centrado na sociedade civil, sempre foi só uma aberração peculiar da economia neoclássica e suas receitas de políticas, ou representa desafio genuíno?

O grande avanço mundial das microfinanças foi a concessão de empréstimos sem os tipos de garantias econômicas ou jurídicas (como garantias reais e contratos vinculantes) que a economia convencional

insiste que são necessárias. Ao contrário do que a perspectiva dos livros didáticos poderia prever, as instituições de microfinanças (IMFs) do mundo todo registram taxas de reembolso muito acima de 90%.

Embora Yunus tenha sido amplamente reconhecido por seu papel na introdução de uma das mais importantes intervenções de desenvolvimento das últimas décadas, há muito tempo suspeito que o insight psicológico no centro do modelo de microfinanças pode reformular nosso pensamento de modo mais amplo.

Em vez de presumir que os tomadores de empréstimos (em sua maioria mulheres pobres dos vilarejos de Bangladesh) eram "atores racionais" que maximizavam a utilidade e para os quais o pagamento seria irracional na ausência de coerção, as IMFs se arriscaram. E em vez de visar indivíduos, as IMFs emprestaram a grupos de cinco ou mais mulheres. Como os indivíduos quase sempre estão inseridos em grupos, a lógica dessa abordagem é óbvia. No entanto, a dinâmica intragrupo permanece notoriamente subdesenvolvida na economia (como as famílias e as empresas são os principais agentes de tomada de decisão e unidades de análise).

Ao adotar essa abordagem, as IMFs criam coesão social dentro dos grupos de beneficiários, que geralmente realizam reuniões regulares e rituais públicos de pagamento, provando assim um comportamento pró-social de todos os participantes. São esses mecanismos de reforço social, e não os incentivos econômicos, que sustentam o sucesso do modelo.

Outro insight valioso das microfinanças é que é importante acreditar no trabalho do grupo, o que, nesse caso, geralmente significa

manter os grupos pequenos. Embora teóricos como Leopold Kohr e E.F. Schumacher tenham feito essa observação no passado, os economistas tradicionais continuam alocados por economias de escala (maior é sempre melhor).

Tendo sido replicado em mais de cem países, o modelo de microfinanças de Bangladesh se distingue por ter sido incubado no Sul Global e não importado para lá. Essa origem o torna bem adaptado ao contexto cultural em que opera. Por exemplo, como os tomadores de empréstimos em economias fortemente rurais e baseadas na agricultura em geral têm dificuldade de acessar serviços bancários, os banqueiros de microfinanças reconheceram a necessidade de ir até os vilarejos.

A economia dominante tem, em grande parte, descartado os insights das microfinanças como anedotas folclóricas e bem-humoradas. Mas em um novo projeto, em colaboração com uma equipe de cientistas, eu explorei o significado potencialmente profundo das "preferências sociais" nos arranjos econômicos.

Uma instituição projetada para envolver o sistema "instintivo" dos indivíduos, em vez do sistema "deliberativo" poderia provocar um comportamento sistematicamente diferente? E se começarmos com a suposição de um agente econômico pró-social, em vez de um agente egoísta e atomizado? E se reconstruirmos nossas redes para torná-las mais cooperativas? Talvez pudessemos evitar a profecia econômica autorrealizável de uma tragédia dos comuns. Se pararmos de "excluir" nossa borda de intrínseca, talvez possamos construir o que Samuel Bowles chama de "economia moral".

Espera-se que Yunus possa ajudar a alistar Bangladesh da condição de fábrica de semeveres do mundo e voltar a servir como laboratório mundial de desenvolvimento humano e progresso social. No momento em que muitos debatem o que vem depois do neoliberalismo, o "banqueiro dos pobres" pode ajudar a imbuir a economia com a experiência do mundo real e o espírito de inovação de que tanto precisa. (Tradução por Fabrício Calado Moreira)

Antara Haldar é professora associada de estudos jurídicos anglo-americanos da Universidade de Cambridge e membro visitante do corpo docente da Universidade de Harvard. Copyright, Project Syndicate
www.project-syndicate.org

Clima Cidades asiáticas estão se adaptando a verões cada vez mais quentes, em um processo que expõe e agrava a desigualdade econômica que caracteriza a região

Golfo Pérsico antecipa ao mundo como é viver e trabalhar sob calor de até 50°C

Chloe Cornish
Financial Times

Sentado em sua moto perto de uma cozinha industrial em Dubai, Mohamed espera para pegar um pedaço de almoço enquanto o suor escorre pelo rosto. A comida não é para ele; Mohamed dirigirá em meio ao calor sufocante do centro financeiro para levá-la a um cliente em um bloco de torres climatizadas.

Com o termômetro perto dos 46°C e alta umidade, "isso parece uma sauna", diz o entregador. De origem paquistanesa, Mohamed não veste roupas confortáveis para o clima. Precisa usar equipamentos de proteção, calças escuras e a camisa de manga comprida e gola alta, fornecidos pela plataforma de entregas para a qual trabalha.

De julho ao início de setembro, as ruas de Dubai são tão quentes e úmidas que o "índice de calor", calculado a partir da combinação da temperatura do ar e dos níveis de umidade, costuma ultrapassar os 50°C. Em julho, temperaturas na faixa dos 40°C e níveis de umidade de 80% ou mais resultaram em um índice de calor de 62°C ao meio-dia no Aeroporto Internacional de Dubai, segundo o Serviço Nacional de Meteorologia dos EUA.

O Golfo Pérsico é uma das muitas regiões que vêm aprendendo a lidar com o calor extremo, há Arábia Saudita, este ano, 1.301 peregrinos morreram após caminharem sob temperaturas que chegaram a quase 50°C durante o hajj, a peregrinação a Meca.

Na Índia, as autoridades divulgaram mais de 40 mil casos suspeitos de insolação durante uma longa onda de calor, que resultou em pelo menos 110 mortes.

No entanto, as experiências indômitas com o calor escalante variam de acordo com a riqueza. Enquanto o Mohamed e milhares de outros trabalhadores, sob o calor, a vasta riqueza do petróleo do Golfo Pérsico permite aos moradores de renda mais alta viverem em cidades no estilo ocidental que desafiaram o deserto indómito.

Residentes mais ricos de Dubai também viajam para lugares mais frescos durante o pico do calor e os que permanecem podem usufruir de instalações que os mantêm em ambientes fechados durante as partes mais quentes do dia.

Dubai tem pistas de patinação no gelo e uma pista de esqui em instalações cobertas, enquanto pingüins-imperadores e raposas do Ártico vivem no SeaWorld de Abu Dhabi, um enorme parque temático, também coberto. Nos shopping centers da região, o ar é tão frio que uma espanhola em Dubai carregou um suéter enquanto to far compras no verão e diz não ver a hora de inventar chegar para "poder voltar a ficar aquecida".

Os determinados a enfrentar o inclemente sol do verão podem nadar em piscinas ao ar livre com água refrigerada ou cozer na trilha climatizada de 14 km no parque Unani Al Seneen, no Catar.

Essas diferenças nas experiências entre os mais ricos e os trabalhadores comuns, como seguranças e atendentes de estacionamento, que mantêm as cidades funcionando, mostram como os riscos climáticos extremos podem agravar e enraizar a desigualdade.

À medida que o mundo fica mais quente, a região pode servir de lição sobre como lidar ou não lidar — com altas temperaturas em ambientes urbanos que abrigam dezenas de milhões de pessoas.

"O que se vê agora nos países do Golfo é o que [ainda] se verá em muitas partes da Europa Meridional, ou do sul dos EUA ou em partes da Índia e Bangladesh", diz o epidemiologista Barrak Alahmad, pesquisador na TH Chan School of Public Health, da Universidade de Harvard. "Esta é a oportunidade para os países do Golfo realmente mostrarem na prática o caminho da segurança contra o calor".

A região na qual está o moderno Emirados Árabes era chamada de "a terra do branco vazio", em razão da rápida evaporação da água.

"Em termos gerais, a região carece dos três fundamentos dos as-



Peregrinos se refrescam em Meca, Arábia Saudita, onde 1.301 pessoas morreram este ano, sob calor de quase 50°C

Áreas mais quentes do mundo

Regiões que registraram mais de 50°C nos últimos anos

Localização	Data	Temperatura (°C)
1. Y. W. da Califórnia, EUA	7/jul/2024	55,9
2. Jilra, Kuwait	23/jul/2024	53,1
3. Sird, Paquistão	26/mar/2024	52,5
4. Sarlaho, China	16/jul/2024	52,2
5. Tepache, México	20/jul/2024	52
6. Abadan, Irã	13/jul/2024	51,5
7. Churni, Índia	26/mar/2024	50,5
8. Agadir, Marrocos	13/ago/2023	50,4
9. Hasi-Messanad, Argélia	17/jul/2024	50,4
10. Arábia Saudita	17/jul/2024	50

Foto: Shashank Mishra/Reuters/Alamy

sentamentos humanos, suprimento de água, terras férteis e um clima moderado", diz Karim Elgendy, pesquisador do centro de estudos londrino Chatham House, especializada em sustentabilidade urbana na região. Durante séculos, a ausência desses elementos básicos limitou o crescimento da região.

Os petrodólares mudaram tudo isso. Permitiram a muitos países do Golfo Pérsico comprarem tecnologias caras, como unidades de dessalinização e aparelhos de ar-condicionado, e importarem mais alimentos. "Esses recursos financeiros permitiram às sociedades do Golfo Pérsico viverem apesar de seu clima, não em harmonia com ele", diz Elgendy.

Depois de superar as intempéries da natureza e a restrição petrolífera em expansão, a população dos países do Conselho de Cooperação do Golfo Pérsico (CCG) teve um crescimento explosivo, de menos de 4 milhões de pessoas em 1950 para quase 30 milhões, em 2000, de acordo com estatísticas da Organização das Nações Unidas (ONU). Em 2019, já havia praticamente voltado a dobrar, para 58 milhões.

As cidades no Golfo Pérsico se expandiram graças às exportações de combustíveis fósseis. No entanto, as emissões provenientes da queima desses combustíveis agravaram as mudanças climáticas que tornam o calor do verão na região ainda mais intenso.

Em razão da falta de dados históricos, pouco se sabe sobre como o clima evoluiu no Golfo Pérsico em comparação a outras regiões.

Alguns emirados, mais velhos, lembram-se de um ambiente muito diferente há 60 ou 70 anos. Criado em Dubai na década de 1950, o cineasta político Abdulkhalik Abdullah lembra que os verões eram menos quentes e mais

curtos. As casas eram abertas para canalizar ar fresco, algumas tinham torres de ventilação, e as famílias dormiam nas coberturas.

"Um ventilador para toda a família era suficiente naquela época", recorda Abdulah.

"Parece que, nos últimos 40 anos, as temperaturas do verão nos Emirados Árabes Unidos aumentaram cerca de 1°C", diz Francesco Paparella, professor assistente na NYU Abu Dhabi e pesquisador principal no Centro Árabe de Ciências Climáticas e Ambientais Mu badala. Isso se compara a um aumento médio mundial, de temperatura de pelo menos 1°C desde o início da era industrial, por volta da década de 1850.

Pesquisadores como Paparella enfatizam que a falta de dados torna difícil prever como será o clima do Golfo Pérsico no futuro, embora alguns estudos científicos indiquem que haverá aumento das chuvas intensas e tempestades.

Em um cenário em que os impactos não mudem e as emissões de gases causadores do efeito estufa — que impulsionam as mudanças climáticas — não sejam drasticamente reduzidas, os pesquisadores estimam que, em 50 anos, "surirão condições de ondas de calor superextremo e ultratransiente sem precedentes" no Oriente Médio e na região do Norte da África, com as temperaturas podendo superar os 56°C.

Até os relutantes arranha-céus construídos por líderes ambiciosos do Golfo Pérsico não estão bem adaptados a esse clima em deterioração. Eles exigem grandes quantidades de água dessalinizada e resfriamento constante. "Quando você entra lá completamente, um edifício todo o calor fica preso no interior e, então, você precisa condicionar o ar", diz Elgendy. "É uma escolha realmente ruim".

A energia barata e abundante de combustíveis fósseis da região fez com que houvesse pouco incentivo para encontrar soluções alternativas. O condicionamento de ar representa até 70% do consumo de eletricidade das horas de pico nos países do Golfo Pérsico, o que coloca uma enorme pressão sobre as redes elétricas.

Os Emirados Árabes adotaram códigos de construção verde "por causa da percepção de que o tipo de edifícios que temos no deserto não pode ser o mesmo que você encontra em Nova York", diz Leonard Chitenge, professor assistente de ciências da sustentabilidade na Universidade de Zayed, em Abu Dhabi.

Para tornar o condicionamento do ar mais eficiente, alguns países também vêm usando o resfriamento central, no qual tubulações fazem circular dentro dos edifícios uma água fria armazenada na instalação, em vez de de-

pendir de unidades individuais.

A lubref, empresa de capital aberto especializada em resfriamento distal com sede em Dubai, por exemplo, informa que fornece seus serviços em toda a região, para edifícios que vão desde os complexos de escritórios da Saudi Aramco, a gigante do petróleo e gás, até torres comerciais na ilha marítima do Bahrein.

O uso de resfriamento central também está nos planos da cidade futurista The Line, em construção na Arábia Saudita.

Alguns projetos têm tentado resuscitar técnicas de construção tradicionais. Em Abu Dhabi, a Universidade Mohamed bin Zayed de Inteligência Artificial usa fachadas de argila para criar sombras, que tem claro efeito de resfriamento.

Apesar disso, a maioria das formas de lidar com os extremos climáticos no Golfo Pérsico ainda envolve o uso de grandes quantidades de energia que produzem gases causadores do efeito estufa, segundo Paparella. Os combustíveis fósseis baratos fazem com que as fontes de energia renováveis fiquem em um beco sem saída.

A atividade de construção é insustentável no Golfo Pérsico, uma vez que a região prossegue com as obras para acomodar o aumento da população que se projeta. A Arábia Saudita, a maior economia do Golfo, está construindo novas comorbâncias urbanas, como Neom e Nova Murabba, um novo centro comercial e residencial para Radd.

Por outro lado, as pesquisas indicam que trabalhadores da construção civil, muitas vezes operários migrantes temporários, do Sul da Ásia, estão entre os mais vulneráveis às condições climáticas.

Há poucos dados disponíveis, mas no Kuwait, o epidemiologista da Harvard, Alahmad, e seus colegas constataram que homens não kuwaitianos (finham até três vezes mais chances de morrer durante condições de calor extremo em comparação às de um clima normal, apesar de os trabalhadores serem, em sua maioria, jovens e saudáveis).

Embora o clima não seja o único culpado por essa vulnerabilidade, o calor agrava essas questões, segundo Alahmad.

Pesquisadores liderados por Bandana Pradhan, do Instituto de Medicina da Universidade Tribhuvan, em Katmandu, no Nepal, concluíram que a alta incidência de fatalidades por doenças cardíacas entre trabalhadores migrantes nepaleses no Catar durante a temporada de calor "foi devido, muito provavelmente, ao estresse térmico severo".

Dos 571 nepaleses que morreram de doenças cardiovasculares entre 2009 e 2017, cerca de 200 podiam ter sido salvos com uma "proteção térmica eficaz", concluiu a análise.

O Catar e outros países do GCC tomaram medidas para reduzir os riscos do trabalho ao ar livre durante o verão. Agora todos proíbem o trabalho ao ar livre durante o meio do dia, embora as horas e datas variem.

Algumas autoridades muçulmanas vão além — segundo a prefeitura de Dubai, por exemplo, as empresas precisam fornecer água fria e eletrólitos aos trabalhadores. "É uma questão de produtividade", diz o chefe de uma empresa de construção, que concordou com a restrição das 12h30 às 15h na cidade. "A 50 graus, o que ele [o trabalhador] vai fazer por você?".

A Organização Internacional do Trabalho (OIT), porém, sustenta que as temperaturas acima podem ser "extremamente altas fora dos horários proibidos" e que as "inspeções limitadas prejudicam a eficácia da medida".

A proibição do trabalho ao ar livre no meio do dia também é ineficaz, não levando em conta outros fatores que podem afetar a saúde humana, segundo Alahmad, como a umidade e a tarefa que a pessoa realiza.

Empresas Carreira

CBN Profissional Belmiro Gomes, CEO do Assaí, fala no podcast sobre sua gestão em uma das maiores empregadoras do país

‘Quem faz a função sabe mais do que a liderança’

Jacilio Saraiva
Para o Valor de São Paulo

“A gente sempre usa a nossa história de vida a fim de que ela possa servir de inspiração para os jovens, para que continuem insistindo nos seus objetivos”, diz Belmiro Gomes, CEO do Assaí Atacadista. Muitas vezes, as pessoas fazem tentativas e eu brinco que devem tentar de novo. Normalmente, é a última chance que abre a porta.”

Alição de perseverança do executivo é resultado de uma jornada de trabalho que deslançou cedo. “Comecei muito jovem, em 1967, em depoimento a Seta Camp, editora de Carreira do Valor e Juliana Prado, da CBN, no novo episódio do podcast CBN Profissional, uma parceria do Valor e da rádio CBN. O trabalho registra do início aos 13 anos.”

O gerente nasceu em Santo André (SP) acredita que a bagagem de vivências moldou sua trajetória profissional e o cuidado que sempre teve ao lidar com funcionários e clientes. “Mesmo hoje, no

comando de uma grande companhia, sei que vim de uma origem humilde”, afirma ele, que ainda trabalhou com contabilidade e informática no início da carreira. “Isso me permitiu conhecer a realidade da população.”

Um dos gigantes do atacarejo do país, o Assaí, que completa 50 anos de atividades em 2024, soma 82 mil funcionários e 254 lojas em 25 estados. Em 2011, quando Gomes assumiu a presidência depois de uma carreira de vinte anos na rede varejista Atacadão, eram apenas 6,5 mil empregados. “No Atacadão, virei gerente aos 19 anos e assumi um cargo de direção aos 25”, conta. “Tinha uma equipe gigantesca de vendedores externos.”

A experiência gerencial, equiparada a 200 ou 300 mil funcionários trouxe aprendizados. “Um dos maiores é que quem está fazendo a função [no local] sabe mais do que a liderança”, ensina.

Uma das formas de acelerar esse aprendizado é saber escutar os funcionários, garante. “Nunca acredito no primeiro está tudo bem [na resposta de] um colaborador”, acrescenta. “Muitas vezes, os melhores insights para mudanças de processo vêm quando converso com um operador de caixa ou um repassador de mercadorias, que estão na linha de frente.”

O executivo lembra que, durante a inauguração de uma unidade, conheceu uma funcionária terceirizada do serviço de limpeza. “Ela falou: ‘já é a terceira loja em que trabalho para vocês’ e eu disse que legal, você tem alguma sugestão?”, relata. “Por conta dos argumentos dela mudamos oito processos [de trabalho], muitos deles duplicados.”

Gomes revela que uma das missões que abraça na empresa é criar uma cultura corporativa forte. “Acredito na liderança por inspiração”, afirma ele, que tenta estar presente em todas as aberturas de lojas da companhia. “Mas isso não significa que não vamos cobrar desempenho ou resultados.”

A cultura, continua, ele é sempre o ativo mais importante de qualquer organização. “É a soma de uma série de atitudes dos líderes e equipes que estão naquele ambiente”, diz. “Você

pode ter outra empresa no mesmo ramo de negócio, mas nunca verá duas culturas iguais.”

O CEO do Assaí é adepto da dobradinha qualificação-ascensão profissional. “Em um país com grandes desigualdades sociais, vejo a capacitação como um caminho para chegar a novas posições”, diz. “Todos nós queremos ter os esforços reconhecidos.”

Segundo ele, a formação de talentos faz parte da receita de valorização do Assaí, com um faturamento de R\$ 73,8 bilhões em 2023, 22% a mais que o registrado em 2022. “Desde que saí do Atacadão e fui convidado a assumir a empresa, foi necessário fazer uma reformulação de estratégias e de postura comercial para preparar a expansão em outros estados”, diz. “Aí, já havia a visão de que o componente essencial para realizar isso, além dos recursos financeiros e da assertividade nas diretrizes de vendas e de proposta para o cliente, era a gente capacitada. O crescimento do Assaí precisa significar o crescimento das nossas pessoas.”

Nessa linha, foram idealizados



“Você pode ter outra empresa no mesmo ramo de negócio, mas nunca verá duas culturas iguais”
Belmiro Gomes

um programa de treinamento voltado exclusivamente para os funcionários, com seleções que incluem

práticas e entrevistas, e uma universidade corporativa, com cursos em áreas como negócios, gestão e habilidades comportamentais. “Temos um programa de treinamento aberto ao público, mas temos mantido a ação internamente”, diz. “Ajuda a formar a praxe do outro e os diamantes da casa.”

Para ouvir o episódio completo é só acessar o site da CBN, as principais plataformas de streaming, como Spotify e Apple Podcasts, ou assistir pelo YouTube do Valor e da CBN.”

Formação Executivos de Valor

Terceira edição da Master Class

Curso exclusivo sobre o futuro do trabalho e FGV vai preparar todos os líderes, com o melhor conteúdo de gestão e inovação. O curso é gratuito e aberto a todos os interessados. Inscreva-se no link: <https://www.fgv.br/valor/curso-executivos-de-valor>

Co-criação distribuída em 4 módulos, com foco em desafios da nova realidade, com conteúdos exclusivos e especialistas. O curso é gratuito e aberto a todos os interessados. Inscreva-se no link: <https://www.fgv.br/valor/curso-executivos-de-valor>

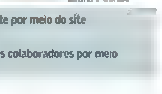
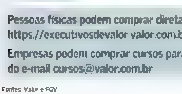
Curso com 64 horas/aula, realizado em 16 aulas de 4 horas cada, com o melhor conteúdo de gestão e inovação. O curso é gratuito e aberto a todos os interessados. Inscreva-se no link: <https://www.fgv.br/valor/curso-executivos-de-valor>

Aula de Abertura - 12/9

O novo contexto das negociações



Modelos do curso



Pessoas físicas podem comprar diretamente por meio do site <https://www.fgv.br/valor/curso-executivos-de-valor>

Empresas podem comprar cursos para seus colaboradores por meio do e-mail [cursos@valor.com.br](mailto: cursos@valor.com.br)

Fonte: Valor e FGV

Formação Executivos de Valor: última semana para inscrições

Curso

Valor
De São Paulo

Esta é a última semana de inscrições para a Formação Executivos de Valor, parceria entre Fundação Getúlio Vargas (FGV) e Valor que chega à terceira edição e é voltada a preparar líderes para desafios de gestão que preocupam executivos em todo o mundo: transformação tecnológica, mudanças climáticas e outras megatendências globais.

Dados da 27ª Pesquisa Global com CEOs, divulgada pela PwC, revelam e atualizada com 4,7 mil executivos de 105 países, mostram CEOs cada vez mais preocupados com a sustentabilidade de seus negócios na próxima década. Para garantir a resiliência de suas empresas, gestores no Brasil e no mundo afirmam dar passos importantes para reinventar seus negócios.

Para quem já ocupa um cargo de gestão ou virá a ocupar uma carreira em liderança a Formação Executivos de Valor é uma oportunidade de aprender com presidentes de empresas premiadas sobre como tomar decisões diante de

um cenário tão desafiador. As inscrições podem ser feitas pelo site <https://www.fgv.br/valor/curso-executivos-de-valor> ou pelo e-mail [cursos@valor.com.br](mailto: cursos@valor.com.br).

“Os CEOs sabem que suas abordagens precisam ser mais ouvidas hoje e no futuro”, afirma o relatório da PwC. Mas como ouvir e adaptar a rota sem perder o que já se construiu? Como o gestor pode tomar decisões rápidas e acertadas em um cenário que muda a todo instante? Há mais do que nunca, a necessidade de conhecimento sólido para tomada de decisões nas empresas”, afirma a professora Maria José Tonelli, coordenadora acadêmica do curso, professora titular da FGV Eaesp e coordenadora do Núcleo de Estudos em Organizações e Pessoas (Noep). O contexto

“Há, mais do que nunca, a necessidade de conhecimento sólido para tomada de decisões”
Maria José Tonelli

to atua para os líderes, diz Tonelli, é de “polímeros, que incluem a polarização política, fake news e, muitas vezes, violência física e verbal, questões de saúde mental e engajamento, além da crise climática.”

A Formação Executivos de Valor é voltada justamente a preparar líderes para tais dilemas, com aulas com professores da FGV e CEOs de destaque. O conteúdo do curso foi estruturado a partir de conversas com CEOs que relataram quais são as principais competências que esperam que os aspirantes a C-level de suas empresas precisem desenvolver.

O curso tem aulas com professores da FGV e cinco Master Classes com líderes selecionados entre os eleitos como “Executivo de Valor”, premiação que o jornal realiza há 24 anos e destaca lideranças que fizeram a diferença na gestão de suas organizações.

Cada Master Class terá a participação de um jornalista do Valor e de um professor da FGV para a condução da conversa. Entre os docentes que participaram Rafael Coimbra, editor-executivo do “MIT Technology Review Brasil” no módulo 1 “Tendências na eco-

nomia do futuro”, do qual é autor do material didático; Rogério de Fátima dos Santos, professor da ABC Associados, Francisco Leão, professor da FGV Eaesp, no módulo 3 “Da estratégia à execução”, do qual é autor do material didático, e Maria José Tonelli, no módulo 4 “Gestão de pessoas e liderança”, que tem como autora do material didático a professora da FGV Eaesp Lianira Neves. A coordenação acadêmica do curso é de Tonelli e de Sueli Campos, editora de Carreira do Valor.

As aulas ao vivo, em Zoom, serão gravadas e disponibilizadas para o aluno possa rever. O curso terá 64 horas/aula ao longo de 7 semanas, com início em 12/09 e término em 24/10. As aulas acontecerão em live, ao vivo, às quartas e quintas-feiras, das 18h às 22h30.

Organizações que quiserem comprar o curso podem se informar pelo e-mail [cursos@valor.com.br](mailto: cursos@valor.com.br) ou pelo telefone 0800 11 1111. As inscrições podem ser feitas até 31/08/2024.

Qual o papel do CEO na gestão da inteligência coletiva?

Trabalho SA



Stela Campos

Muito se fala sobre o poder de usar a inteligência coletiva que existe na empresa para solucionar problemas complexos, gerar ideias inovadoras e ganhar competitividade. Trata-se uma maneira de a organização se apropriar e gerar valor a partir de um conhecimento que já existe. Pensando sob o ponto de vista técnico, essa utilização faz todo o sentido, ainda mais em tempos onde é possível usar a tecnologia para sistematizar informações e criar interações mais frequentes entre equipes.

Mas existe um ponto na gestão do conhecimento que vai além do uso de ferramentas formais para a catalogação de procedimentos para a execução de processos. É o fato de o funcionário ter ou não o desejo genuíno de compartilhar e passar o que sabe. E isso envolve muito mais do que a simples obrigação de registrar métodos de execução ou agir apenas porque se tem

medo de ser repreendido por não fazê-lo. O profissional precisa ter a segurança de que jogar no sistema a forma única como realiza suas tarefas não irá significar que seu emprego entrará em risco. Por mais cruel que isso possa soar para líderes de boia, já ouvi relatos de que isso acontece.

O segundo ponto que faz diferença, segundo especialistas, é o quanto a pessoa está engajada no projeto de futuro defendido pela liderança da companhia. Quem acredita que está no mesmo barco acaba remando mais forte e com mais vontade. Portanto, esse profissional não tem medo e sim interesse em compartilhar o que sabe para ajudar a preparar, por exemplo, quem está ingressando no negócio. Está é um procedimento natural daqueles que “veem a câmbia”. Os sistemas são apenas ferramentas que facilitam o processo. Existe embutido neste ato um senso de pertencimento ao projeto coletivo que visa a prosperidade do negócio.

O CEO que consegue obter esse tipo de comprometimento

certamente vai chegar mais longe. Seu papel é o de um agregador, um orquestrador, ou como quem queríamos chamar, quem conduz esse processo. As equipes tem autonomia para desenvolver e formar sua própria cadeia de conhecimento compartilhada. Cada um cumpre seu papel e pode passar adiante as melhores práticas. Isso faz com que o trabalho flua melhor em todos os estágios do negócio, da produção, passando pela venda, pelo administrativo até chegar ao cliente final. Isso pode acontecer em uma fábrica, um hospital, não importa. Para que esse fluxo funcione, o essencial é haver na organização o entendimento de que cada função importa e de que cada um pode saber algo sobre o que faz e o outro não sabe.

O líder tem a responsabilidade de promover esse ambiente de confiança, convencendo os times de que juntos a potência sobe. A inteligência coletiva pode abrir portas, porque a experiência anterior de alguém ajuda outro

funcionário a não cometer os mesmos erros. O CEO de um hospital que trata de uma doença, por exemplo, citou no podcast que conduziu, o CBN Profissional, como vem sistematizando o conhecimento com a reorganização do fluxo de trabalho para gerar uma inteligência única sobre cada etapa da doença.

Ele citou os diferentes tipos de câncer em trilhas de cuidado específicas, como, por exemplo, uma dedicada apenas ao câncer de pulmão. Toda trilha conta com um médico patologista, um oncologista, um médico nuclear, um cirurgião, um oncologista clínico, um radioterapeuta, um fisioterapeuta, um nutricionista e um cuidador paliativo, que vão se debruçar sobre aquela mudança de vida do paciente. Cada um cuida da sua parte, mas divide em reuniões diárias com o grupo a que faz a ideia de como devem continuar o tratamento. Segundo o CEO, em algum momento, essa configuração já levou a inventar a ordem das etapas do tratamento,

o que no fim melhorou a jornada do paciente. Nada teria acontecido se não houvesse essa troca de conhecimentos. Cada trilha desce por uma base de conhecimento única que dá robustez para o todo, reforçando o posicionamento do hospital como um centro de referência em câncer.

Isso só vem funcionando por que a liderança nunca duvidou que as pessoas são inteligentes e sabem o que têm que fazer. Este CEO exerce a gestão por influência. Vários estudos comprovam o poder do comportamento de quem está no comando no engajamento dos funcionários. Então, se como líder, sua atenção e tirar o melhor proveito da inteligência coletiva que existe na sua empresa, o primeiro passo é cuidar bem das pessoas, confiar, desenvolver, respeitar, abrir espaço para que elas falem, ouvir. Elas se reconhecerão o valor de que elas fazem. O benefício será coletivo.

Stela Campos é editora de Carreira do Valor. E-mail: [cursos@valor.com.br](mailto: cursos@valor.com.br)

Brasil

que

faz

faz

com

TOTVS

Edilson Ventureli,
CEO do Instituto
Baccarelli,
faz com TOTVS.



Empresas

CRISTIANE ANTONIO/REUTERS



Acidentes na via no primeiro semestre cresceram 21%, totalizando 400, de acordo com Polícia Rodoviária Federal

Infraestrutura Corredor, conhecido como 'Rodovia da Morte', é importante rota de transporte de grãos do Centro-Oeste para região Norte

Duplicação da BR-163 avança em MT, após mudanças na concessão

Mariana Grylls, para o Valor
De Miratuba (PA)

Quem circula pela BR-163ouve lá, com frequência, sobre a duplicação da rodovia e a chegada da ferrovia, ferrovias que pretendem ligar os Estados de Mato Grosso e do Pará. Nas rodas de conversa entre os caminhoneiros, a constatação é de que o progresso virá, seja por asfalto ou ferrovia.

A realidade está mais favorável, no curto prazo, as novas pistas da 163, principalmente no trecho sob administração da concessionária Nova Rota do Oeste, entre os municípios Itiquira (MT) e Sinop (MT). Lá, o Ivon Silva da Cruz, o Gaúcho, e Raimundo Gonçalves Borges, conhecido por Maratúcho — misura de maranhense com gaúcho — passaram pelo trecho, com destino a Miratuba (PA), onde descarregaram soja no terminal da Cianport.

Enquanto tomavam chimarrão, à espera de uma nova carga de fertilizantes para fazer o trajeto de volta, os dois conversaram com a reportagem da "Globo Rural". Há três anos, Gaúcho faz este trecho Sinop-Miratuba com lotação no caminhão nove eixos. Ele conta que a expansão dos grãos no Arco Norte está gerando muito trabalho para os caminhoneiros e a rota para o Pará é o que mais compensa atualmente.

"Não dá mais para trabalhar para os lados de Rondonópolis. É tudo travado, não comporta novas cargas, chegou no limite. Aqui é o futuro, a gente vê a mudança da pecuária para os grãos os novos sinais, as empresas de fertilizantes chegando", afirma.

Questionado sobre a expectativa da ferrovia e um possível recuo de a ferrovia reduzir o volume de trabalho no futuro, Raimundo responde com tranquilidade: "Se o tempo vai dizer. Mas nos próximos dez anos vamos ter muito trabalho para esses lados. O negócio é o melhorar a rodovia, tem muito acidente".

Não por acaso, a BR-163 é conhecida como a "Rodovia da Morte". Sem duplicação, iluminação noturna, postos de parada e curvas sinuosas em muitos trechos, viver na boieira por esta estrada é risco constante. Dados da Polícia Rodoviária Federal (PRF) referentes ao primeiro semestre de 2024 mostram 400 acidentes na via, aumento de 21% em relação ao mesmo período do ano passado.

Um dos motivos é a redução repentina de velocidade, segundo a avaliação dos caminhoneiros. "Vo-

cê vem a 100 quilômetros, daí aparece uma placa de 60 km/hora, ou tra de 40 km/hora, numa diferença de 20 metros, e o radar levava 74 mil quilos na carreta, ou você diminui e causa um acidente, ou passa do radar e perde a carteira por estourar os pontos", relata Edilson da Cruz, o Gaúcho.

A expectativa é de uma realidade diferente em breve. Pelo menos nos 100 quilômetros entre os municípios de Diamantino e Nova Mutum, onde os motoristas exercem a paciencia com uma série de filas em "pare e siga". Desde julho de 2023, as obras para duplicação foram retomadas, depois de um longo período de espera entre população, governo estadual, e concessionária.

Em 2013, o trecho sob concessão da Rota do Oeste, a época pertencente a Odebrecht Transport, fez parte do terceiro lote de concessões federais. Devido à Operação Lava-Jato, o financiamento de longo prazo do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), para as obras previstas no contrato não se confirmou, e a duplicação ficou interrompida.

"Não dá mais para trabalhar na região de Rondonópolis. Está tudo travado"
Edilson Silva

"Houve a tentativa com a ANTT [Agência Nacional de Transportes Terrestres] para fazer uma revisão a cada cinco anos, mas não era um instrumento correto para uma repactuação, entre outras tentativas regulatórias e legislativas", explica Roberto Madureira, gerente de relações institucionais da Nova Rota do Oeste.

Até que, entre 2021 e 2022, a concessionária apresentou proposta para que o governo de Mato Grosso assumisse como acionista majoritário único da Nova Rota do Oeste. A partir da decisão, a retomada das obras da BR-163 entre Itiquira e Sinop foi de senhada em conjunto pela concessionária, o antigo acionista, o Estado e a ANTT.

Após o Termo de Ajuste de Conduta (TAC) ser validado no Tribunal de Contas da União (TCU), o governo estadual assumiu a empresa em 2021 ao injetar R\$ 1 bilhão na concessionária para retomar as obras.

"For imediato. Primeiro, com

uma leva de obras de manutenção estrutural, e em julho de 2023 tivemos a retomada da duplicação entre Diamantino e Nova Mutum", diz Madureira.

Até o final de 2024, a concessionária pretende entregar os 100 quilômetros que estão em obras deste trecho. Até 2028, a meta é duplicar 450 quilômetros, até Sinop.

Madureira afirma que a Nova Rota do Oeste está submetida a uma empresa de capital misto, a MTPAR, com validação do Tribunal de Contas do Estado (TCF), por 24 meses. Após esse período, a companhia fica submetida à lei das estatais.

A concessionária tem em seu conselho três pessoas do governo estadual e dois integrantes com origem no mercado. "É importante dizer que o governo não escolhe obra. Ele submete isso a ANTT do governo federal, que é quem tem total controle sobre o nosso contrato de concessão", explica o gerente.

De Sinop em direção ao Pará, a responsabilidade pela BR-163 fica a cargo da concessionária Via Brasil. São 1.009 quilômetros até Miratuba, com três praças de pedágio: Claudina (MT), Guaraná do Norte (MT) e Trairão (PA). Neste último pedágio, o preço chama a atenção: R\$ 711,90 para carretas de nove eixos — quanto menos eixos, mais barato. Camionetes de passeio estão isentas da cobrança. Apesar do alto custo, a falta de infraestrutura pela rodovia persiste.

Ricardo Barra, diretor presidente da Via Brasil, diz que preço do quilômetro é regulado pelo próprio edital da concessão. Se as praças de pedágio de Claudina e Guaraná correspondem a 100 quilômetros cada uma, o rateio de cobertura da cobrança no município paraense é muito maior. "Quando chega em Trairão, a praça do pedágio é condizente a 800 quilômetros. Mas esse é o modelo que foi idealizado para essa concessão".

Diferentemente da duplicação de Itiquira a Sinop, que ficou repessada por anos, as obras até Miratuba ainda não foram definidas. Barra conta que o assunto está em discussão com o Ministério dos Transportes.

A expectativa é de uma definição sobre possíveis intervenções até o município de Guaraná do Norte ainda em Mato Grosso. "Com o ministro, teremos uma sinalização do TCU em 2024. Para 2025, expectativa é de avanço do projeto e a licença ambiental para obras iniciarem em 2026", projeta.

O CIRQUE NO GELO

Porto

CIRQUE DU SOLEIL CRYSTAL

ÚLTIMAS APRESENTAÇÕES NO PARQUE VILLA LOBOS

VENDAS: EVENTIM.COM.BR

Classificação etária: Livre. Menores de 16 anos: idade somente acompanhados dos pais ou responsáveis legais. Sujeito à alteração por decisão judicial. Este evento requer autorizações específicas. Consulte o site circquedusoleilcrystal.com.br e acompanhe a atualização sobre a expedição de alvarás relacionados ao evento.

Alimentação Faturamento com delivery, aplicativo próprio e totens somou R\$ 2,5 bi no 2º tri

Venda digital já representa mais da metade da receita de redes de fast food

Helena Benficio
De São Paulo

A digitalização das vendas tem avançado no setor de alimentação fora do lar, sendo uma alavanca de crescimento importante para grandes redes como Burger King, KFC e McDonald's. Os grupos que controlam essas marcas no Brasil reportaram recentemente que as vendas por esses canais, que incluem totens de autoatendimento, aplicativo próprio e delivery, foram responsáveis por mais da metade da receita das empresas.

No 1º tri, geraram cerca de R\$ 2,5 bilhões para o caixa das companhias no segundo trimestre de 2024.

Há pouco mais de um ano, o número de totens de autoatendimento nos restaurantes das marcas KFC e Frango Assado, controlados pelo grupo IMC, era próximo

de zero. Atualmente, todas as lojas estão equipadas com esse serviço e, de abril a junho, quase 60% das vendas do Frango Assado foram realizadas via totens. Na rede KFC, esse canal cresceu 4,3 vezes se comparado ao mesmo período do ano anterior, representando 58% das vendas digitais das marcas.

Dentre as vantagens do autoatendimento, o diretor de marketing da IMC, Alex Bix Pinto, destaca a possibilidade de o cliente visualizar todo o menu, o que incentiva a aquisição de mais itens. "A experiência é mais completa e, por isso, o cliente acaba gastando mais", diz. Isso faz com que o ticket médio nessa modalidade seja de 10% a 15% superior ao modelo tradicional, segundo o executivo. Além disso, a ferramenta permite ajudar o pessoal de forma mais estratégica, oferecendo mais agilidade e eficiência no atendimento.

As vendas digitais das três principais marcas do grupo, Frango Assado, KFC e Pizza Hut, atingiram R\$ 212 milhões no segundo trimestre, um crescimento de 58,8% em relação ao mesmo período do ano passado, representando 50% da receita total dessas marcas.

Além do autoatendimento, o delivery também é parte importante da estratégia digital das marcas. Isso inclui tanto fortalecer a presença em plataformas como iFood e Rappi, quanto crescer a base dos aplicativos próprios, criados com o objetivo de ter mais controle sobre os custos de entrega e estreitar a relação com o consumidor.

De abril a junho, cerca de 4% das vendas de delivery da IMC foram realizadas por meio de aplicativos próprios das marcas. No período, esses canais apresentaram

crescimento de 81% nas vendas e de 75% em transações na comparação anual. "O grande desafio é a rentabilidade, porque no delivery ela é muito menor", diz Bix Pinto.

A margem do delivery é um desafio compartilhado por praticamente todas as empresas do segmento, uma vez que os custos da operação são bastante elevados se comparados com o balcão. Para Fernanda Toscano, diretora de tecnologia da informação da Zamp, controladora das redes Burger King e Popeyes, o caminho é ganhar em volume. Para isso, é preciso "um delivery rápido, que funcione e tenha assertividade na oferta de produtos e promoções". Na companhia, o canal foi responsável por 16% das vendas totais no segundo trimestre, movimentando R\$ 179 milhões.

Os canais digitais contribuíram com R\$ 559 milhões para o caixa da Zamp de abril a junho, um crescimento anual de 30%, representando mais da metade da receita total da companhia no período, uma taxa recorde. Todo esse esforço já resultou em redução de 18% nos custos operacionais, segundo a empresa. "Temos acertado bastante no canal, a expectativa é fechar o ano próximo de 52% de representatividade", diz Toscano.

Outra alavanca de crescimento para o setor, quando se fala em digitalização, são os programas de fidelidade. Nesses, o usuário acumula pontos e pode ganhar descontos em produtos ou acumular pontos para utilizar em compras futuras. Na Arcos Dorados, que controla as operações do McDonald's no Brasil, o ticket médio em clientes fidelidade é cerca de 20% maior do

que o daqueles que não utilizam o serviço. O programa "Meu Miquê" lançado em outubro do ano passado, acumulou mais de 10,5 milhões de membros registrados no fim de julho, em comparação com 8 milhões no fim de abril.

Os canais digitais foram responsáveis por quase 70% das vendas totais do McDonald's no Brasil no segundo trimestre, que somaram US\$ 442 milhões. Isso dá uma aproximação de US\$ 309 milhões, ou R\$ 1,7 bilhão, na cotação atual. "Continuaremos investindo na expansão de nossa plataforma digital, porque ela aumenta o valor e a conveniência, ao mesmo tempo que impulsiona a frequência dos usuários e otimiza o valor do cliente", disse Luis Raganato, diretor de operações da controladora do McDonald's no país, a analistas.

Na Arcos Dorados, que controla o McDonald's no Brasil, o ticket médio em clientes fidelidade é cerca de 20% maior do que o daqueles que não utilizam o serviço.

Rio Gastronomia 2024 encerra com recorde de público

O Globo do Rio

O Rio Gastronomia encerrou ontem sua 14ª edição, a maior de todas, atraindo elogios e batendo recordes. Ao longo dos 12 dias de uma extensa programação, o festival reuniu mais de 125 mil pessoas no Jockey, na Gávea, consolidando-se entre os cinco maiores eventos anuais do calendário oficial do município do Rio.

"Estamos muito orgulhosos de construir o maior festival de gastronomia do país. Reunimos estilo de vida, música, encontros, o melhor de cada cidade, diversão, tudo em um só lugar, em um ambiente leve e descontraído

Foi o maior Rio Gastronomia da história! Entramos de vez para o calendário oficial da cidade, o que significa um compromisso ainda maior com desenvolvimento e fomento do setor de bares e restaurantes, negócios e turismo", disse Leonardo André, diretor de projetos especiais da Editora Globo, que faz ainda um convênio "já estamos planejando nossos 15 anos em 2025". Mas, antes disso, temos um encontro marcado entre os dias 1º e 3 e 8 e 10 de novembro, em São Paulo, com o SP Gastronomia."

Ontem, o Rio Gastronomia terminou ao som do pagode retrô do grupo Fica Corda. Mais cedo, teve a toada de samba do SIFC,

que colocou o público para dançar no car da tarde. Nos auditórios, nomes como Janaina Torres e Heaven Delhaye revelaram seus truques em aulas concorridas, que fecharam a programação do evento com o cave de ouro.

Ao longo das três semanas, mais de 570 mil itens foram comercializados. Entre os pratos

servidos pelos mais de 35 bares e restaurantes que marcaram presença no evento, foram vendidos cerca de 8 mil bolinhos de bacalhau do Rancho Português, 7 mil lasanhas do Heaven Cucina, e 6 mil bolos de chocolate da Irajá.

"É sempre bom vir ao festival com uma programação tão diversificada e com tantas novidades. O clima é muito gostoso", disse o analista de sistemas Fernando Silveira de 43 anos, que foi ontem ao festival com um grupo de amigos.

Um dos destaques entre as atrações, a roda-gigante, com oferecimento Light, President e Rio Jogos, levou cerca de 12 mil pessoas para dar voltas e apreciar lá do alto a vista do Pão de

Prado, no Jockey, onde foi montado o festival. Na Tirolesa da Claro, que foi parada obrigatória entre os fãs de adrenalina, mais de 4 mil aventureiros deram seus "votos". Um sucesso.

Realizado pelo jornal O Globo, o Rio Gastronomia 2024 tem apresentação do Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa, da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Sesc RJ e Senar RJ, com o Governo do Estado do Rio de Janeiro como estado anfitrião e Cidade do Rio de Janeiro como cidade anfitriã. Patrocínio Master do Santander, Natyrgo, Claro e Light. Patrocínio de Stella

Pure Gold, Maturata, Refit 70 anos, BYD, Rio Jogos, Secretária Municipal de Cultura e Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa (Secrecy) através de Lei Estadual de Incentivo à Cultura; apoio da Secretaria de Estado de Turismo, Rede D'Or, Garfariana, Chandon, Água Posso Alto, Andorinha, Colégio PH, Presunço, Coca-Cola, Matte Leão, Iron, President e Planos de Saúde sulAmérica, participação de Getnet Arpo Gdn, Granado, Musqué, Granfino, Frescatto, Três Corações, Quero Chova, Aperiol e Combrasil, Produção RKE, Shopping Oficial Rio Sul, Hotel Oficial Fairmont Rio; parceria do Sindrão: Rádio Oficial CBN e Rádio Globo.

14ª
edição do festival
durou 12 dias e atraiu
125 mil pessoas

Com Vieira da Cruz, Brasil amplia quadro de medalhas

Paralimpíada

Lidia Vieira da Cruz conquistou medalha de ouro no 100 metros feminino
De São Paulo

Gabriel Araújo, que integra a equipe de natação do Brasil, garantiu duas medalhas de ouro. Andia na piscina, Carol Santiago conquistou o lugar mais alto do pódio e bateu recorde das Américas na prova de 100 metros costas, na classe S12 (deficiência visual pequena, mas significativa). É seu quarto ouro na carreira.

No atletismo, Ricardo Gomes de Mendonça ganhou seu primeiro ouro em Paralimpíadas nos 100 metros na classe T37 — ele já havia conquistado um bronze em Tokyo 2020 —, enquanto Patrício Ferreira se sagrou tricampeão nos 100 metros, na classe T47, repetindo o feito alcançado nos Jogos Rio-2016 e Tóquio-2020. O atleta foi tricampeão pela Anamotio, uma das seis apoiadoras do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB).

Ao todo, o Brasil soma oito medalhas de ouro, quatro de prata e 14 de bronze nas competições em Paris. A delegação carinhosa apareceu na terceira colocação do quadro de medalhas, atingiu apenas da China e da Grécia.

Se a delegação brasileira mantiver sua posição no pódio geral, terá sido a melhor participação do país na história. Até hoje a melhor colocação do Brasil foi o 14º lugar, em Londres 2012 e em Tóquio 2020. A meta do CPB é ficar no top 5 e superar os recortes de medalhas e outros, que até Paris são de 72 pontos e 22 ouros. A Paralimpíada termina no próximo domingo (8).

A marca esportiva Asas, patrocinadora do CPB, anunciou que vai passar a vender nas suas lojas físicas apenas um pé de qualquer modelo de tênis para pessoas com deficiência física na perna — seja em decorrência de amputação ou malformação. Até então, as pessoas precisavam comprar o par



Lidia Vieira da Cruz conquistou medalha de ouro no 100 metros feminino em uma disputa emocionante

Há 18,6 milhões de pessoas com deficiência no país — 7% não se sentem representadas em campanhas publicitárias

completo. O outro calçado será doado à ONG ADD. O preço será a metade do valor do par.

A Havianas, marca da Alpargatas, lançou uma iniciativa similar em uma campanha estrelada por paraplégicos que usam a nova sandália da marca desenvolvida em colaboração com o CPB.

O produto, que será incorporado ao portfólio permanente da Havianas no Brasil, terá 7% das ven-

didas revertidas para o CPB, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento do esporte.

A Loterias Caixa, patrocinadora do CBP, vai lançar uma campanha com a velocista Adna Santos como protagonista. Ela é a maior medalhista paralímpica mulher do Brasil, com 13 medalhas na carreira.

Segundo o estudo Brand Index, da Kantar, 85% dos brasileiros consideram importante que empresas cujos produtos con-

somem promovam a diversidade e a inclusão, tanto nos negócios quanto na sociedade em geral.

O Brasil possui 18,6 milhões de pessoas com deficiência, de 8,9% da população, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A pesquisa revela que 69% dessas pessoas se sentem representadas ocasionalmente em campanhas publicitárias, enquanto 7% afirmam nunca se sentir representadas.

Tecnologia Nos bastidores, juízes da Corte vinham defendendo que o debate sobre o assunto ocorresse no plenário, para dar um peso institucional à medida

Bloqueio da rede social X é julgado pela Primeira Turma do Supremo

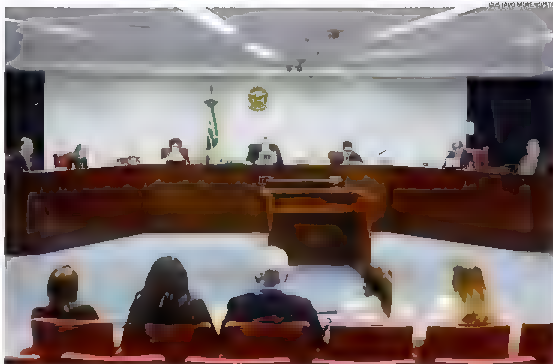
Isadora Peron
De Brasília

O ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), convocou uma sessão virtual extraordinária para que os ministros analisem a sua decisão, anunciada na sexta-feira (30) e que tirou do ar a rede social X no Brasil. Ele levou o caso à Primeira Turma do STF. O julgamento começou à meia-noite desta segunda-feira, 2, e terá duração de 24 horas.

Nos bastidores, ministros da corte vinham defendendo que o debate sobre o assunto acontecesse no plenário, para dar um peso institucional à medida. Moraes, no entanto, decidiu adotar um caminho intermediário, ao colocar a liminar para referendo na Primeira Turma, um colegiado menor, que reúne cinco dos 11 ministros. A tendência é que a decisão seja mantida.

Ale n de Moraes, fazem parte do colegiado os ministros Flávio Dino, Luiz Fux, Cristiano Zanin e Cármen Lúcia. Com isso, os dois nomes indicados pelo ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), Nunes Marques e André Mendonça, ficarão de fora da discussão. Eles costumam ter uma postura mais crítica em relação a questões que envolvem supostas restrições à liberdade de expressão.

A opção pela Primeira Turma foi utilizada por Moraes para analisar outros processos de sua relatoria, como uma série de recursos de plataformas digitais com as decisões que determinam



O caso Musk vai ser analisado por Flávio Dino, Luiz Fux, Cristiano Zanin e Cármen Lúcia, além de Alexandre de Moraes

ram o bloqueio de contas de investigados. Esses julgamentos começaram na última sexta-feira e vão até o dia 6 de setembro.

O regimento interno do STF prevê que, em caso de urgência, o relator deve submeter imediatamente as suas decisões a referendo do plenário ou da Turma, mas Moraes, em um histórico de decisões monocráticas que não foram apreciadas de maneira colegiada. Desta vez, porém, ele foi aconselhado a levar a decisão a referendo dos demais colegas.

A suspensão do X em todo o território nacional representa o

desfecho de uma série de questões que ocorre há meses entre Moraes e o dono da plataforma, o bilionário Elon Musk. Em abril, o ministro determinou a abertura de um inquérito contra o empresário, depois de ele fazer ataques

X tem descumprido ordens judiciais, acarretando até agora multas de R\$ 18,3 milhões

ao ministro e anunciar que iria passar a descumprir decisões judiciais e liberar o conteúdo de perfis bloqueados por determinação do Supremo. O empresário também foi incluído entre os investigados no inquérito das mídias digitais, que mira aliados de Bolsonaro.

No dia 17 de agosto, Musk informou que iria encerrar as operações do escritório do X no Brasil. Em um post publicado na própria rede, o comunicado da empresa dizia que a medida estava sendo tomada por conta das decisões de Moraes, mas que o

serviço continuaria disponível para os usuários no país.

Na última quarta-feira (28), o ministro deu 24 horas para o empresário indicar quem seria o representante legal do X no Brasil, sob ameaça de suspender o funcionamento da rede social. A intimação foi feita pela plataforma, através do perfil oficial do Supremo. Após vencer o prazo, o X anunciou em uma postagem que não iria cumprir a decisão. Diante da negativa, Moraes determinou a deturbação "imediata completa e integral" da plataforma na tarde de sexta-feira.

Na decisão de 51 páginas, Moraes apontou que o X tem descumprido diversas ordens judiciais, o que acarretou, até agora, R\$ 18,3 milhões em multas. Ele também justificou a decisão de bloquear as contas da empresa Starlink, que pertence a Musk e oferece serviço de banda larga por satélite. Segundo o ministro, em uma das contas do X havia cerca de R\$ 2 milhões e em outra, apenas R\$ 6,66. O montante, portanto, não era o suficiente para pagar o valor devido.

Antes na última sexta-feira, Moraes recuou e suspendeu um trecho da decisão que determinava medidas para restringir o acesso a sistemas de VPN (rede virtual privada) nas lojas virtuais de aplicativos de celulares. Ele, no entanto, manteve a multa diária de R\$ 50 mil aos usuários que adotarem "condutas no sentido de utilização de subterfúgios tecnológicos" para continuar acessando o X.

Starlink diz à Anatel que não vai acatar decisão do STF

De Brasília

A empresa Starlink comunicou à Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), que não vai cumprir a decisão do ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), de suspender o acesso à rede social X.

A informação foi repassada informalmente pela empresa ao presidente do órgão, Carlos Augusto Ocasio, revelado pela TV Globo. Desde o dia 30, a Anatel deu início a um procedimento, para comunicar as operadoras e operacionalizar a retirada do ar da plataforma.

A Starlink oferece serviços de internet por satélite e, assim como o X, pertence ao bilionário Elon Musk. Com o descumprimento de decisões judiciais por parte da plataforma, Moraes determinou o bloqueio das contas da empresa, para que o pagamento das multas impostas fossem realizadas.

Segundo o presidente da Anatel, a empresa estaria condicionando o corte do acesso ao X à sua pensão do bloqueio de suas contas. Ele afirmou ainda que a ação máxima para uma empresa de telecomunicações, em caso de descumprimento de decisões, é a cassação da outorga, o que impediria a Starlink de atuar no Brasil.

Moraes determinou, a retirada do ar do X na sexta-feira. A medida foi adotada depois de a plataforma passar a descumprir decisões judiciais e se recusar a indicar um novo representante legal no Brasil.

Em maio, a Starlink alcançou 42,5% do mercado, desbancando a Hughesnet, com 38,1%, segundo a Anatel. Em junho, a Starlink tinha 215,5 mil clientes, com foco na região amazônica. (IP)

CBN Professional

3ª TEMPORADA

AGORA EM VÍDEO

O PODER DE SABER ESCUTAR O FUNCIONÁRIO

BELMIRO GOMES

CEO do Assaí Atacadista

Apresentado por



STELA CAMPOS
VALOR ECONÔMICO



JULIANA PRADO
CBN

ACESSE AGORA no site ou nas principais plataformas de streaming.
cbn.globo.com/profissional



Novos episódios toda segunda-feira, às 9h

PARCERIA **Valor** ECONOMIA

Marketing Partida da liga de futebol americano deve movimentar US\$ 60 milhões em São Paulo

Marcas preparam ações para jogo do dia 6

Rafael Rosas e Luziane Dandara
Do Rio e de São Paulo

O ápice da experiência que o futebol americano pode levar para fora das fronteiras dos Estados Unidos. É assim que a National Football League (NFL), principal liga do esporte nos EUA e no mundo, encara a realização da partida entre Green Bay Packers e Philadelphia Eagles em São Paulo na próxima sexta-feira (6). O jogo mostra que hoje o NFL é um dos principais mercados para a liga fora dos Estados Unidos, a ponto de receber um gerente geral exclusivo para o país — o mexicano Luis Martinez, anunciado na semana passada.

"O Brasil tem a segunda maior base de fãs internacionais da NFL, somente atrás do México, além dos Estados Unidos, obviamente e também conta com a maior base internacional de seguradores em suas redes sociais", diz Pedro Rego Monteiro, CEO da Effect Sport, agência oficial da NFL no Brasil desde 2013, que cita dados do Ibope Research do início do ano que apontam que no país há 38 milhões de interessados em NFL.

Ele não comenta sobre as receitas esperadas, mas a SPURis pareceria da NFL no projeto, tem a projeção de US\$ 60 milhões de impacto na economia da cidade que vai ser a primeira da América do Sul a receber um jogo de temporada regular da NFL, a exemplo do que já aconteceu em cidades da Alemanha, Itália e México.

Para Ivan Martinho, professor da ESPM e especialista em marketing esportivo, o jogo é o resultado de uma série de ações prévias no Brasil, que mostraram que o mercado brasileiro tinha potencial para receber o principal produto da liga. Entre essas ações, ele cita a criação de um perfil da NFL em português e uma "fan zone", uma companhia agenciadora.

"Essa não é uma jogada amadora, esse é um jogo válido pela primeira



Partida entre Green Bay Packers e Philadelphia Eagles na cidade de São Paulo na sexta-feira será a primeira da liga profissional NFL na América do Sul

na rodada. Ele é o resultado do potencial do mercado brasileiro sob a ótica da NFL. Potencial de consumo, de audiência e a liga chega com o seu principal produto, que é um jogo de futebol regular, no principal mercado do Brasil, que é 'o futebol' do futebol.", diz Martinho.

Para René Salviano, fundador e presidente da Heatmap, agência especializada em captação de patrocinadores e atividades na área de entretenimento, a partida é, de fato, a "consolidação" do Brasil como um grande mercado para a NFL. "Acredito muito na importância do que vai acontecer não só para eles [a NFL], mas de quem aqui no Brasil atua na área de patrocínios esportivos", frisa Salviano.

Para ele, marcas que não quiseram "surfar na onda" de curto prazo do evento vão levar vantagem para se consolidarem na mente dos consumidores. "A marca que quer surfar na onda ou quer plantar algo para o mercado do

país onde atua? É aí que está o negócio. Aí que o marketing tem que ser desenvolvido", afirma Salviano.

Entre os patrocinadores da partida estão a cerveja Budweiser, fabricada no Brasil pela Ambev, a marca de alimentos Perdigão, da BRF, Fit Combustíveis, o cartão de crédito Visa e o banco XP, todos com ações específicas para a partida. O diretor de marketing da XP, Lisandro Lopez, não revela o valor do patrocínio, mas afirma que estão planejadas uma série de ações relacionadas à partida, incluindo a promoção "Loucos por NFL", que distribui cinco pares de ingressos para os fãs que apresentarem as ideias mais criativas em suas redes sociais sobre o que fariam para assistir ao jogo. A companhia terá um espaço exclusivo na Neo Química Arena, onde a partida será disputada.

Outro espaço exclusivo será o camarote Fielzone, que terá 400

pessoas, entre convidados de patrocinadores e clientes que compram ingressos que variam de R\$ 10 mil a R\$ 35 mil, a depender do assento escolhido, se cadeiras normais do estádio ou poltronas especiais. O buffet do Fielzone será conduzido pelo restaurante carioca Lasa, que possui duas estrelas do renomado Guia Michelin.

Leo Rizzo, sócio da Soccer Hospitality — dona do Fielzone e de camarotes em oito outros estádios do país —, conta que a arrecadação do espaço para o jogo ficou entre R\$ 10 milhões e R\$ 20 milhões. "Um jogo de futebol grande, uma final ou semifinal representa um quarto do valor

financeiro que vamos fazer com esse jogo da NFL. Uma grande final movimentará 25% do valor da NFL", afirma. "É um jogo único, é a primeira vez no país. É um efeito que a gente também enxerga quando, por exemplo, é um jogo de seleção brasileira ou um show de um grande artista".

O evento é uma oportunidade para as marcas aumentarem sua visibilidade e engajamento com um público diverso e engajado nos esportes. Parceira global da NFL e patrocinadora do jogo em São Paulo, a Budweiser lançou campanha publicitária criada pela Agência Jogo que transformou a Ponte Governador Dreyfus, na capital paulista, em um campo de futebol americano.

A empresa ainda realizou uma promoção de ingressos para os consumidores e criou uma garrafa colecionável de alumínio com design inspirado no confronto, entre o Philadelphia Eagles e o

Green Bay Packers

Ja a Perdigão, da BRF, quer destacar seus produtos para churrasco e se conectar com os jovens com o patrocínio. "Nos Estados Unidos é um hábito fazer churrasco antes dos jogos no lado de fora dos estádios, por isso investimos a ideia de promover a nossa marca de produtos na brasa no evento", afirmou o vice-presidente de marketing da BRF, Marcel Sacco. A marca terá 21 pontos na Neo Química Arena com venda de alimentos.

Parceira oficial de tecnologia de serviços de pagamento da NFL desde 1989, a Visa também entrou na onda de patrocínio ao jogo no Brasil. A multinacional é o meio oficial de pagamento do evento e tem atividades programadas para acontecer no estádio. "A exposição de ambas as marcas passa pela criação de uma experiência de pagamento melhor para os fãs", que é um ponto essencial dessa parceria, já que o jogo é mais do que um evento esportivo, sendo uma experiência cultural emocionante, que impulsiona a economia da capital paulista", afirma a empresa.

Rede distribuidora de combustíveis para postos independentes no eixo Rio-São Paulo, a Fit Combustíveis lançou campanha na quarta-feira (4) para TV e redes sociais, com criação da agência Roar Hub, sobre a promoção "Abasteça com Fit". Clientes que colocarem 30 litros de combustível em postos participantes e adicionarem R\$ 59,90 ganharam um minicupete da liga de futebol americano. "Identificamos que a NFL traz toda a nossa inovação e, principalmente, nossa atenção em um mercado tão competitivo como o de combustíveis. Com o patrocínio, ampliamos a visibilidade do negócio e, principalmente, reforçamos o segmento de postos 'santa-terra branca', diz o diretor da Fit, Julio Paulino.

Empresas investem R\$ 510 milhões no Rock in Rio

Música

Alessandra Saraiva e Paula Martini
Do Rio

O autor americano e consultor Al Ries disse uma vez que marketing é criar marca e fixá-la na mente de potenciais clientes. Anos após a morte do especialista em marketing, os responsáveis pelo Rock in Rio, festival de música que estava a décima edição na capital fluminense em 13 de setembro, seguem a lição de Ries. Mas, quando viram. Após criarem a marca há quase 40 anos, e a fixarem na mente do público, agora a usam como instrumento para fortalecer outras marcas — e essas, por sua vez, ajudam a tocar o festival.

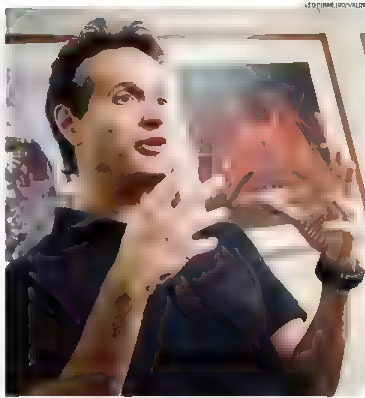
"As marcas investem, por elas mesmas, R\$ 510 milhões agora no Rock in Rio, entre ativações e comunicação específica do Rock in Rio. E o Rock in Rio investe outros R\$ 500 milhões na produção", diz Roberto Medina, idealizador do festival. "É um evento de mais de R\$ 1 bilhão [com as marcas]".

O valor investido pelas marcas no festival, engloba desde compra do patrocínio até compra de mil dias, brindes, entre outras estratégias. Com isso, os patrocinadores geram impacto econômico de R\$ 797 milhões, segundo estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Este ano serão 85 marcas, número similar ao das mais recentes edições no Rio, com 140 "ativações" experiências que tentam estabelecer vínculo emocional com o consumidor. "As marcas percebem que têm um momento, um lugar que é emoção, entretenimento e diversão, que a conexão plena das pessoas está ali", explica Ana Decacche, diretora de Marketing do Rock in Rio. "Não é sobre publicidade estática", diz Rodolfo Medina, filho do criador do festival e VP de Marketing e Patrocínios do Rock in Rio.

Assim como Decacche, ele enfatiza a força das marcas no evento, bem como a longevidade da parceria com patrocinadores. "O primeiro Rock in Rio nasceu com grande estratégia de comunicação do lançamento de cerveja [a extinta Mal 90]. Sempre esteve conectado com experiência de marca", diz.

É um show e um show das marcas, na cidade do rock", ressaltou. Um aspecto que atrai patrocinadores é o alcance demográfico. Isso porque, no entendimento do VP de marketing, o público que vem de ao Rock in Rio, tanto no Rio como em outras cidades, sempre teve potencial de atingir todas as idades. "Desde o primeiro ano, estava no DNA de projeto além da faixa da banda. O que eu acho que temos agora é que, com a quanti-



"Com a quantidade de novas experiências, você atrai todo tipo de público", disse Rodolfo Medina.

A abrangência do Rock in Rio também permite às marcas mostrarem alinhamento com estratégias de ESG (governança ambiental, social e corporativa). Um exemplo citado pelo VP foi o projeto, do festival e empresas, com a Gerando Falcões

Em abril, o Rock in Rio anunciou parceria com a DNA, comprometida com desenvolvimento econômico e cidadania em favelas, para implementar programa Favela 3D, que visa a melhorar a qualidade de vida nas comunidades — no Morro da Providência, região central do Rio. "O projeto Favela 3D com a Gerando Falcões, começamos no The Town [festival de música em São Paulo, também coordenado por Medina], onde fizemos na favela do Haiti [na zona leste do São Paulo] junto com a Gerando Falcões e a Fundação Volks. Essa parceria se repete para o Rock in Rio".

O renovado interesse das empresas no Rock in Rio ocorre em ano em que mercado de eventos no Brasil, deu sinais de desaceleração antes anos anteriores. Esse contexto não assustou organização do evento. "O que eu acho que está acontecendo é que, pós pandemia, tivemos boom no 'live entertainment'. É natural que, passados dois anos, se tenha acomodado", afirmou o VP. Mas, no caso de patrocinadores, não houve acomodação: não há mais tempo para novas adesões. É já estão esgotados ingressos para quatro dias de shows, com atrações internacionais como Katy Perry e Ed Sheeran, e nacionais, como Hermo e Pato e Ludmilla.

Cientista criou o primeiro curso em 1901

QUEM INVENTOU

História

Natália Flach
De São Paulo

Cientista e economista, Edward David Jones, criou o primeiro curso de marketing do mundo em 1901. O norte-americano havia sido o escalado para dar aula sobre geografia comercial na Universidade de Michigan, mas a matéria, Industries distributivas e reguladoras dos EUA acabou ganhando uma descrição mais abrangente segundo o catálogo da faculdade: "como fazer marketing de diversos bens e as marcas envolvidas".

Para Jones, esses ensinamentos eram essenciais para a formação em negócios. "As áreas prioritárias [nesses sentidos] são administração, finanças / contabilidade e marketing, que juntas são a base para a teoria da distribuição mercantil moderna", escreveu ele, citado pelo estudioso D. G. Brian Jones, em um paper da Universidade de Wilfrid Laurier (Canadá).

O sucesso do curso foi tão grande que deu origem a outras cadeiras entre 1903 e 1904, com o olhar distinto para agricultura, atacado e varejo. Nos anos seguintes, o professor se voltou para o ensino de administração de empresas, mas sem abrir mão das aulas de marketing. Ao todo, escreveu cerca de 20 trabalhos importantes para a área entre 1911 e 1914.

Em 1919, Jones se aposentou da Universidade de Michigan e, exceto por um ano em que trabalhou como supervisor na Universidade de Harvard — passou as décadas seguintes como vice-presidente da Z. L. White Company. Morreu em 1944 aos 74 anos.

Ingressos para 100 anos e até uma capela para casar

Do Rio

Na reta final para a estreia da mais recente edição do Rock in Rio, patrocinadores preparam ações de marketing ligadas ao evento, que ocorre na Cidade do Rock, zona oeste do Rio, de 13 a 22 de setembro. As empresas apostaram em diferentes ações, de distribuição de ingressos ao longo de 100 anos a uma capela para celebrar casamentos.

O banco Itaú, patrocinador master do Rock in Rio há sete festivais deslançou sua estratégia para o evento meses atrás, chefe de experiências de marca e patrocinados do Itaú Unibanco "Nossa Ativação" começa na pré-venida (de ingressos) em abril. Mas: Falamos, antes de todas as marcas de Rock in Rio", disse. Na quinta-feira (29), o banco lançou o "Rock in Rio Forever". Na

promoção, clientes Itaú, Itaú Uniclass, Itaú Personalit e Itaú Empresas comemoram a 100 anos de ingressos. "Temos aqui, feliz coincidência, o Itaú comemora 100 anos este ano", disse Montenegro. O pavilhão Itaú terá um espaço de mais de 1.000 metros quadrados e três andares. No último andar, uma novidade: o Terraço Uniclass, para clientes que apresentarem qualquer cartão Itaú para entrar — limitado à lotação. O banco

também vai distribuir um copo reutilizável, uma peça sustentável.

A sustentabilidade é uma marca da Neocenergia, disse o diretor de marketing, Lorenzo Pereira. A empresa vai instalar 43 postes de iluminação por energia solar e oferecer 130 carrinhos elétricos para uso da organização.

"A sustentabilidade é um dos propósitos mais importantes da companhia. Nós pegamos a música [o festival] porque conecta

com o 'target' de pessoas, e de jovens, que tenham vontade de saber exatamente o que está acontecendo no planeta", disse.

A marca de óculos Chilli Beans prepara a Capela Chilli Beans, onde podem ser realizados casamentos e "Óculos Gigante" — ponto de descanso no evento, já a marca de roupas C&A lançou a coleção de roupas "Rock in Rio da C&A", vendidas pela internet e em lojas físicas. (AS)

Agronegócios

Futuros Soja e açúcar tiveram as maiores quedas nas bolsas dos EUA; o café e suco de laranja subiram

A queda dos preços das commodities agrícolas

Paulo Santos
De São Paulo

No mês que se encerra, a maior parte das commodities agrícolas apresentou quedas nas bolsas americanas. Dentre elas, soja e açúcar — cujas produções do Brasil estão em desaceleração — se pelas quedas mais acentuadas, mostra acompanhamento do Valor Data.

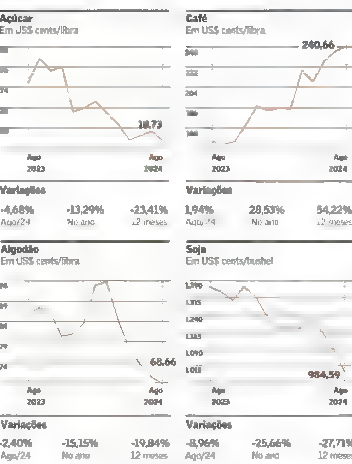
A tendência de recuo dos preços futuros da soja ganhou fôlego, já diante das projeções cada vez mais otimistas para a colheita nos EUA. Com isso, carim abaixo de US\$ 10 em agosto na bolsa de Chicago, o que não ocorreu nos meses anteriores. Novas quedas, a alta em Nova York, logo após, ocorrendo em contraponto, paulatino, não foi suficiente para mudar a tendência de queda em agosto, reflexo do clima favorável para a produção na área.

Segundo o Valor Data, em agosto, os contratos de segunda posição da soja caíram R\$8,96, na média. O desempenho foi influenciado pelo relatório de oferta do Departamento de Agricultura dos EUA (USDA), que estimou colheita de 124,9 milhões de toneladas de soja no país na safra 2024/25, um recorde. O número ficou acima dos 121,6 milhões esperados por analistas.

Para Daniele Segniera, analista da AgRural, os dados do USDA apenas reforçaram a percepção do mercado, já que o clima beneficiou o desenvolvimento da safra no país. Ainda segundo ela, dúvidas sobre a demanda pela soja americana e fatores macro mantiveram

Commodities agrícolas

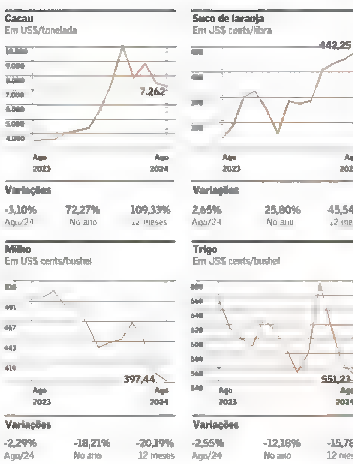
Cotações médias* nas bolsas de Nova York e Chicago



Fonte: Porto Agros Research, Bloomberg Value Data, * Mercados locais, segundo padrão

os fundos de investimento na ponta de venda em Chicago, ou seja, apostando na queda das cotações. Também em Chicago, os contratos de segunda posição do milho caíram 2,25%, para uma média de US\$ 3,9744 o bushel. Segundo Segniera, os estoques de passagem elevados de milho nos EUA têm feito os fundos manterem suas posições vendidas na bolsa.

Trigo foi outro commodity a recuar e cedeu, reflexo de uma temporada um pouco mais quente em relação ao clima. Os preços de segunda posição caíram 2,55%, para



US\$ 5,5123 o bushel, em média. Na bolsa de Nova York, as peneiras com a produção de açúcar no Brasil — após os incêndios em Minas Gerais — não sustentaram uma valorização do produto. Assim, as cotações fecharam em queda de 4,68%, para 18,73 centavos de dólar por libra-seco, em média.

Na avaliação de Marcelo Filho, analista de inteligência de mercado da StoneX, as queimadas não

resultaram em alta para o açúcar, pois ainda não está claro o tamanho da perda causada pelo fogo.

Ainda segundo ele, a dependência de áreas novas para a produção de açúcar, o rendimento dos canaviais e o fim do outono do esperado. "No acumulado da safra até julho, a produtividade caiu 68%, enquanto a produção de açúcar se manteve em 49%.

Pode ser que a partir de setembro caia drasticamente, mas até o momento o dado surpreende", afirma. Nesse cenário, as condições climáticas favoráveis na Índia segundo o maior produtor mundial de açúcar, pesaram menos. "Os fundos ficaram acomodados com essa notícia sobre os safra no Brasil e na Índia e preferem esperar pelo lado das quedas em Nova York", diz Marcelo Filho.

O café, que chegou a bater US\$ 118 mil em abril, voltou a cair em agosto em Nova York, com a melhora no regime de chuvas no oeste da África, principal região produtora. Os contratos recuaram em média US\$ 7,281 a tonelada, na média. No Brasil, os contratos de segunda posição caíram 2,40% negociados a uma média de 68,66 centavos de dólar por libra-seco.

Também em Nova York, os contratos de suco de laranja concentrado e congelado subiram 2,65%, a US\$ 4,4225 a libra-seco. Já os futuros de café tiveram alta de 1,94%, para uma média de US\$ 2,4066 a libra-seco. A valorização reflete a preocupação com clima seco em algumas regiões e com a queda de preços pontuais de grãos.

aes Brasil

AES BRASIL OPERAÇÕES S.A.

CNPJ nº 16.074.060/0001-07, NIRE 33.903.032/0001

Emissão de Debêntures Simples não Convertíveis em Ação de Especie Circulatória, em Série Única

Para Distribuição Pública, com Esgoços Reservados para a AES BRASIL OPERAÇÕES S.A.

Considerando que a AES BRASIL OPERAÇÕES S.A. é uma empresa de capital aberto, a AES BRASIL OPERAÇÕES S.A. não se qualifica para ser emitida em nome de uma pessoa física ou jurídica, conforme o artigo 171, inciso I, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso II, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso III, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso IV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso V, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso VI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso VII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso VIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso IX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso X, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XIV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XVI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XVII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XVIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XIX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XXI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XXII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XXIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XXIV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XXV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XXVI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XXVII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XXVIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XXIX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XXX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XXXI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XXXII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XXXIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XXXIV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XXXV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XXXVI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XXXVII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XXXVIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XXXIX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XL, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XLI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XLII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XLIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XLIV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XLV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XLVI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XLVII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XLVIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso XLIX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso L, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LIV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LVI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LVII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LVIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LIX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXIV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXVI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXVII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXVIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXIX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXIV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXVI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXVII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXVIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXIX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXIV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXVI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXVII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXVIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXIX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXIV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXVI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXVII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXVIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXIX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXIV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXVI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXVII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXVIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXIX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXIV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXVI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXVII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXVIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXIX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXV, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXVIII, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXIX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXX, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 171, inciso LXXXXXXXI, da Lei nº 6.406/06, e o artigo 1

Por ZOBORU AL



Estratégia Com investimentos para ampliar sua capacidade de produção e também em pesquisas de sementes, multinacional reforça sua operação de insumos no país

Basf vê acomodação de preços e descarta crise do agro no Brasil

Patrick Cruz
De São Paulo

Ainda que o número de pedidos de recuperação judicial no agronegócio brasileiro tenha crescido de maneira acelerada desde o ano passado, a Basf descarta que o setor enfrente uma crise no país, afirma Livo Tedeschi, presidente global da operação agro da companhia alemã. "Os preços das commodities atingiram picos históricos durante a pandemia de covid-19, quando também estourou a guerra na Ucrânia. Agora, os preços estão se normalizando", disse o executivo em entrevista exclusiva ao Valor, durante sua passagem pelo Brasil, na semana passada.

O país é um mercado-chave para o braço agro da Basf, primeiro porque os volumes de comercialização estão entre os mais altos da companhia no mundo. Em seu balanço financeiro, a empresa não informa detalhes sobre seu desempenho em cada país em que ela atua, mas, segundo Tedeschi, Estados Unidos e Brasil são os dois maiores mercados da operação agro da multinacional alemã.

E, para além da importância que tem no volume de negócios, o Brasil é também estratégico por ser uma plataforma global de novos lançamentos da empresa. "O Brasil é o lar dos nossos negócios quando se trata de adoção de novas tecnologias, avanço da digitalização e desenvolvimento de negócios no ambiente digital", afirma o executivo. Um exemplo dessa abertura às novidades é que a Basf vê no agro brasileiro é que foi no país que a companhia lançou o AgroStart, seu programa de apoio a startups,



Livo Tedeschi, da Basf, para o executivo, Brasil deve se estabelecer como referência em inovações na área de bioinsumos

que só depois de entrar no Brasil chegou aos Estados Unidos.

Ao lado de Bayer, Corteva e Syngenta, a Basf é uma das quatro multinacionais que dominam o mercado brasileiro de defensivos agrícolas. A operação agro não é a maior do grupo — as vendas de "soluções agrícolas", área que também inclui sementes — foram de € 5,4 bilhões no primeiro se-

mentre deste ano, quando o grupo faturou € 33,6 bilhões, produtos químicos respondem pela maior fatura da receita. Mas o braço agro é o mais rentável e lucra antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês) da área de soluções agrícolas foi de € 1,5 bilhão no primeiro semestre, e o de todo o grupo, de € 4,2 bilhões.

Mesmo com os percalços recentes, o mercado brasileiro de defensivos agrícolas segue em expansão. No ano passado, o volume de comercialização de pesticidas foi de 1,42 milhão de toneladas, o que representou um aumento de 9,5% em relação a 2022, segundo pesquisa recente da Kyne-net Brasil, feita sob encomenda do Sindicato Nacional da Indústria

de Produtos para a Defesa Vegetal (Sindipev). O segmento movimentou US\$ 20,7 bilhões em 2023, ou 1,9% a mais do que no ano anterior, informa a pesquisa.

O mercado de sementes das principais culturas, por sua vez, teve um giro de R\$ 44,4 bilhões na safra 2022/23, de acordo com levantamento do agrônomo e consultor Lars Schobinger, da Blink Inteligência Aplicada. O montante foi três vezes maior do que o da temporada 2015/16.

A aposta da Basf no mercado brasileiro passa também por aumento de bioinsumos. "O mercado de biológicos é o que cresce com mais rapidez. Eu acredito que o Brasil vai ter um papel muito importante também como fonte de inovação em biológicos. Estamos atentos a isso e usando nossas instalações de pesquisa aqui no Brasil para esse fim", diz o executivo.

Esse quadro sustenta o otimismo de Livo Tedeschi com o mercado brasileiro e as investidas que a companhia tem feito no país. A multinacional, que tem seis fábricas dedicadas a defensivos agrícolas no Brasil, nas quais pode produzir até 60 milhões de litros em formulações por ano. Vai lançar seus novos produtos de pesticidas até 2030. No ano passado, a empresa investiu € 15 milhões para ampliar a capacidade de produção de sua planta de Guaratinguetá (SP) — a capacidade de formulação de fungicidas e inseticidas da fábrica aumentou 45%. Com o desdobramento, a empresa também construiu um novo laboratório de sementes de algodão, localizado em Primavera do Leste, MT.

Caraíba se profissionaliza e amplia portfólio para chegar ao R\$ 1 bilhão

Sementes

Fernanda Pressinott
De São Paulo

O gosto por encarar desafios parece estar no DNA da família Buffon. Na década de 1970, o engenheiro agrônomo capixaba José Buffon saiu de Vila Velha (ES) para iniciar a agricultura em um estado onde a pecuária dominava a economia, Goiás. No início, como representante da DuPont e depois como empresário na revenda de defensivos, foi um dos pioneiros a perceber o potencial agrícola da granja Rio Verde.

Quarenta anos depois, é a vez de seus filhos, Felipe e Mariana, transformarem o que era apenas uma revenda em uma empresa de diversas atividades, a Caraíba, com a meta ambiciosa de multiplicar o faturamento por dez, de R\$ 100 milhões no ano passado, para R\$ 1 bilhão em 2028. "Garanto que é factível", afirma ao Valor a filha do fundador, Mariana Buffon, que ocupa a diretoria administrativa, enquanto o irmão atua como CEO.

A ideia de ter apenas uma revenda ficou para trás. Buffon queria ter controle das sementes que vendia e há 20 anos montou a Caraíba Sementes, que trabalha com cul-

tivo, produção, beneficiamento e comercialização de sementes certificadas de soja e milho. Também investiu na Caraíba Genética, que atua na pesquisa e no melhoramento de cultivares de soja e híbridos de milho e no licenciamento de genótipos de soja.

Agora, para multiplicar o faturamento, o plano inclui ampliar o portfólio da Caraíba Sementes — que produz atualmente 500 mil sacas de sementes por ano — investindo em marketing e relações públicas e reestruturando equipes.

As contratações começaram no fim de 2023. O alemão Thomas Britze foi chamado para ser vice-presidente comercial e de clientes. Ele trabalhou por mais de 20 anos na Bayer, liderando os times do Brasil, Portugal e Itália. E Marcelo José Bastista, com passagens por Monsanto e GDM, chegou para comandar a área de desenvolvimento de produtos.

"Temos um grande diferencial: desenvolvemos nossas próprias variedades de sementes no Cerrado, para clientes no Cerrado. A maior parte das sementes licenciadas produtos apenas e são pequenas e regionais, com exceção da Boa Safra" diz Britze. Em outra ponta, as multinacionais, como Bayer, são parceiras no licenciamento de biotecnologias.

"Principalmente nesse período de problemas climáticos, você conhece a região onde o produto será plantado, muda tudo", observa.

Como ação mais recente para conquistar espaço e faturamento num mercado avaliado em R\$ 25 bilhões ao ano, a empresa lançou três novas cultivares para a safra 2024/25, uma delas com a biotecnologia Intacta 2 Xtend. Outra frente de ação é licenciar o genótipo da Caraíba que tem 20 anos de desenvolvimento, para outras sementeiras. Segundo a empresa, ela é a única a ter um banco de sementes na maior região agrícola do país.

Ampliar os Estados de atuação também é mais uma meta da companhia, e o movimento nesse sentido começou este ano com a venda de sementes em São Paulo, Minas Gerais e Tocantins.

Neste ano de expansão, um desafio para a empresa tem sido o menor poder de compra dos produtores e revendas. Menos capitalizados devido à queda das commodities, eles têm optado por pagar em parcelas, o que não era uma prática comum.

"Tradicionalmente, os produtores as compravam e pagavam no primeiro semestre. Mas neste ano,



Thomas Britze, conhecer a região onde o produto será plantado, muda tudo

notamos um atraso nos pedidos e um parcelamento que será quitado até a entrega dos produtos, em setembro", diz Mariana Buffon. "Algumas revendas também passaram por dificuldades e precisamos de financiamento para aquisição das sementes, mas agora a compra para 2024/25 está praticamente finalizada".

A Caraíba tem chamado a atenção de concorrentes e investidores, mas os irmãos Buffon dizem que farão a expansão do negócio pelo menos por enquanto, sozinho. Segundo Mariana Buffon, há dinheiro em caixa. "Estamos mais propensos em comprar alguém do que vender ou ter sócios neste momento", ela afirma.

Dívida de produtor do RS será alongada por 8 anos

Enchentes

Marcelo Bolelelli
Para o Valor de Esteio (RS)

Os produtores afetados pelas chuvas de abril e maio no Rio Grande do Sul terão o pagamento de suas dívidas prorrogado por oito anos, com um ano de carência incluído, disse o ministro da Agricultura, Carlos Fávaro, durante reunião com representantes do setor agropecuario gaúcho, na 47ª Expointer, na

sexta-feira, em Esteio (RS).

Se o prazo de pagamento já está certo, ainda, restam dívidas sobre os juros. Fávaro informou que seriam de, no máximo, 10% ao ano. Mas o governo ainda está discutindo com instituições financeiras para chegar a algo entre 7% e 8%.

"Como esses recursos têm um fundo garantidor, o risco é menor e não é necessário um spread bancário de 4,5% ou 5%, aumentando o juro total. Já temos um acordo com as presidências dos bancos para reduzir esse spread", afirmou Fávaro.

Uma resolução com as medidas e as condições dos financiamentos deve ser publicada pelo governo nesta segunda-feira, para aprovação pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), até amanhã.

A Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul) pleiteia uma prorrogação por 15 anos, dois anos de carência e 3% de juro ao ano. Mas, segundo Gedson Pereira, presidente da Farsul, a proposta do governo agrada aos agricultores. "O ótmo é inimigo do bom. A proposta da Farsul era im-

possível de executar pelo governo. Mas o que o governo consegue executar já dá vida ao produtor".

Na visão de Pereira, "o agricultor gaúcho hoje precisa de prazo. Ele está sem recursos para plantar a próxima safra. Essa proposta ajuda o produtor a trabalhar".

O anúncio do governo sobre a prorrogação das dívidas foi feito na Expointer, que se encerrou ontem, com R\$ 8,1 bilhões em negócios em oito dias. Segundo os organizadores, o crescimento foi de 1,41% em relação a 2023. O setor

de máquinas e implementos agrícolas movimentou R\$ 7,4 bilhões.

Neste ano, a reconstrução e a retomada após as enchentes no Estado foram o tema da feira no Parque Estadual de Exposições Avulsas, que ficou alagado por mais de 30 dias. "Estamos extremamente felizes e realizados de fechar uma feira de superação. O Rio Grande do Sul é muito forte e tem muita resiliência", disse o secretário estadual de Agricultura, Clau Kulm, em coletiva online. (Colaborador Marcos Fontini, de São Paulo)

Mercados
Soja e açúcar encerraram agosto com forte queda nas bolsas internacionais
B9

Entrevista

Investidores locais costumam ser 'excessivamente pessimistas', diz Mohamed El-Erian C2

Valor C

Sábado, 31 de agosto, domingo e segunda-feira, 1 e 2 de setembro de 2024



Volatilidade

Atuações do Banco Central no câmbio provocam ruídos no mercado C2

Gestão

Oriz capta um novo fundo e reforça aposta no segmento imobiliário C4

Travellex Bank

IMPORTAÇÃO, EXPORTAÇÃO E OPERAÇÕES EM MOEDA ESTRANGEIRA

travex@travexbank.com.br

(11) 3004-0490

Finanças

Captações Com perspectiva de corte de juros nos Estados Unidos, projeção é que companhias brasileiras retomem as emissões de bônus

Empresas voltam ao mercado externo de dívida neste mês

Fernanda Guimarães e Rita Azevedo De São Paulo

Bancos de investimento preparam suas primeiras reuniões com investidores estrangeiros para dar a partida nas emissões de empresas brasileiras no mercado internacional de dívida. São esperanças para setembro cerca de seis transações, conforme fontes ouvidas pelo Valor incluindo nomes do setor bancário e a Raizen. A Odebrecht, que é novata nesse tipo de operação e tratou lançar sua oferta em agosto, é mais uma candidata.

A projeção é que a temporada, que começa após o retorno das férias no Hemisfério Norte e o feriado do Dia do Trabalho (Labor Day), nesta segunda-feira, seja aquecida. Com esse cenário, algumas emissões podem até mesmo ser antecipadas não só para aproveitar as taxas mais atrativas que estão sendo observadas hoje, mas para evitar uma data mais próxima às eleições nos Estados Unidos que pode elevar a volatilidade.

O ano já superou 2023 em termos de ofertas no exterior: as companhias brasileiras emitiram US\$ 16,4 bilhões em 2024, ante US\$ 16,1 bilhões em todo o ano passado, conforme dados da Bond Radar. A expectativa, conforme as fontes consultadas, é que o volume de operações encerre o ano em torno de US\$ 20 bilhões.

A avaliação sobre o impacto do plano nos Estados Unidos não é unânime entre os bancos que co-

ordenam as operações. Samy Podlubny, chefe da área de dívida do UBS BB, diz que hoje os potenciais emissores estão divididos em dois grupos: quem aposta em setembro e os que passarão a olhar para janeiro de 2025, evitando assim o período mais intenso da corrida pela Casa Branca. "Mesmo sabendo que a janela deste mês pode ser mais complicada, considerando a concentração de operações em um período mais curto, várias empresas aceleraram para emitir antes das eleições [americanas]", diz.

Já Gustavo Siqueira, responsável pela área de renda fixa do Morgan Stanley no Brasil, afirma que as empresas devem tentar a janela de setembro, mas não esperam um impacto das eleições americanas nos mercados. "Vemos um mês mais ativo, mas talvez algumas operações escorem melhor para outubro ou novembro", diz. Segundo o executivo, o mercado está líquido e os investidores estão buscando retornos, abrindo bom espaço às empresas emissoras. "Estamos vendo uma retomada depois de dois anos mais fracos".

Do início de agosto, quando uma queda abrupta da bolsa no Japão chocou os mercados globais, até agora, as condições para as captações com dívida no mercado externo melhoraram, diz Caio de Lencastre, chefe do mercado de capitais de dívida do Bank of America (BoA) no Brasil. "Os Treasuries [juros de dívida emitidos pelo governo americano] ficaram mais estáveis e os spreads voltaram a retroceder para um patamar mais ade-

quado, após um período de forte volatilidade", afirma. "Estamos com um dos melhores cenários de custo de captação para as empresas dos últimos dois anos".

O responsável pela área de dívida externa no Itaú BBA, Pedro Frade, também destaca uma compressão relevante de taxas no último mês, tanto olhando os Treasuries quanto em relação ao risco Brasil. No entanto, segundo ele, a atenção está voltada não só para a volatilidade do Fed (o banco central americano), mas também aos relatórios de inflação e desemprego no país, o que, eventualmente, pode mudar o humor do mercado e deixar a janela de emissões mais curta. "Emissores frequentes se beneficiam de janelas mais curtas", lembra o executivo do BBA, visto que, nesses casos, a transação é lançada e concluída muito rapidamente, sendo possível driblar a volatilidade do mercado.

Sua estimativa é de uma maior concentração de operações na primeira quinzena do mês. Por conta dessas incertezas,

"É um bom momento para as empresas virem. A dívida é se será uma janela boa ou muito boa" Matheus Licarião



o número de emissores que conseguiram se aproveitar da janela vai depender. "Muitas companhias vão continuar fazendo as contas para ver se o mercado externo é o caminho", diz Frade.

Um dos pontos que devem ser acompanhados pelas emissoras na próxima janela é a alta concorrência com outras operações de empresas da região. Segundo as projeções do UBS BB, o número de ofertas de companhias da América Latina pode chegar a 15 em setembro. Se de empresas argentinas, suas expectativas são emissões.

"O investidor não seleciona apenas dentro do Brasil, mas América Latina como um todo, porque o dólar, geralmente, é o moeda" diz Podlubny. "Não é que os investidores estão se sentindo, mas talvez eles não tenham tempo para olhar todas as operações com cuidado e acabem priorizando algumas

isso pode ter efeito, por exemplo, no tamanho dos livros."

Miguel Diaz, especialista da área de mercado de capitais em renda fixa do Santander Brasil, afirma que o olhar é de otimismo, ainda mais quando colocadas na mesa as atuais taxas do mercado americano, que têm chamado a atenção dos emissores. Segundo ele, sua projeção é de até oito emissões entre setembro e o início de outubro.

De acordo com o responsável pela área de mercado de capitais em renda fixa do Santander Brasil, Matheus Licarião, a agenda dos investidores está muito positiva após o Labor Day. Ele prevê dois cenários possíveis para o mês. O primeiro é que as empresas, ao entenderem que o mercado já precisou o início da queda dos juros americanos, optem por aproveitar o início do mês para lançar suas operações

— se distanciando, com isso, das eleições nos EUA. Outro grupo, no entanto, pode optar por esperar a decisão de política monetária do Fed, em 18 de setembro.

Se o otimismo aumentar após essa data, segundo o executivo, o espaço poderá ficar aberto tanto para emissores frequentes como para os novatos. "É um bom momento para as empresas virem. A dívida é se será uma janela boa ou muito boa", afirma.

Procurada a Raizen disse que está sempre aberta a oportunidades no mercado de capitais, graças ao seu "posicionamento estratégico, qualidade da gestão, inovação financeira" e avaliação de grau de investimento em três agências. "É natural que a comunidade financeira nos mantenha no radar e aponte como candidata". A Odebrecht não respondeu ao pedido de comentário.

Fim de festa com Nvidia pode não ser ruim para as bolsas

Kabir Martin Financial Times

Se alguém se perguntava se os mercados ainda estão na temporada de notícias bombas de verão, deu-se um golpe. A Nvidia, sim, eles definitivamente estão. Agosto costuma ser um mês em que os mercados fazem movimentos estranhos, devido às mesas de negociação mais enxutas no verão do Hemisfério Norte, e 2024 é um exemplo especialmente bom.

Lembra da "carruagem" (operação em que o investidor toma emprestado em moeda de um país com juros baixo para investir em outro com taxas altas) do mês? Não, ninguém tem, mas apenas três semanas atrás foi um dos maiores fatores citados para ajudar a explicar uma onda de vendas do mercado de ações bastante feia e que foi revertida rapidamente. Os mercados de bônus e câmbio continuam a esgarçar a escala provável da desaquecimento econômico iminente dos EUA. A moeda, por sua vez, deu delírios fantasiosos do verão tem sua origem na magnitude do foco da semana passada sobre os resultados de uma empresa, a Nvidia.

A propaganda exagerada e o entusiasmo geral excessivo são algo bastante comum nos mercados, e a Nvidia é, no fim das contas, uma das empresas mais valiosas do planeta. Mas os momentos de perder o fôlego que antecederam a divulgação, na semana passada, dos resultados da fabricante de chips da Vale do Silício foram muito intensos, até mesmo para esses padrões.

Vários analistas compararam a importância desses resultados à divulgação dos dados econômicos mais importantes dos EUA, como os de inflação ou das folhas de pagamento não agrícolas — os únicos relatórios de dados regulares capazes de levar gestores de fundos a rearmar um almoço. Os números da Nvidia são, como o Deutsche Bank apontou, "um evento macro importante por eles mesmos", e estão lá no topo, ao lado dessas informações chave para a política monetária americana.

Isso é algo curioso, mas perfeccionista: o mercado do enorme papel que a Nvidia tem no impulso das ações dos EUA e do mundo. Mas o verdadeiro excesso exposto por esse "evento macro" e o peso das expectativas dos investidores

A Nvidia conseguiu mais do que dobrar suas receitas nos três meses encerrados no fim de julho, em comparação com o trimestre anterior, chegando a espantosos US\$ 30 bilhões. A empresa informou que sua expectativa para o terceiro trimestre é que o resultado se amplie a US\$ 32,5 bilhões.

E o que as ações fizeram? Elas caíram nas negociações do pós-mercado, é claro. Tiveram uma queda de cerca de 6%, em grande parte porque alguns investidores esperavam uma previsão um pouco maior para o terceiro trimestre. Analistas do UBS, entre outros, sugeriram que isso era bobagem. Para Timothy Arcuri, analista do banco, essa atitude "é, de fato, de ver a floresta por causa das árvores" e um reflexo de "expectativas um tanto quanto frávolas". Ele

aconselhou os clien es a comprar na baixa e deixou claro que ainda espera que as mesmas ações subam 20% daqui para a frente.

Isso é algo que sempre vale a pena lembrar sobre os mercados, eles dizem muito pouco sobre o que está acontecendo hoje e muito mais sobre o que os investidores acham que acontecerá amanhã. Neste caso, as expectativas são, de fato, muito grandes. A alta explosiva das ações da Nvidia — de cerca de 800% ou mais desde o início de 2023 — já é um reflexo da potência da inteligência artificial (IA), que até o momento ainda não foi comprovado, em grande medida. A tarefa hoje para as empresas ligadas à IA é demonstrar que podem estar à altura de toda a propaganda. Nesta fase de "mostrar as evidências", os mercados punirão qualquer pequena rachadura ou oscilação, mesmo que apenas de maneira breve.

Razões para acreditar o lado positivo se dividem em duas áreas. A primeira é que, finalmente, salvo algum tipo de desastre inflacionário ou as taxas de juros estão a ponto de cair, como o presidente do Federal Reserve, Fed, o banco central dos EUA, Jerome Powell, destacou

recentemente no simpósio de política monetária de Jackson Hole.

Outra é que, deixando um pouco de lado a obsessão miedosa do mercado com a Nvidia, o mercado de ações dos EUA em geral está em boa forma. O banco francês Société Générale aponta que 80% das companhias americanas superaram as expectativas de ganhos por ação no trimestre e, o mais importante, a proporção de empresas que trazem surpresas positivas está em crescimento.

O analista do banco Marsh Kabra disse que retrair do índice amplo S&P 500 as empresas do Nasdaq 100, que se concentra em tecnologia, traz notícias encorajadoras. O crescimento dos lucros das empresas não tecnológicas tem ultrapassado o das companhias do relutante setor de tecnologia que ganharam tanta atenção ultimamente. "O maior tema que encontramos é o da rotação — a rotação do estereótipo 'trade de bolha' para um trade de maior amplitude deve continuar", escreveu Kabra.

É impressionante que, apesar do golpe expressivo nas ações da Nvidia na semana passada, o S&P 500

continuou a subir. Talvez de agora em diante o foco intenso na empresa se dissipe ao menos um pouco.

Charlotte Daughtrey, especialista em investimentos na Federal Hermes, está entre os que esperam que uma falta dos fluxos conseguidos este ano em ações de tecnologia passe a ser direcionada para o resto do mercado. Ela observa que a diferença entre as avaliações das gigantes da tecnologia e as do resto do mercado, de mais de 25%, é anormalmente grande. Para Daughtrey, as "ações gigantes" de tecnologia podem ficar "vulneráveis" pelo resto do ano, enquanto as ações de pequena e média capitalização podem finalmente encontrar seu momento ao sol.

Essa dinâmica saudável não tem os fogos de artifício da recuperação espetacular das ações ligadas à IA. Sejam os humanos, ela é bem chata. Mas ganhos de mercado de base ampla e um Fed que está prestes a começar a cortar os juros são notícias inequivocamente positivas para investidores do mercado de ações. Ignore os obscuros por tecnologia de curto prazo — eles são uma tampa dura demais.

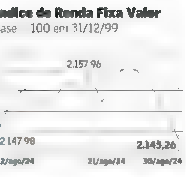
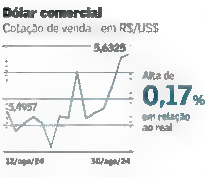
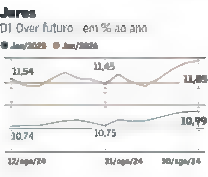
800% é a alta acumulada das ações da Nvidia desde o início de 2023

Finanças



Bolões internacionais
Variações no dia 30/ago/24 em %

Dow Jones	0,86
S&P 500	1,01
Eurostoxx 100	-0,22
DAX	-0,83
AC 40	-0,13
NASDAQ	0,74
SSE Composite	0,68



Ativos Juros longos disparam após leilão extra de swap cambial; nova operação será realizada hoje

Ação do BC no câmbio provoca ruído no mercado

Victor Rezende e Gabriel Roca
De São Paulo

Foi com um toque de estranheza e alguma desconforto que, durante as intervenções do Banco Central (BC) no câmbio quanto os sinais emitidos na condução da política monetária entre a noite de quinta-feira e o início da tarde de sexta-feira. Os reflexos foram imediatos e significativos nos preços dos ativos, com um aumento relevante de prêmios de risco. Embora o real tenha se comportado bem, os juros de longo prazo dispararam e as expectativas de inflação de mercado subiram com força.

Na sequência de fatos que estressaram os mercados nos últimos dias, o pontapé inicial veio com a venda de US\$ 1,5 bilhão no mercado à vista, anunciada na noite de quinta-feira, o primeiro leilão de dólar "spot" desde abril de 2022. A intervenção foi feita para combater um possível fluxo em excesso de saída de dólares diante do processo de rebalanciamento do EWZ (MSCI Brazil), que passou

a contemplar ações de empresas listadas em Nova York, o que geraria uma saída de mais de US\$ 1 bilhão na sexta-feira.

Embora boa parte dos agentes de mercado tenha visto a ação como natural, houve certo incômodo entre alguns investidores de peso. Houve quem notasse que, mesmo em ocasiões anteriores, fluxos pontuais de saída não costumavam ser combatidos com intervenções, mesmo com o BC na gestão atual. Foi o que indicaram, em revisão de cenário, os economistas Cassiana Fernandes e Vinícius Moreira, do J.P. Morgan, ao passarem a projetar que a Selic terá quatro alíquotas de 0,25 ponto percentual pela frente e chegará a 11,5% no início de 2025.

"Embora [a intervenção] seja uma ação justificada por saídas pontuais, o BC resistiu a intervir no passado e o fato de seus membros estarem mais confortáveis em fazê-lo agora em meio a uma guinada hawkish [para] no discurso é uma dica para alíquotas futuras [na Selic]", afirmam os economistas.

No fim da manhã de sexta-feira, o presidente do BC, Roberto Cam-

pos Neto, foi contundente ao passar uma mensagem, em evento da XP, de que havia exageros na parte curta da curva de juros. Nos últimos dias, diante da escalada do dólar, dados de atividade mais fortes e retorno dos riscos fiscais à pauta, o mercado havia migrado com força para a aposta de uma alta de 0,5 ponto percentual, na Selic, já em setembro, com um juro em 11,75% e 12% no fim do ano.

Diante da avaliação do presidente do BC, no entanto, o mercado passou a interpretar que a chance de uma alta mais agressiva da Selic no próximo mês era mínima.

É pouco tempo depois, a ação que mais gerou estranheza entre os investidores foi a segunda intervenção do BC no câmbio, desta vez

um leilão extraordinário de 30 mil contratos de swap cambial, o equivalente a mais US\$ 1,5 bilhão, pouco tempo antes da formação "flood" da Pix de fim de mês. Nesse sentido, participantes do mercado estranharam o fato de o BC não ter aproveitado outras "janelas" da Pix formadas durante o dia e ter atuado somente com apenas mais um horário pela frente para a formação dos preços no câmbio.

Dos 30 mil contratos de swap cambial ofertados, apenas 15,3 mil foram vendidos, em uma atuação que foi considerada "atabalhoada" por importantes participantes do mercado, que conversaram com o Valor em condições de anonimato. O leilão, automaticamente, provocou certo mal-estar entre os investidores e fez com que a ponta longa da curva dos juros futuros dissesse, em um processo de "descolamento" de prêmios de risco entre os mercados domésticos.

"A primeira intervenção foi completamente justificada pelo fluxo do rebalanciamento. Mas a segunda, principalmente pelo horário, já muito perto da janela

de fechamento da Pix, não deu para entender muito bem. Parece um sinal de que o Banco Central, tentou "petar" o mercado, mas o prêmio acabou, não para a ponta longa da curva. Realmente não deu para entender muito" aponta o tesoureiro de uma grande instituição financeira.

O sócio de uma importante gestora na Fama Lima complementou dizendo ver uma ação "antiga" do BC. "Tinham comunicado na ata que dariam o que fosse necessário e, agora, a mensagem é a de que, se acontecer, será um ciclo gradual. Venderam dólar para um rebalanciamento semestral e nunca fizeram isso. É a segunda intervenção leva a crer que queriam tabelar o câmbio para darem só uma alta de 0,25 ponto em setembro", diz.

Esse gestor, inclusive, dá ênfase tanto ao movimento da curva de juros quanto à dinâmica da inflação "implícita", que voltou a subir com força. Enquanto a taxa do DI para janeiro de 2025 disparou, ao avançar de 11,855% para 12,115%, a inflação "implícita" extraída da NTN-B para maio de 2027 passou

de 4,91% para 5,07%, em um claro sinal de aumento de prêmios de risco. "É não acredito o FOCUS voltar a piorar", alerta o profissional, ao se referir à dinâmica das expectativas de inflação de médio prazo.

Vale notar que, após o fechamento de sexta-feira, o BC anunciou novo leilão extraordinário, com a oferta de 14,7 mil contratos de swap cambial, hoje às 9h30.

Na avaliação de muitos gestores e estrategistas, embora o BC tenha sinalizado que prefere um ciclo gradual de aperto monetário, caso ele ocorra, o mercado deve continuar a "testar" a autoridade monetária.

Nesse sentido, há quem diga que o excesso de comunicação e a leitura confusa extraída de declarações dos diretores possam fazer com que mesmo se entregar um aumento de 0,25 ponto na Selic em um momento de flexibilização em economias desenvolvidas, o BC possa ser lido como "hawkish" (suave), o que contrariaria a preservar uma pista do real. "É isso é tudo o que ele não deveria querer. Seria altamente contraproducente", observa um estrategista.

12,115%
foi a taxa do DI
para janeiro de 2029
na sexta-feira

'Emergentes não são bons em sinalizar oportunidades'

Gabriel Roca e Victor Rezende
De São Paulo

Amada que o ciclo de cortes de juros pelo Federal Reserve (Fed, o banco central americano) deva ter início em um ritmo mais lento, o mercado tende a abrir mais espaço para a flexibilização monetária de outros bancos centrais ao redor do mundo. Para o presidente da Queens College e conselheiro econômico chefe da Allianz, Mohamed El-Erian, os mercados emergentes, que receberam poucos fluxos de recursos nos últimos anos, podem se beneficiar disso. Em entrevista ao Valor, ele afirma que tem uma visão bem mais positiva sobre o Brasil do que normalmente emitem quando vista a partir e conversa com investidores locais, que, em sua visão, costumam ser "excessivamente pessimistas".

Valor: O Fed vai começar a cortar os juros em 0,25 ponto ou 0,5 ponto percentual? Por quê?

Mohamed El-Erian: O Fed vai começar em 0,25 ponto. Eles vão cortar porque a inflação diminuiu de forma significativa, porque o balanço de riscos agora está inclinado para o desemprego, em oposição a uma inflação mais alta. E não devem começar a cortar os juros em 0,5 ponto porque bancos centrais não gostam de começar ciclos de cortes em um ritmo de 0,5 ponto. Isso sinaliza que estão atrás da curva e os mercados já estão exuberantes neste momento. O mercado já está precificando 1 ponto percentual, de cortes neste ano e meio ponto percentual no primeiro semestre do ano que vem. O Fed apenas vai tentar acalmar o mercado um pouco e promover uma série de cortes de 0,25 ponto.

Valor: Qual vai ser o tamanho deste ciclo de cortes?

El-Erian: Fica e é uma enorme incerteza, tanto que o presidente do Federal Reserve, Jerome Powell, se recusou a responder. Ele se recusou absolutamente em fazer isso. A amplitude das projeções para os juros no fim do ciclo vai desde números um pouco inferiores a 3% até números um pouco maiores que 4%. Eu estou mais inclinado para os 4%.

Valor: Por quê?

El-Erian: Há três razões para que as taxas de juros de equilíbrio não voltem para onde estavam antes. A primeira é a política fiscal dos Estados Unidos, que é muito expansionista. Era impensável ter 30 meses consecutivos com a taxa de desemprego a 4% ou abaixo disso com um déficit fiscal de 6% ou 7% do PIB. O segundo motivo é as mudanças de oferta global mudaram. É o terceiro tem a ver com uma doutrina econômica. Cresce em um tempo onde havia o "consenso de Washington", que significava desregulamentação, liberalização e prudência fiscal. Estamos em um mundo de retomada da regulação, política industrial e imprudência fiscal. Se você olhar para essas condições, é muito difícil imaginar juros abaixo de 4%.

Valor: Qual sua expectativa para a atividade nos EUA? É possível uma recessão no curto prazo?

El-Erian: Atribuo o risco de recessão para a economia americana em 35%. Lembre-se desse número desde o início do ano. O que tem sido notável é o que chamamos de narrativa punge-punge. Desde 31 de julho foi a última reunião do Fed. Todo mundo estava feliz. Dia 2 de agosto, relatório de emprego nos EUA e, de repente, bancos importantes elevaram suas probabilidades de recessão. O Goldman foi de 10% para 25%. O Citi foi para 100% e disse que já estavam em uma recessão. Então investimos o mais ruído de todos os dados, os pedidos semanais de seguro-desemprego nos EUA, que foram tranquilos, então as probabilidades de recessão caíram de novo. O que isso diz é que há muita volatilidade no que os economistas estão vendo.

Valor: Por que essa volatilidade?

El-Erian: As projeções para o crescimento econômico não são tão robustas quanto costumavam ser. Mesmo um risco de recessão de 35% é bastante considerável. A segunda razão é que não há um "forward guidance" [projeção] por parte do Fed. O Banco Central está excessivamente dependente dos dados e vai mudando conforme as novas informações. E o mercado acaba se movendo junto com ele. E a terceira razão é que há muita al-

vancagem no mercado, o que gera uma volatilidade não só nos preços, mas também na narrativa, o que é muito incômodo.

Valor: As eleições americanas podem ser uma fonte de pressões inflacionárias?

El-Erian: Dado o que sabemos hoje, a diferença entre as duas candidatas se resume a duas coisas. [Donald] Trump será muito mais pró-tarifas do que Kamala Harris. E Harris será muito mais pró-regulação do que Trump. Em outros assuntos, eles parecem bem semelhantes. Se você olhar para isso, tarifas são inflacionárias e regulação é deflacionária. É difícil dizer o que será menos inflacionário.

Valor: Os mercados emergentes não se beneficiam do enfraquecimento dos juros nos EUA?

El-Erian: No passado recente tivemos uma pandemia e um episódio de inflação elevada nos mercados desenvolvidos. Era de se pensar que haveria uma grande crise nos mercados emergentes. Não tivemos nada parecido com isso. Sim, o Fed pode abrir a porta para os bancos centrais gradualmente reduzir, mas as taxas de juros ao redor do mundo são diferentes.

Valor: É em relação aos ativos dos mercados emergentes?

El-Erian: Um dos grandes mistérios do último ano e meio é que quase todos os ativos de risco atraíram juros, exceto os mercados emergentes. É esperado que isso mude. Parte da explicação tem a ver com o fato de as ações de emergentes terem exibido um desempenho inferior por muitos anos. Parte disso tem a ver com o fato de que as taxas de juros financeiras são altas que os investidores viam com muito suficiente o retorno que obtinham em mercados desenvolvidos.

"Tendo a ser muito otimista com o Brasil, mas não encontro esse otimismo quando venho para cá"



Mohamed El-Erian: "O mercado já está precificando 1 ponto percentual de cortes de juros neste ano [nos EUA]"

dos e parte tem a ver com problemas de informação. Os emergentes não são bons em sinalizar as oportunidades de investimento que possuem. Exatamente por isso, essas são regiões atraentes, porque não foram capazes de atrair recursos como faziam antigamente.

Valor: Há interesse dos investidores estrangeiros pelo Brasil?

El-Erian: De maneira geral, sim, mas não o suficiente para atrair recursos. É parte disso tem a ver com os próprios brasileiros, honestamente. Eu sempre comparei os argentinos e os brasileiros. Se você der a eles um copo preenchido até a metade, o argentino vai, por um meio cheio, até totalmente cheio, e o brasileiro vai ver o copo meio vazio, até totalmente vazio. Os investidores de mercados emergentes sempre vão se apagar ao que os investidores locais estão fazendo. E os brasileiros são excessivamente pessimistas. O Brasil tem uma inflação de 4,5%, uma meta de inflação de 3%, um Banco Central que está indicando uma alta de juros, o crescimento econômico

está forte. O Brasil, tem um desafio de consolidação fiscal, mas eu não acho que a economia brasileira é apreciada da maneira que ela deveria ser. Acho que o Brasil tem uma situação fiscal que não é boa e, sim, é necessário fazer alguma coisa a respeito, mas está longe de ser algo desastroso.

Valor: Não é algo novo.

El-Erian: Quando trabalhava com mercados emergentes, na PwC, a Argentina era o calor em 2001 e houve eleições no Brasil em 2002. Liza venceu o primeiro turno. Os preços dos títulos brasileiros despencaram. Todo mundo dizia que o Brasil seria como a Argentina. Vim para o Brasil justo antes do segundo turno em outubro. Tínhamos investido muito dinheiro no Brasil e vimos conversar com muitas pessoas, inclusive com a equipe do PwC. Estava no aeroporto de Guarulhos, era uma quinta-feira à noite. Mandei um e-mail avisando que compareceria ao comitê de investimentos na sexta-feira. Voei na madrugada, não fiz

a barba, não tomei banho, não troquei de roupa. Cheguei à reunião e disse que deveríamos dobrar nossa exposição no Brasil. A reação das pessoas foi de me perguntar se eu estava louco e invocar uma regra das 48 horas. Vá para casa, tome banho e se troque para depois conversarmos. E nós dobramos nossa exposição no Brasil. Foi o melhor trade que fizemos em mercados emergentes. O sentimento oscila muito.

Valor: Acredita que esse pode ser o caso agora?

El-Erian: O Brasil, para mim sempre é um cavalete que deveria estar correndo muito rápido e, por algum motivo, fica preso, ali. Se você olhar para o que o Brasil oferece no mundo em que vivemos, de fragmentação, está em uma excelente posição. Externamente, é um dos únicos países que podem interagir tanto com a China quanto com os Estados Unidos sem ter que optar por um dos dois. Tendo a ser muito otimista com o Brasil, mas não encontro esse otimismo quando venho para cá.

Finanças

Gestão Divisão foi a última organização pela boutique de investimentos, que trouxe veteranos do setor

Oriz capta novo fundo e dá tração à área imobiliária

Adriana Collias
De São Paulo

Depois de estreiar no segmento de fundos imobiliários em grande estilo, como uma das gestoras que vão financiar o desenvolvimento do "Rockefeller Center" dos Jardins, a Oriz Partners está na sua uma nova oferta. A operação agora envolve uma carteira com certificados de recebíveis imobiliários (CRI), um fundo "de papel", no jargão do setor. A intenção é levantar ao menos R\$ 100 milhões.

Essa é uma primeira etapa de um projeto maior em que a boutique de investimentos pretende fazer desse veículo o seu carro-chefe na área de ativos imobiliários, segundo o executivo-chefe (CEO) da Oriz, José Schellig. "No primeiro momento, para os R\$ 100 milhões iniciais, vamos usar a nossa base e alguns clientes institucionais, para lá na frente fazer uma operação maior e atingir o varejo", afirma.

"A questão é chegar a captação com o pipeline [a carteira de projetos]. A preocupação maior é achar bem os recursos, criar um histórico e assim ir para o varejo."



José Schellig. "A preocupação maior é achar bem os recursos, criar um histórico"

também analista do setor imobiliário no banco de investimentos do Safra. "A gente acredita muito que a originadora primária traz os melhores recursos para os investidores. Os deals que ficam circulando muitas vezes já foram amassados de duas [rentabilidade]".

Lopez acrescenta que ser um gestor ativo que origina as pró-

prias transações proporciona maior controle sobre o risco de crédito do incorporador do empreendimento.

O objetivo da Oriz é o fim do ano e reunir R\$ 1 bilhão na gestão de ativos imobiliários, a dica que vai ter produtos próprios.

A casa levanta em junho cerca de R\$ 380 milhões numa parceria

estratégica com a Tishman Speyer (US) para o desenvolvimento do "Projeto Jardins", num dos quarteirões mais caros da capital paulista, entre as ruas Oscar Freire, Consolação e Alameda Lorena. A XP entrou na cogestão do fundo.

O empreendimento é inspirado em outro que está no portifólio da TS, o icônico Rockefeller Center, em Nova York, em que há um complexo de escritórios integrado ao espaço público. A diferença é que o projeto brasileiro terá uma torre residencial, voltada para a Alameda Lorena. O valor geral de vendas (GVV) do conjunto é estimado em R\$ 1 bilhão.

Lopez diz que atualmente a Oriz já tem contratado o equivalente a R\$ 570 milhões na vertical de ativos imobiliários. Há dois projetos em andamento que envolvem uma incorporadora de capital aberto, que ele diz ainda não poder divulgar o nome. Essa conta inclui um fundo de penúltima para o público institucional, em que a captação envolve resgate de bancos.

Assim como outros ativos de crédito isentos para a pessoa físi-

ca, Schellig afirma que os fundos imobiliários em que a distribuição de dividendos não tem imposto — ganharam impulso com a atuação dos fundos fechados exclusivos, como os veículos eram usados para difenimento tributário, pagando IR só nas amortizações anuais ou na liquidação, sem esse benefício as famílias passaram a buscar outras formas de alocação de capital.

Para os donos de fortunas, o que tem funcionado, diz, são ativos de alto padrão, caso de corporativos na gestão da Faria Lima, ou residências "AA", de custo elevado em o outro extremo de investimentos relacionados ao programa Minha Casa, Minha Vida (MCMV), do governo federal.

Os fundos de crédito que abanam "no molo" encontram incorporadoras que tem projetos bons, bem localizados, mas que tem dificuldade de acessar o crédito bancário, diz Albuquerque, porque o funding da poupança dá suaves de engajamento. Na carteira de crédito estruturado da Oriz, a expectativa de retorno ao término do primeiro ano é de 13%.

Finanças Indicadores

IMA - Índices de Mercado Amibna

Em 30/08/14					
Indice	Referencia	Valor de corte	Var. em abs %	Var. em rel %	Var. em abs %
IP-4	..	18,77 978,73	1,01	1,77	1,36
IP-4	..	32,47 122,747	4,23	2,63	3,9
IP-4	Y-4	18,77 978,73	4,23	7,56	5,9

Finanças

Política monetária Dados de emprego serão fundamentais para definir tamanho da primeira redução

Até onde pode ir o ciclo de corte de juros pelo Fed?

Análise

Roberta Costa
De São Paulo

A economia americana está forte e a inflação está caindo em direção à meta de 2% do Federal Reserve (Fed) — este foi o "insight" que os dados da semana que passou nos trouxe. Mas o que vai acontecer na próxima reunião do BC americano, em 18 de setembro? É o que todos se perguntam.

Apesar de ser senso comum que os dados do "payroll" (relatório de emprego), que saem sexta-feira, são o divisor de águas entre um corte de 0,25 ponto percentual ou de 0,50 ponto na taxa de juros, o conjunto de informações

(precifica nos ativos) agora.
O humilto que se viu no mear do nuno de agosto, na terna dos nmeros fagos da mear de trabalho, se diluiu tnpido que parece outro mudo. Uma seqncia de indicadores que se seguiu mostrou que o risco de um pouso forado da economia do Ato parece improvvel, com destaque para a alta anual de 5,3% dos gastos do consumidor em julho (ou 2,7% ajustados pela inflao), que fo responsvel pela forte reviso do PIB do segundo trimestre para 0,8%, e o PCE o ndice de preos preferido do Fed - subindo 2,5% em julho em relao ao ano anterior bem abaixo dos 7,1% registrados em julho de 2022.

em julho, impulsionado por um aumento nas expectativas das pessoas sobre como a economia será nos próximos meses. Na mesma toada, o Conference Board, uma organização de pesquisa empresarial sediada em Nova York, informou que seu índice de confiança aumentou em agosto na margem, igualando seu nível mais alto desde fevereiro. No pano de fundo, a queda dos preços de gasolina, das taxas de juros das hipotecas e os sucessivos recordes das bolsas em Nova York — que têm grande relevância na percepção de bem-estar do cidadão americano.

Neste contexto, o "The Wall Street Journal" perguntou 1.500 leitores no fim de agosto sobre seus sentimentos em relação à economia, e 34% disseram que ela está melhorando, contra 26% no início de julho. A pa-

ela que achava que a economia estava piorando caiu de 54% para 48%. Longe do retrato anterior da pandemia, mas bem melhor do que se podia pensar há poucos meses. Claro que há uma eleição presidencial à frente, e que o gastos dos consumidores têm sido do bancados em boa parte porque queda na poupança e mais endividamento, já que a renda dos americanos tem andado pouco — questões que preocupam.

interessante sobre a sua trajetória nos EUA é que a desaceleração do núcleo (que taxa preços voláteis) em base anual se deu em um passo de quase 0,2% em julho, acima do 0,17% necessário mensalmente para que a meta de 2,5% do Fed seja atingida no início do próximo ano. Para completar o próximo trimestre anualizado já está abaixo de 2% nas últimas três

leitura. Outras notícias.

Mas Jerome Powell, presidente da Fed, selou a virada de foco da ação da política monetária para o lado do mercado de trabalho no simpósio em Jackson Hole, e que explica a pouca reação do mercado ao núcleo do PCE abaixo do esperado, divulgado na sexta, justificando os dados de atividade citados acima, um corte de 0,5 pontos na taxa de juros pareceu fugir a agressão. Então, o que pode acontecer na próxima sexta-feira?

Se a criação de vagas de trabalho chegar a 150 mil e a taxa de desemprego permanecer em 4,3% ou cair para 4,2%, como o consenso está prevendo atualmente, observadores do BC americano dizem que a redução dos juros em 0,25 ponto percentual é uma aposta segura. Tanto que o CME mostra probabilidade de 70% de que isso aconteça.

Por outro lado, se vier algo em torno ou abaixo de 100 mil vargas e o desemprego subir para 4,4% ou 4,5%, o pêndulo deve mudar outra vez para 0,5 ponto percentual, o que coaduna com o que Fowell disse: "Não buscamos os acólitos mais refinados nas condições do mercado de trabalho". Af pode ser de novo um momento de alta volatilidade nos mercados globais.

Contudo, uma vez que o conjunto de dados recentes de atividade é inequivocamente positivo, pode também haver no futuro, no próximo, outro movimento que mexe com alocações de ativos mundos afira. Uma mudança de visão sobre o quanto a taxa de juros americana vai cair até o final do ciclo — hoje está o nível de 3,25% E, dependendo do que acontecer nesta semana, ser melhor do que o mercado espera

[illegible][illegible]

Secretaria de Estado da Comunicação
 Agência de Licitação – RHEGACOM

PARANÁ
 GOVERNO DO ESTADO

Processo 22.428 49/2

Objeto: Contratação de serviços de Assessoria da Comunicação Institucional para atender ao Setor da Saúde da Secretaria de Estado da Segurança Pública

Ata da Primeira Sessão de 18/07/2024

Local: 1º Seminário Auditório da Casa da Música R. Júlio Perreia, 695 Mercês Curitiba PR, 81.250-000

Voto: **relato ministro** R\$ 2.522.727,78 quatro milões duzentos e cinquenta e dois mil, setecentos e setenta e sete reais e sete centavos

O senhor **relator** a) a contratação no Portal www.comprasparana.pr.gov.br

www.comprasparana.pr.gov.br

JULGAMENTO 30/08/2024

[illegible][illegible]

Valor

**Assina o Valor e Reque por
dentro das quantificadas
que impactam o
mercado financeiro**

Seja um assinante!
Assine o Valor e tenha
Ligam Valor 24 horas

EDITAL DE CREDENCIAMENTO
DO CONSORCIO BRASIL CENTRAL
EDITAL DE CREDENCIAMENTO
Nº 01/2024-BRC

O Consórcio Intermunicipal de Desenvolvimento do Brasil Central - BRC, por intermédio da Secretaria Executiva do Consórcio Intermunicipal de Desenvolvimento do Brasil Central, designados pela Portaria nº 68/2023-BRC, realizará procedimento licitatório para fornecimento de empresa especializada para administração e fornecimento de vale alimentação (cartão alimentação/refeição), através de cartão magnético personalizado aos empregados públicos do Consórcio Intermunicipal de Desenvolvimento do Brasil Central, conforme o Regulamento de Licitações e Contratos Administrativos do Consórcio Intermunicipal de Desenvolvimento do Brasil Central Lei Federal nº 14.133/2021, e as exigências estabelecidas neste Edital.

Processo nº 04029-20200340/2024-86 NASTJ-926873

Prazo para Credenciamento: 3.9.2024 a 19.9.2024

Endereço eletrônico: www.gov.br/brcmpresas

José Eduardo Pereira Filho
 Secretário-Executivo

AQUI, SEU ANÚNCIO ENCONTRA O PÚBLICO CERTO. ANUNCIE!

EM DIFERENTES PLATAFORMAS E EM DIVERSOS CONTEXTOS AS MARCAS DA EDITORA GLOBO SÃO A MELHOR OPÇÃO PARA O SEU ANÚNCIO. PORQUE ENTREGAM O QUE CADA PÚBLICO QUER. CONTEÚDOS DE QUALIDADE COM CREDIBILIDADE.

ACESSE EDITORAGLOBONEGOCIOS.COM.BR E SAIBA MAIS.



Entrevista Maffra, CEO da companhia, diz ver captação se normalizando mesmo após piora de cenário ‘Mercado dá mais peso cíclico à XP’ ou que tem

Adriana Cotias
De São Paulo

Os analistas e os investidores atribuem à XP um peso muito maior ao desempenho cíclico da economia e dos mercados do que realmente o negócio tem, segundo Maffra Maffra, executivo-chefe (CEO) da companhia. Se três, quatro anos atrás, os serviços da plataforma eram concentrados em investimentos e dependiam majoritariamente do canal “B2B” das assessorias de investimentos (os antigos agentes autônomos), hoje também a oferta quanto a distribuições mudou, mas não diversificou.

Em conversa com o Valor, numa pausa na Expert XP, maratona que começou na quarta-feira e terminou no sábado, Maffra diz que a captação líquida obtida no segundo trimestre, de R\$ 32 bilhões, trouxe uma certa normalização para a produção, expurgando-se o quarto trimestre de 2023 e o primeiro de 2024, que foram fracos. Mesmo com as condições financeiras piores do que se previa no início do ano, a XP entregou bons resultados.

As ações da companhia chegaram a subir na sequência dos dados trimestrais, divulgados semanas atrás, mas ainda estão longe do nível da oferta pública inicial (IPO, na sigla em inglês), na faixa de US\$ 32, de dezembro de 2019, na Nasdaq. Na sexta-feira, os papéis fecharam a US\$ 18,41. Leia os principais pontos da entrevista.

Captação e ciclos

O mercado, os investidores eles atribuem um fator cíclico muito maior à XP do que é na realidade. Em dezembro do ano passado, em Nova York, a gente deu um “guidance” para 2026, um plano de três anos, em que a XP mostrava um crescimento anual de receita de R\$ 22,5 bilhões, até R\$ 26,9 bilhões. Saía de R\$ 15 bilhões, de receita nos últimos 12 meses para, no topo, atingir R\$ 26,9 bilhões em três anos.

Quando montei esse plano, a XP não colocou nada de macro, não tem crescimento de volume de bolsa, não tem taxa de juros caiu, e, sim, fatores que controla como diversificação de canal, criação de novas linhas de receitas, novos produtos, o mundo F3, a atacada.

O plano está “on track”, em 2024, sendo que o mercado prioriza, em janeiro, todo mundo falava que o dólar ia para R\$ 4,50, estava a R\$ 4,90. Os juros, na curva, do mercado futuro, iam terminar em 8%, 8,5%. O câmbio saiu da expectativa de R\$ 4,50 para R\$ 5,80, R\$ 5,50. Os juros que eram 8%, 9%, até antes do Roberto Campos Neto [presidente do Banco Central, falar aqui, chegou a precificar 12,5% de taxa terminal, 200 pontos-basis de alta. E a XP segue crescendo, entregando de acordo com o plano para 2026, nada mudou.

Vias de crescimento

São três, investimento, o que chama de novas verticais, o “cross-sell” [vendas cruzadas, para ass-

clientes e investidores e o mundo de atacado. Em investimentos, a XP tem 11,5% de market share com R\$ 12 trilhão em ativos sob custódia (AUC), 5% que vem investindo em diversificação de canal nos últimos anos. Se voltar três, quatro anos, a XP era basicamente um monocalcan “B2B”, os escritórios de agentes autônomos. Hoje tem um canal de gestoras de patrimonial e consultorias. E tem um canal interno, que chama de “B2C”, o de assessores internos, que já passaram de 2 mil. O canal de gestão de patrimônio e consultoria já passa de 2 mil. Se lá atrás o B2B era responsável por 80%, até mais em um outro momento, da captação, hoje isso já é menor a meio.

Até poucos anos atrás, a XP era uma empresa que atendia muito bem e tinha uma esteira de produto, uma proposta de valor, um modelo de servir para o cliente de alta renda, de R\$ 500 mil a R\$ 10 milhões. A gente segmentou a empresa, investindo em tecnologia, em pessoas, redefini a proposta de valor, o “pricing”, tanto para a banda de cima, no “private bank”, quanto para a ponta de baixo, o cliente de zero a R\$ 300 mil, o varejo XP.

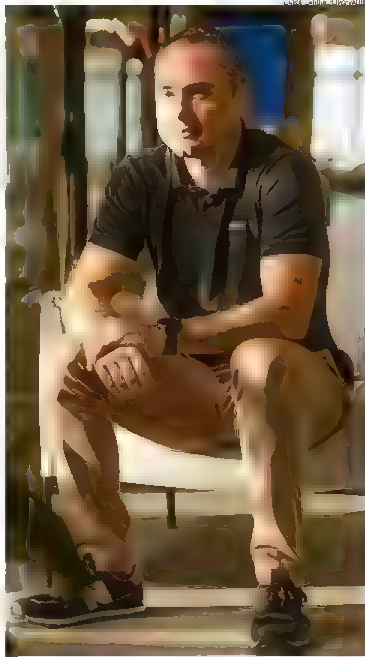
O cliente investidor é o nosso foco. A gente não quer ter 10 milhões de clientes, não quer dar crédito em mar aberto. O nosso business são 30 milhões de clientes e investidores no Brasil. A nossa licença bancária é de dezembro de 2019, tem quatro anos que a XP tem bancos. Tudo que criou nessas novas verticais — câmbio, seguros, conta, crédito, crédito, conta internacional, consócio — tudo isso nasceu de três anos para cá. Este ano a gente deve fazer mais de R\$ 3 bilhões de receita aqui, uso não-exista.

No mundo do atacado, a gente tinha um grande “investment banking”, só que parava por aí no nosso banco de atacado. A XP montou, de fato, times F3 dedicados, tem um canal próprio e de terceiro, criou produtos, é bem em derivativo, em, em câmbio, em crédito, em energia. Foi criando uma série de produtos no mundo F3 e neste ano, tirando investimentos, investment banking vai fazer mais de R\$ 2 bilhões. Não exaça três anos atrás.

Quando olho esse crescimento de R\$ 15 bilhões para R\$ 26,9 bilhões, que parece agressivo, versus o que fez em 2022, 2023, não é isso aqui. É 20%. O cross-sell tem um CAGR [crescimento composto] de 30% no ano.

A XP ainda tem 1,5% de penetração em seguros. Os grandes bancos têm 15%, 20%. No Brasil, 40% do resultado dele hoje é seguros. No Itaú, 50%, 60%. Na XP, é nada ainda. Se, além, cartões, que é o produto mais penetrado, tem 1 milhão de cartões, com 5 milhões de clientes, 20% de penetração em dólar. É importante saber.

Uma avenida grande de crescimento nesse novo produtos, que vão levar a XP até esse aumento de receita. A mesma coisa no banco de atacado. A XP depende muito menos de mercado, de cenário macro, se os juros vão cair,



Maffra, da XP, metas de crescimento até 2026 são tem fatores que controla

subir, se o câmbio vai estar “a ou y”, se a bolsa vai ter um... depende muito mais de fatores internos. Obvio que se tiver um “bull market” [mercado comprador, no caso que vem, em 2026, facilitaria a nossa vida, e aí não vai entregar o que a gente está falando, vai ser mais. O pior já passou?

Uma pergunta que os analistas fizeram muito é o que explica que a captação agora vai se manter? A gente fez R\$ 32 bilhões [de dinheiro novo] no segundo trimestre. Por que vai, ser isso e não os R\$ 12 bilhões do primeiro trimestre? A minha pergunta é por que os R\$ 13 bilhões de R\$ 12 bilhões do quarto trimestre [de 2023] e do primeiro trimestre [de 2024] eram o certo?

Se oihar um histórico um pouquinho mais, terceiro trimestre do ano passado, segundo, primeiro, não estou falando volume vários anos atrás, a XP fazia mais de R\$ 20 bilhões. Para mim, a exceção foi realmente o quarto trimestre e o primeiro, quando teve vários fatores que geraram alguma captação menor. Eu acho que a gente deveria manter um nível de captação acima de R\$ 20 bilhões nos próximos trimestres. Para lembrar, a gente fazia R\$ 40 bilhões lá atrás, com muito menos tecnologia, menos diversificação de canal, uma força comercial menor. Então, em algum mo-

“O que a gente quer comprar é o ativo, a carteira de clientes ou de uma asset. No preço certo, faz sentido. Pagar caro por isso, não faz”

mento, deveria voltar para o nível de captação que conseguiu.

Atalhos via consolidação

No crescimento inorgânico, como é que a gente gosta de pensar em M&A [fusões e aquisições], tem nada em vista, só sendo direto, mas eu gosto de pensar em M&A em que basicamente a XP compra uma carteira. Pode ser uma carteira de clientes, de AUM [gestão de recursos]. Eu não vejo um M&A grande de nada, de comprar uma empresa que faça algo completamente diferente. O que pode acontecer vou dar um exemplo: tinham várias assets de fundo imobiliário, pelo menos uns três, que estavam com mandatos de M&A. Teve a do Credit Suisse que foi comprada pelo Pátria. Só que a gente tem que comprar no preço certo. O que temos visto e algumas empresas pagando para comprar uma franquia, só que a franquista a XP já tem

O que a gente quer comprar é o ativo, a carteira de clientes ou de uma asset. No preço certo, faz sentido. Agora, pagar caro por isso não faz. Uma asset de fundos imobiliários que tem R\$ 8 bilhões, e aí se você pagar um preço fora de mercado, um múltiplo desconexo com o que é o múltiplo da XP hoje, esse “deal” vai destruir valor para os nossos acionistas. A gente fica tentando achar o preço certo, viu, algumas coisas caras.

Acho que eles [o Pátria] paga literalmente o dobro do que era o nosso limite que fazia sentido. Não é o que a gente quer, eles pagam nessa estrutura. Eles não tinham uma franquia, então pagam para uma construção de franquia, trazem um time. Tinha R\$ 12 bilhões [na carteira]. A gente capotou em uma oferta do XP Mall [5] [função que investe em shopping centers] R\$ 2 bilhões.

A competição com os bancos

Se pensar numa linha do tempo, tem um gráfico que eu faço que são três ondas de vantagem competitiva. A primeira delas é produto, a segunda, a distribuição e a terceira é o que eu chamo de qualidade que vai chegar em alocação, produto.

A gente ainda tem uma vantagem grande em relação aos bancos. Os bancos, sim, abriam a plataforma, mas 80% ou 85% do que distribuem são produtos próprios. Na XP é o inverso, 15% do que distribuem são produtos próprios.

Não basta abrir a plataforma, tem que fazer realmente uma alocação independente. A gente fica toda hora dando acesso a produtos mais sofisticados, democratizando a grade. E tem a experiência. Eu desalofo vou a achar um banco, um dos grandes, que tenha uma conta internacional que o cliente abra com dois cliques, pede um cartão e embarca em 30 segundos na sua “wallet”, transfere o câmbio 24 horas por 7 dias, sábado, domingo, feriado, 100% integrado num único app. Você compra um bond, título de dívida [a fora com dois cliques. A XP ainda tem uma vantagem em relação aos outros players em investimentos, em produtos. Isso aqui é o nosso “core”.

Na distribuição, tem os três canais. Se somar 17 mil assessores independentes, 2 mil e poucos investidores, 2 mil no canal de gestores e consultores, são 21 mil assessores, com quase R\$ 1,2 trilhão. Tem outros com número parecido, com 1 mil assessores, 2 mil, 500. Como é que você dá um serviço próximo, de qualidade personalizada, com 20 vezes menos força de venda do que a XP?

Não tem. Mergida. A gente tem um framework, a XP só faz uso da vida. É uma empresa de serviço de planejamento financeiro. Esse é o nosso produto. [No sistema unificado de asset alocação], como é que encaixa e ajuda a fazer um planejamento financeiro de uma forma mais holística? Não só do lado do ativo, do

lado do passivo. A gente já desceu essa régua para R\$ 3 milhões e quer chegar a R\$ 500 mil, 100 mil, este é o nosso plano.

O modelo de negócio hoje no B2C, os assessores têm simplesmente que seguir a metodologia. É tão simples quanto isso: seguir o plano, quanto mais, o processo de venda, a alocação, correta. A remuneração deles é em cima disso.

Desvios de conduta

A XP tem 5 milhões de clientes e 20 mil assessores. Os processos de alocação são bem restritos. Um [produto garantido pelo] FGC [Fundo Garantidor de Créditos], a XP não constrói para a assessoria de R\$ 200 mil, tem a oferta sistêmica. Crédito privado, a mesma coisa. Dependendo do rating, tem o máximo de alocação da carteira. COF [certificados de operações estruturadas], a mesma coisa, tem um processo rigoroso de alocação.

Pode acontecer um no outro caso, principalmente coisas mais do passado, mas são 5 milhões de clientes. E quando a XP pega isso tem muito para a assessoria, tem distorção. Não são os dois a XP já fez ações. Se pegava alguma alocação incorreta, alguma venda incorreta, a gente dista o assessor. Obviamente, que se pegava alguma venda incorreta, vai resolver o problema do cliente. Isso acontece em qualquer banco, importa a força de venda de um banco com 100 mil gerentes. Vai acontecer.

Tem que ter processos para que isso não aconteça e para monitorar que, quando acontece, o que deveria ser uma exceção, consiga corrigir.

A “mistica” do COE

É, sei que tem uma mistica ao redor de COF [Índice de Qualidade de Investimentos]. Hoje, 90% dos COFs que a XP faz são de renda fixa. Vou dar um exemplo. A gente pegou um bond soberano de Brasil, se pegava, a vertice mais longa de vai para a XP, não 6%, “arrondando”. A gente faz um COE, tem praticamente o mesmo risco de bond, de risco Brasil. Obviamente, tem um bond de índice, a gente paga para o cliente. ICA mais 7%, mais 7,20%. Então 90% dos COFs hoje, as notas estruturadas, são em cima de renda fixa, com risco Brasil, com bons riscos de crédito de empresas.

Nos COFs que são de outros ativos, pode ser uma coisa de um fundo, de algum índice, um S&P 500, Nasdaq, uma cesta de ações, 10% das emissões. Em geral, eles têm uma rentabilidade mínima, então o COF ou ele dá, chutando aqui um número, 7% ao ano versus um CDI de 10,5%. Então tem aqui um gap, só que ao você tem uma alta de 1,5 vez o S&P 500 de 1,8 vez, essa é a estrutura.

Primeiro que tem mercado secundário, e segundo, que quando o cliente compra, é 99% em tempo. Ele sabe que esse negócio tem cinco anos, sei. Assim como um crédito privado da JBS de 15 anos, com uma “duration” [prazo médio] de nove anos, você vai que sair do mercado secundário. A mesma coisa no COE.

Como receber dividendos em dólar?

Consultório financeiro

Como investir por meio da estratégia “Dividend Aristocrats” para receber dividendos em dólar? Antes de responder, mas a fundo sobre o recebimento de dividendos em dólar, é importante entender sobre a estratégia de alocação conhecida como “Dividend Aristocrats”. Esse tipo de estratégia costuma funcionar bem para quem precisa de uma geração de renda passiva estável e não tem tanta necessidade de liquidez ao longo de sua jornada. Isso porque essa estratégia se resume no investimento em empresas que são listadas no S&P 500 e possuem um histórico de, pelo menos, 25 anos consecutivos de aumento de valor dos dividendos pagos.

Pagar dividendos numa anela tão extensa e ainda de forma crescente pode significar tanto uma maior qualidade quanto uma melhor gestão. Isso porque essas empresas geralmente

possuem modelos de negócios sólidos, fluxos de caixa estáveis e práticas de gestão financeira prudentes, o que lhes permite distribuir dividendos com maior regularidade. Com isso, a tendência é que essas empresas sofram menos conforme o mercado se depara com algum tipo de revés ou passe por um período maior de turbulência.

Os principais setores que conferem essas características estão representados por um tipo de consumo não cíclico e com grande importância no desenvolvimento das economias como os setores industrial de saúde e financeiro, com exemplos de marcas reconhecidas globalmente, como Coca-Cola, Johnson & Johnson e Procter & Gamble.

Para o investidor brasileiro que deseja receber dividendos em dólar, é importante saber que nem tudo é perfeito. Isso porque o recebimento de dividendos nos EUA é tributado com 30% de retenção em fonte, o que ocasiona uma redução nos recebimentos em conta,

caso o investidor esteja atraído apenas por uma receita com maior previsibilidade.

Também é importante ter o suporte de profissionais competentes, desde a estruturação da sua estratégia de alocação internacional até a integração com sua alocação doméstica, para que não haja uma exposição ao risco maior do que você estaria disposto a enfrentar, de forma que o investimento esteja adequado ao seu perfil, de risco, prazos e valores de seus objetivos de vida. Nesse caso, também se faz importante contar com o suporte de um contador que possua expertise em investimentos internacionais, principalmente após as atualizações que ocorreram no Brasil em âmbito tributário e fiscal até o final de 2023.

Além disso, vale ressaltar que existem diferentes formas de se expor a essa estratégia e receber esses dividendos em dólar. No primeiro caminho, a primeira coisa é abrir uma conta em uma corretora internacional que ofereça acesso ao mercado de

ações dos Estados Unidos. O processo de abertura de conta pode variar, mas geralmente inclui a apresentação de documentos de identificação e comprovante de residência. Com a conta aberta, o próximo passo é dimensionar o tamanho da exposição à estratégia e começar a sua seleção de ações. Aqui, caso você não possua o conhecimento para fazer uma seleção de forma eficiente, opte pelo suporte de um profissional especializado e, se possível, independente, que traga uma maior profundidade de informações para que sua decisão seja tomada de forma consciente.

Uma segunda forma, diferente dessa estratégia de seleção direta dos ativos, conhecida como “stock picking”, é a de alocação, através de fundos de investimento. O investidor também pode optar pela exposição por meio de ETFs que replicam o índice que contém essas ações, simplificando tanto o processo de alocação quanto

as demandas tributárias e fiscais que são geradas.

Por fim, vale reforçar a importância de se construir uma carteira com diversificação para que seja gerada uma maior eficiência ao longo do tempo, mas principalmente para que sua escolha seja pautada em dados e informações, e não apenas em vídeos carregados de “achismos” encontrados nas redes sociais. Afinal, o que está em jogo é o seu patrimônio proveniente de seu esforço e trabalho, além do seu futuro.

Sergio K. Leão é planejador financeiro pessoal e possui a certificação CFP® (Certified Financial Planner), concedida pela Planej. Associação Brasileira de Planejamento Financeiro. E-mail: contato@sergiokleao.com.br

As respostas refletem as opiniões do autor e não representam recomendações de investimento. O jornalista e Planejador financeiro responsável pelas informações, assim como por quaisquer de qualquer natureza em decorrência do uso dessas informações. Perguntas devem ser encaminhadas para consult@sergiokleao.com.br

Legislação & Tributos SP

Fim do ICMS em transferência de mercadoria

Opinião Jurídica

Luiz C. Junqueira

Em 19 de abril de 2021, o Supremo Tribunal Federal (STF) julgou a Ação Declaratória de Constitucionalidade (ADC) 49, afastando artigos da Lei Complementar (LC) nº 87/96 que exigiam ICMS sobre transferência de mercadorias de uma mesma empresa e estabeleciam critérios rígidos para a composição da base de cálculo desse tributo.

A lógica dessa decisão é a de não permitir que os Fisco estaduais subtraíssem recursos do contribuinte por conta da movimentação física de um bem que ainda não foi negociado. Porém, no contexto maior de uma cadeia econômica e mercantil, que vai desde a produção até o consumo da mercadoria, a retirada do ICMS sobre transferências interestaduais desorganiza o mecanismo de apuração de créditos e débitos de ICMS, bem como a divisão de sua arrecadação entre as unidades da Federação.

Dado que o contribuinte do ICMS é a pessoa jurídica e não os seus estabelecimentos individualmente considerados, na transferência interestadual há um único contribuinte respondendo a dois Estados e obrigado a dividir entre eles a apuração do imposto, o que geralmente é feito

considerando as entradas e saídas de mercadorias em cada um de seus estabelecimentos. Esse contribuinte pode, por exemplo, realizar todas as suas compras em um Estado e deslocar as mercadorias para uma filial em outro Estado, onde se darão as vendas. Sem a tributação das transferências, há um descausamento entre os créditos de ICMS gerados nas compras e débitos de ICMS sobre as vendas, distorcendo a apuração do imposto entre os estabelecimentos e Estados de origem e de destino do bem.

Sob o ponto de vista jurídico, a transferência não é uma operação mercantil, mas ela traz repercussões para as finanças dos Estados. Assim, não basta simplesmente suprimir a incidência do ICMS nas transferências, mas é preciso substituí-la por um modelo que permita a integração entre as apurações ICMS de um mesmo contribuinte localizado em Estados distintos.

No julgamento da ADC 49, o STF encaminhou a discussão sobre a necessidade de um novo modelo de ICMS nas transferências interestaduais para: (i) assegurar o direito à manutenção dos créditos de ICMS sobre aquisição de mercadorias transferidas; e (ii) atribuir ao Confaz e ao Congresso Nacional a criação de normas nacionais para transferência desses créditos

entre estabelecimentos de uma mesma empresa.

O Confaz disciplinou o novo modelo de transferência no Convênio nº 178/2023, mas o fez preservando muitas das regras preexistentes, com alterações meramente semânticas. O convênio fala em transferência de créditos em vez de incidência de ICMS, mas obriga o contribuinte a lançar um débito de imposto no estabelecimento remissor nos mesmos moldes previstos na LC 87/96, incorrendo, assim nos mesmos vícios de inconstitucionalidade.

Posteriormente sobreveio a LC 204, que criou um modelo de rateio de créditos e débitos dentro daquele que fora declarado inconstitucional. Alguns de seus dispositivos foram vetados, mas depois foram reeditados pelo Congresso Nacional, passando, assim, a contemplar dois regimes alternativos para as transferências.

Os simples fatos de o contribuinte ter opções denota uma mudança significativa em relação ao regime anterior, que estabelecia uma incidência de ICMS sobre o valor da aquisição mais recente da mercadoria transferida ou ao seu custo de produção.

A primeira alternativa prevista na LC 204 é a transferência de créditos de ICMS do estabelecimento de

origem para o de destino, cujo montante fica limitado ao percentual correspondente à alíquota interestadual de ICMS, aplicado sobre o valor atribuído ao bem transferido.

Prever um limite para transferência de créditos é outro avanço em relação ao regime anterior, que na prática ditava o valor do imposto devido nas transferências interestaduais. Além disso, o contribuinte pode atribuir o valor da transferência, sem estar necessariamente atrelado ao custo ou ao valor da aquisição mais recente da mercadoria transferida, e, também, manter no estabelecimento de origem a diferença entre o crédito transferido e o crédito registrado na entrada de mercadorias.

Alternativamente, a LC 204 permite ao contribuinte equiparar as transferências interestaduais a operações tributadas, de maneira semelhante ao modelo anterior. Como se trata de uma opção e não de uma obrigação, esse imposto não seria, a priori, inconstitucional. Outra diferença entre essa alternativa e o modelo anterior de incidência é a base de cálculo do ICMS, que não mais compararia o valor da aquisição ou ao custo de fabricação da mercadoria transferida, mas ao preço FOB do estabelecimento industrial ou comercial, como prevê o

artigo 15, incisos II e III, da LC 87/96.

De modo geral, esse novo regime abre espaço para o planejamento tributário nas transferências interestaduais visando a maior eficiência econômica, pois confere margem para o contribuinte mensurar débitos e créditos de ICMS e, com isso, dar a carga tributária distribuída entre seus estabelecimentos, que muitas vezes estão sujeitos a diferentes regimes de apuração em seus Estados. Resta aos empresários analisarem os impactos desse novo regime em suas cadeias interestaduais de circulação de mercadorias, mapeando eventuais contingências e oportunidades.

Por fim aguardemos que os Estados e o Distrito Federal regulamentem a LC 204 sem se aterem ao regime anterior, os limites gerais fixados para as transferências, mas preservando as linhas mestras desse modelo mais justo e flexível para o contribuinte.


Luiz Carlos Junqueira é advogado no CBIM Advogados e especialista em Direito Tributário

Este artigo reflete as opiniões do autor, e não representa a opinião da OJ. O jornal não se responsabiliza e não pode ser responsabilizado pelas informações, assim como por prejuízos de qualquer natureza em decorrência do uso dessas informações.

AMIL ASSISTÊNCIA MÉDICA INTERNACIONAL S.A.
CNPJ nº 20.360.107/0001-79. NIRE: 30.303.100.140

ATA DA ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA REALIZADA EM 19 DE MAIO DE 2024

1. DATA, HORÁRIO E LOCAL: Realizada no dia 19 de maio de 2024, às 10h00 horas, na sede social da Amil Assistência Médica Internacional S.A. ("Companhia"), localizada no Castelo e Estádio da São Paulo, Rua Aquilino Oliveira Ribeiro nº 420, nº 10, 2º andar, Torre B, Empedimento 122, Torre B, São Paulo/SP, CEP 01171-904. A **CONVOCAÇÃO** nº 2/2024, publicada na Edição de Convocação, em 16 de maio de 2024, às 14h00, da Lei nº 8.040, de 11 de setembro de 1990, e no Diário Oficial da União, em 16 de maio de 2024, nº 100, página 10, em nome do representante a titularidade da capital social da Companhia, **3. MESES** Para presenciar em primeira mão, o **ORDEN DO DIA** 1. A. Definir sobre a distribuição de dividendos intermediários pela Companhia de acordo com a legislação em vigor e a aprovação da distribuição de dividendos intermediários, no valor de R\$ 500.000,00 (quinhentos e zero mil reais) e quinhentos mil reais, com base no balanço patrimonial da Companhia levantado em 30 de junho de 2024, S. 1. Pica a administração da Companhia desde 1990, a **3. ENCARGADO** da Realização da Assembleia, **4. Presidente** da Assembleia, **5. Presidente** da Assembleia, **6. Presidente** da Assembleia, **7. Presidente** da Assembleia, **8. Presidente** da Assembleia, **9. Presidente** da Assembleia, **10. Presidente** da Assembleia, **11. Presidente** da Assembleia, **12. Presidente** da Assembleia, **13. Presidente** da Assembleia, **14. Presidente** da Assembleia, **15. Presidente** da Assembleia, **16. Presidente** da Assembleia, **17. Presidente** da Assembleia, **18. Presidente** da Assembleia, **19. Presidente** da Assembleia, **20. Presidente** da Assembleia, **21. Presidente** da Assembleia, **22. Presidente** da Assembleia, **23. Presidente** da Assembleia, **24. Presidente** da Assembleia, **25. Presidente** da Assembleia, **26. Presidente** da Assembleia, **27. Presidente** da Assembleia, **28. Presidente** da Assembleia, **29. Presidente** da Assembleia, **30. Presidente** da Assembleia, **31. Presidente** da Assembleia, **32. Presidente** da Assembleia, **33. Presidente** da Assembleia, **34. Presidente** da Assembleia, **35. Presidente** da Assembleia, **36. Presidente** da Assembleia, **37. Presidente** da Assembleia, **38. Presidente** da Assembleia, **39. Presidente** da Assembleia, **40. Presidente** da Assembleia, **41. Presidente** da Assembleia, **42. Presidente** da Assembleia, **43. Presidente** da Assembleia, **44. Presidente** da Assembleia, **45. Presidente** da Assembleia, **46. Presidente** da Assembleia, **47. Presidente** da Assembleia, **48. Presidente** da Assembleia, **49. Presidente** da Assembleia, **50. Presidente** da Assembleia, **51. Presidente** da Assembleia, **52. Presidente** da Assembleia, **53. Presidente** da Assembleia, **54. Presidente** da Assembleia, **55. Presidente** da Assembleia, **56. Presidente** da Assembleia, **57. Presidente** da Assembleia, **58. Presidente** da Assembleia, **59. Presidente** da Assembleia, **60. Presidente** da Assembleia, **61. Presidente** da Assembleia, **62. Presidente** da Assembleia, **63. Presidente** da Assembleia, **64. Presidente** da Assembleia, **65. Presidente** da Assembleia, **66. Presidente** da Assembleia, **67. Presidente** da Assembleia, **68. Presidente** da Assembleia, **69. Presidente** da Assembleia, **70. Presidente** da Assembleia, **71. Presidente** da Assembleia, **72. Presidente** da Assembleia, **73. Presidente** da Assembleia, **74. Presidente** da Assembleia, **75. Presidente** da Assembleia, **76. Presidente** da Assembleia, **77. Presidente** da Assembleia, **78. Presidente** da Assembleia, **79. Presidente** da Assembleia, **80. Presidente** da Assembleia, **81. Presidente** da Assembleia, **82. Presidente** da Assembleia, **83. Presidente** da Assembleia, **84. Presidente** da Assembleia, **85. Presidente** da Assembleia, **86. Presidente** da Assembleia, **87. Presidente** da Assembleia, **88. Presidente** da Assembleia, **89. Presidente** da Assembleia, **90. Presidente** da Assembleia, **91. Presidente** da Assembleia, **92. Presidente** da Assembleia, **93. Presidente** da Assembleia, **94. Presidente** da Assembleia, **95. Presidente** da Assembleia, **96. Presidente** da Assembleia, **97. Presidente** da Assembleia, **98. Presidente** da Assembleia, **99. Presidente** da Assembleia, **100. Presidente** da Assembleia, **101. Presidente** da Assembleia, **102. Presidente** da Assembleia, **103. Presidente** da Assembleia, **104. Presidente** da Assembleia, **105. Presidente** da Assembleia, **106. Presidente** da Assembleia, **107. Presidente** da Assembleia, **108. Presidente** da Assembleia, **109. Presidente** da Assembleia, **110. Presidente** da Assembleia, **111. Presidente** da Assembleia, **112. Presidente** da Assembleia, **113. Presidente** da Assembleia, **114. Presidente** da Assembleia, **115. Presidente** da Assembleia, **116. Presidente** da Assembleia, **117. Presidente** da Assembleia, **118. Presidente** da Assembleia, **119. Presidente** da Assembleia, **120. Presidente** da Assembleia, **121. Presidente** da Assembleia, **122. Presidente** da Assembleia, **123. Presidente** da Assembleia, **124. Presidente** da Assembleia, **125. Presidente** da Assembleia, **126. Presidente** da Assembleia, **127. Presidente** da Assembleia, **128. Presidente** da Assembleia, **129. Presidente** da Assembleia, **130. Presidente** da Assembleia, **131. Presidente** da Assembleia, **132. Presidente** da Assembleia, **133. Presidente** da Assembleia, **134. Presidente** da Assembleia, **135. Presidente** da Assembleia, **136. Presidente** da Assembleia, **137. Presidente** da Assembleia, **138. Presidente** da Assembleia, **139. Presidente** da Assembleia, **140. Presidente** da Assembleia, **141. Presidente** da Assembleia, **142. Presidente** da Assembleia, **143. Presidente** da Assembleia, **144. Presidente** da Assembleia, **145. Presidente** da Assembleia, **146. Presidente** da Assembleia, **147. Presidente** da Assembleia, **148. Presidente** da Assembleia, **149. Presidente** da Assembleia, **150. Presidente** da Assembleia, **151. Presidente** da Assembleia, **152. Presidente** da Assembleia, **153. Presidente** da Assembleia, **154. Presidente** da Assembleia, **155. Presidente** da Assembleia, **156. Presidente** da Assembleia, **157. Presidente** da Assembleia, **158. Presidente** da Assembleia, **159. Presidente** da Assembleia, **160. Presidente** da Assembleia, **161. Presidente** da Assembleia, **162. Presidente** da Assembleia, **163. Presidente** da Assembleia, **164. Presidente** da Assembleia, **165. Presidente** da Assembleia, **166. Presidente** da Assembleia, **167. Presidente** da Assembleia, **168. Presidente** da Assembleia, **169. Presidente** da Assembleia, **170. Presidente** da Assembleia, **171. Presidente** da Assembleia, **172. Presidente** da Assembleia, **173. Presidente** da Assembleia, **174. Presidente** da Assembleia, **175. Presidente** da Assembleia, **176. Presidente** da Assembleia, **177. Presidente** da Assembleia, **178. Presidente** da Assembleia, **179. Presidente** da Assembleia, **180. Presidente** da Assembleia, **181. Presidente** da Assembleia, **182. Presidente** da Assembleia, **183. Presidente** da Assembleia, **184. Presidente** da Assembleia, **185. Presidente** da Assembleia, **186. Presidente** da Assembleia, **187. Presidente** da Assembleia, **188. Presidente** da Assembleia, **189. Presidente** da Assembleia, **190. Presidente** da Assembleia, **191. Presidente** da Assembleia, **192. Presidente** da Assembleia, **193. Presidente** da Assembleia, **194. Presidente** da Assembleia, **195. Presidente** da Assembleia, **196. Presidente** da Assembleia, **197. Presidente** da Assembleia, **198. Presidente** da Assembleia, **199. Presidente** da Assembleia, **200. Presidente** da Assembleia, **201. Presidente** da Assembleia, **202. Presidente** da Assembleia, **203. Presidente** da Assembleia, **204. Presidente** da Assembleia, **205. Presidente** da Assembleia, **206. Presidente** da Assembleia, **207. Presidente** da Assembleia, **208. Presidente** da Assembleia, **209. Presidente** da Assembleia, **210. Presidente** da Assembleia, **211. Presidente** da Assembleia, **212. Presidente** da Assembleia, **213. Presidente** da Assembleia, **214. Presidente** da Assembleia, **215. Presidente** da Assembleia, **216. Presidente** da Assembleia, **217. Presidente** da Assembleia, **218. Presidente** da Assembleia, **219. Presidente** da Assembleia, **220. Presidente** da Assembleia, **221. Presidente** da Assembleia, **222. Presidente** da Assembleia, **223. Presidente** da Assembleia, **224. Presidente** da Assembleia, **225. Presidente** da Assembleia, **226. Presidente** da Assembleia, **227. Presidente** da Assembleia, **228. Presidente** da Assembleia, **229. Presidente** da Assembleia, **230. Presidente** da Assembleia, **231. Presidente** da Assembleia, **232. Presidente** da Assembleia, **233. Presidente** da Assembleia, **234. Presidente** da Assembleia, **235. Presidente** da Assembleia, **236. Presidente** da Assembleia, **237. Presidente** da Assembleia, **238. Presidente** da Assembleia, **239. Presidente** da Assembleia, **240. Presidente** da Assembleia, **241. Presidente** da Assembleia, **242. Presidente** da Assembleia, **243. Presidente** da Assembleia, **244. Presidente** da Assembleia, **245. Presidente** da Assembleia, **246. Presidente** da Assembleia, **247. Presidente** da Assembleia, **248. Presidente** da Assembleia, **249. Presidente** da Assembleia, **250. Presidente** da Assembleia, **251. Presidente** da Assembleia, **252. Presidente** da Assembleia, **253. Presidente** da Assembleia, **254. Presidente** da Assembleia, **255. Presidente** da Assembleia, **256. Presidente** da Assembleia, **257. Presidente** da Assembleia, **258. Presidente** da Assembleia, **259. Presidente** da Assembleia, **260. Presidente** da Assembleia, **261. Presidente** da Assembleia, **262. Presidente** da Assembleia, **263. Presidente** da Assembleia, **264. Presidente** da Assembleia, **265. Presidente** da Assembleia, **266. Presidente** da Assembleia, **267. Presidente** da Assembleia, **268. Presidente** da Assembleia, **269. Presidente** da Assembleia, **270. Presidente** da Assembleia, **271. Presidente** da Assembleia, **272. Presidente** da Assembleia, **273. Presidente** da Assembleia, **274. Presidente** da Assembleia, **275. Presidente** da Assembleia, **276. Presidente** da Assembleia, **277. Presidente** da Assembleia, **278. Presidente** da Assembleia, **279. Presidente** da Assembleia, **280. Presidente** da Assembleia, **281. Presidente** da Assembleia, **282. Presidente** da Assembleia, **283. Presidente** da Assembleia, **284. Presidente** da Assembleia, **285. Presidente** da Assembleia, **286. Presidente** da Assembleia, **287. Presidente** da Assembleia, **288. Presidente** da Assembleia, **289. Presidente** da Assembleia, **290. Presidente** da Assembleia, **291. Presidente** da Assembleia, **292. Presidente** da Assembleia, **293. Presidente** da Assembleia, **294. Presidente** da Assembleia, **295. Presidente** da Assembleia, **296. Presidente** da Assembleia, **297. Presidente** da Assembleia, **298. Presidente** da Assembleia, **299. Presidente** da Assembleia, **300. Presidente** da Assembleia, **301. Presidente** da Assembleia, **302. Presidente** da Assembleia, **303. Presidente** da Assembleia, **304. Presidente** da Assembleia, **305. Presidente** da Assembleia, **306. Presidente** da Assembleia, **307. Presidente** da Assembleia, **308. Presidente** da Assembleia, **309. Presidente** da Assembleia, **310. Presidente** da Assembleia, **311. Presidente** da Assembleia, **312. Presidente** da Assembleia, **313. Presidente** da Assembleia, **314. Presidente** da Assembleia, **315. Presidente** da Assembleia, **316. Presidente** da Assembleia, **317. Presidente** da Assembleia, **318. Presidente** da Assembleia, **319. Presidente** da Assembleia, **320. Presidente** da Assembleia, **321. Presidente** da Assembleia, **322. Presidente** da Assembleia, **323. Presidente** da Assembleia, **324. Presidente** da Assembleia, **325. Presidente** da Assembleia, **326. Presidente** da Assembleia, **327. Presidente** da Assembleia, **328. Presidente** da Assembleia, **329. Presidente** da Assembleia, **330. Presidente** da Assembleia, **331. Presidente** da Assembleia, **332. Presidente** da Assembleia, **333. Presidente** da Assembleia, **334. Presidente** da Assembleia, **335. Presidente** da Assembleia, **336. Presidente** da Assembleia, **337. Presidente** da Assembleia, **338. Presidente** da Assembleia, **339. Presidente** da Assembleia, **340. Presidente** da Assembleia, **341. Presidente** da Assembleia, **342. Presidente** da Assembleia, **343. Presidente** da Assembleia, **344. Presidente** da Assembleia, **345. Presidente** da Assembleia, **346. Presidente** da Assembleia, **347. Presidente** da Assembleia, **348. Presidente** da Assembleia, **349. Presidente** da Assembleia, **350. Presidente** da Assembleia, **351. Presidente** da Assembleia, **352. Presidente** da Assembleia, **353. Presidente** da Assembleia, **354. Presidente** da Assembleia, **355. Presidente** da Assembleia, **356. Presidente** da Assembleia, **357. Presidente** da Assembleia, **358. Presidente** da Assembleia, **359. Presidente** da Assembleia, **360. Presidente** da Assembleia, **361. Presidente** da Assembleia, **362. Presidente** da Assembleia, **363. Presidente** da Assembleia, **364. Presidente** da Assembleia, **365. Presidente** da Assembleia, **366. Presidente** da Assembleia, **367. Presidente** da Assembleia, **368. Presidente** da Assembleia, **369. Presidente** da Assembleia, **370. Presidente** da Assembleia, **371. Presidente** da Assembleia, **372. Presidente** da Assembleia, **373. Presidente** da Assembleia, **374. Presidente** da Assembleia, **375. Presidente** da Assembleia, **376. Presidente** da Assembleia, **377. Presidente** da Assembleia, **378. Presidente** da Assembleia, **379. Presidente** da Assembleia, **380. Presidente** da Assembleia, **381. Presidente** da Assembleia, **382. Presidente** da Assembleia, **383. Presidente** da Assembleia, **384. Presidente** da Assembleia, **385. Presidente** da Assembleia, **386. Presidente** da Assembleia, **387. Presidente** da Assembleia, **388. Presidente** da Assembleia, **389. Presidente** da Assembleia, **390. Presidente** da Assembleia, **391. Presidente** da Assembleia, **392. Presidente** da Assembleia, **393. Presidente** da Assembleia, **394. Presidente** da Assembleia, **395. Presidente** da Assembleia, **396. Presidente** da Assembleia, **397. Presidente** da Assembleia, **398. Presidente** da Assembleia, **399. Presidente** da Assembleia, **400. Presidente** da Assembleia, **401. Presidente** da Assembleia, **402. Presidente** da Assembleia, **403. Presidente** da Assembleia, **404. Presidente** da Assembleia, **405. Presidente** da Assembleia, **406. Presidente** da Assembleia, **407. Presidente** da Assembleia, **408. Presidente** da Assembleia, **409. Presidente** da Assembleia, **410. Presidente** da Assembleia, **411. Presidente** da Assembleia, **412. Presidente** da Assembleia, **413. Presidente** da Assembleia, **414. Presidente** da Assembleia, **415. Presidente** da Assembleia, **416. Presidente** da Assembleia, **417. Presidente** da Assembleia, **418. Presidente** da Assembleia, **419. Presidente** da Assembleia, **420. Presidente** da Assembleia, **421. Presidente** da Assembleia, **422. Presidente** da Assembleia, **423. Presidente** da Assembleia, **424. Presidente** da Assembleia, **425. Presidente** da Assembleia, **426. Presidente** da Assembleia, **427. Presidente** da Assembleia, **428. Presidente** da Assembleia, **429. Presidente** da Assembleia, **430. Presidente** da Assembleia, **431. Presidente** da Assembleia, **432. Presidente** da Assembleia, **433. Presidente** da Assembleia, **434. Presidente** da Assembleia, **435. Presidente** da Assembleia, **436. Presidente** da Assembleia, **437. Presidente** da Assembleia, **438. Presidente** da Assembleia, **439. Presidente** da Assembleia, **440. Presidente** da Assembleia, **441. Presidente** da Assembleia, **442. Presidente** da Assembleia, **443. Presidente** da Assembleia, **444. Presidente** da Assembleia, **445. Presidente** da Assembleia, **446. Presidente** da Assembleia, **447. Presidente** da Assembleia, **448. Presidente** da Assembleia, **449. Presidente** da Assembleia, **450. Presidente** da Assembleia, **451. Presidente** da Assembleia, **452. Presidente** da Assembleia, **453. Presidente** da Assembleia, **454. Presidente** da Assembleia, **455. Presidente** da Assembleia, **456. Presidente** da Assembleia, **457. Presidente** da Assembleia, **458. Presidente** da Assembleia, **459. Presidente** da Assembleia, **460. Presidente** da Assembleia, **461. Presidente** da Assembleia, **462. Presidente** da Assembleia, **463. Presidente** da Assembleia, **464. Presidente** da Assembleia, **465. Presidente** da Assembleia, **466. Presidente** da Assembleia, **467. Presidente** da Assembleia, **468. Presidente** da Assembleia, **469. Presidente** da Assembleia, **470. Presidente** da Assembleia, **471. Presidente** da Assembleia, **472. Presidente** da Assembleia, **473. Presidente** da Assembleia, **474. Presidente** da Assembleia, **475. Presidente** da Assembleia, **476. Presidente** da Assembleia, **477. Presidente** da Assembleia, **478. Presidente** da Assembleia, **479. Presidente** da Assembleia, **480. Presidente** da Assembleia, **481. Presidente** da Assembleia, **482. Presidente** da Assembleia, **483. Presidente** da Assembleia, **484. Presidente** da Assembleia, **485. Presidente** da Assembleia, **486. Presidente** da Assembleia, **487. Presidente** da Assembleia, **488. Presidente** da Assembleia, **489. Presidente** da Assembleia, **490. Presidente** da Assembleia, **491. Presidente** da Assembleia, **492. Presidente** da Assembleia, **493. Presidente** da Assembleia, **494. Presidente** da Assembleia, **495. Presidente** da Assembleia, **496. Presidente** da Assembleia, **497. Presidente** da Assembleia, **498. Presidente** da Assembleia, **499. Presidente** da Assembleia, **500. Presidente** da Assembleia, **501. Presidente** da Assembleia, **502. Presidente** da Assembleia, **503. Presidente** da Assembleia, **504. Presidente** da Assembleia, **505. Presidente** da Assembleia, **506. Presidente** da Assembleia, **507. Presidente** da Assembleia, **508. Presidente** da Assembleia, **509. Presidente** da Assembleia, **510. Presidente** da Assembleia, **511. Presidente** da Assembleia, **512. Presidente** da Assembleia, **513. Presidente** da Assembleia, **514. Presidente** da Assembleia, **515. Presidente** da Assembleia, **516. Presidente** da Assembleia, **517. Presidente** da Assembleia, **518. Presidente** da Assembleia, **519. Presidente** da Assembleia, **520. Presidente** da Assembleia, **521. Presidente** da Assembleia, **522. Presidente** da Assembleia, **523. Presidente** da Assembleia, **524. Presidente** da Assembleia, **525. Presidente** da Assembleia, **526. Presidente** da Assembleia, **527. Presidente** da Assembleia, **528. Presidente** da Assembleia, **529. Presidente** da Assembleia, **530. Presidente** da Assembleia, **531. Presidente** da Assembleia, **532. Presidente** da Assembleia, **533. Presidente** da Assembleia, **534. Presidente** da Assembleia, **535. Presidente** da Assembleia, **536. Presidente** da Assembleia, **537. Presidente** da Assembleia, **538. Presidente** da Assembleia, **539. Presidente** da Assembleia, **540. Presidente** da Assembleia, **541. Presidente** da Assembleia, **542. Presidente** da Assembleia, **543. Presidente** da Assembleia, **544. Presidente** da Assembleia, **545. Presidente** da Assembleia, **546. Presidente** da Assembleia, **547. Presidente** da Assembleia, **548. Presidente** da Assembleia, **549. Presidente** da Assembleia, **550. Presidente** da Assembleia, **551. Presidente** da Assembleia, **552. Presidente** da Assembleia, **553. Presidente** da Assembleia, **554. Presidente** da Assembleia, **555. Presidente** da Assembleia, **556. Presidente** da Assembleia, **557. Presidente** da Assembleia, **558. Presidente** da Assembleia, **559. Presidente** da Assembleia, **560. Presidente** da Assembleia, **561. Presidente** da Assembleia, **562. Presidente** da Assembleia, **563. Presidente** da Assembleia, **564. Presidente** da Assembleia, **565. Presidente** da Assembleia, **566. Presidente** da Assembleia, **567. Presidente** da Assembleia, **568. Presidente** da Assembleia, **569. Presidente** da Assembleia, **570. Presidente** da Assembleia, **571. Presidente** da Assembleia, **572. Presidente** da Assembleia, **573. Presidente** da Assembleia, **574. Presidente** da Assembleia, **575. Presidente** da Assembleia, **576. Presidente** da Assembleia, **577. Presidente** da Assembleia, **578. Presidente** da Assembleia, **579. Presidente** da Assembleia, **580. Presidente** da Assembleia, **581. Presidente** da Assembleia, **582. Presidente** da Assembleia, **583. Presidente** da Assembleia, **584. Presidente** da Assembleia, **585. Presidente** da Assembleia, **586. Presidente** da Assembleia, **587. Presidente** da Assembleia, **588. Presidente** da Assembleia, **589. Presidente** da Assembleia, **590. Presidente** da Assembleia, **591. Presidente** da Assembleia, **592. Presidente** da Assembleia, **593. Presidente** da Assembleia, **594. Presidente** da Assembleia, **595. Presidente** da Assembleia, **596. Presidente** da Assembleia, **597. Presidente** da Assembleia, **598. Presidente** da Assembleia, **599. Presidente** da Assembleia, **600. Presidente** da Assembleia, **601. Presidente** da Assembleia, **602. Presidente** da Assembleia, **603. Presidente** da Assembleia, **604. Presidente** da Assembleia, **605. Presidente** da Assembleia, **606. Presidente** da Assembleia, **607. Presidente** da Assembleia, **608. Presidente** da Assembleia, **609. Presidente** da Assembleia, **610. Presidente** da Assembleia, **611. Presidente** da Assembleia, **612. Presidente** da Assembleia, **613. Presidente** da Assembleia, **614. Presidente** da Assembleia, **615. Presidente** da Assembleia, **616. Presidente** da Assembleia, **617. Presidente** da Assembleia, **618. Presidente** da Assembleia, **619. Presidente** da Assembleia, **620. Presidente** da Assembleia, **621. Presidente** da Assembleia, **622. Presidente** da Assembleia, **623. Presidente** da Assembleia, **624. Presidente** da Assembleia, **625. Presidente** da Assembleia, **626. Presidente** da Assembleia, **627. Presidente** da Assembleia, **628. Presidente** da Assembleia, **629. Presidente** da Assembleia, **630. Presidente** da Assembleia, **631. Presidente** da Assembleia, **632. Presidente** da Assembleia, **633. Presidente** da Assembleia, **634. Presidente** da Assembleia, **635. Presidente** da Assembleia, **636. Presidente** da Assembleia, **637. Presidente** da Assembleia, **638. Presidente** da Assembleia, **639. Presidente** da Assembleia, **640. Presidente** da Assembleia, **641. Presidente** da Assembleia, **642. Presidente** da Assembleia, **643. Presidente** da Assembleia, **644. Presidente** da Assembleia, **645. Presidente** da Assembleia, **646. Presidente** da Assembleia, **647. Presidente** da Assembleia, **648. Presidente** da Assembleia, **649. Presidente** da Assembleia, **650. Presidente** da Assembleia, **651. Presidente** da Assembleia, **652. Presidente** da Assembleia, **653. Presidente** da Assembleia, **654. Presidente** da Assembleia, **655. Presidente** da Assembleia, **656. Presidente** da Assembleia, **657. Presidente** da Assembleia, **658. Presidente** da Assembleia, **659. Presidente** da Assembleia, **660. Presidente** da Assembleia, **661. Presidente** da Assembleia, **662. Presidente** da Assembleia, **663. Presidente** da Assembleia, **664. Presidente** da Assembleia, **665. Presidente** da Assembleia, **666. Presidente** da Assembleia, **667. Presidente** da Assembleia, **668. Presidente** da Assembleia, **669. Presidente** da Assembleia, **670. Presidente** da Assembleia, **671. Presidente** da Assembleia, **672. Presidente** da Assembleia, **673. Presidente** da Assembleia, **674. Presidente** da Assembleia, **675. Presidente** da Assembleia, **676. Presidente** da Assembleia, **677. Presidente** da Assembleia, **678. Presidente** da Assembleia, **679. Presidente** da Assembleia, **680. Presidente** da Assembleia, **681. Presidente** da Assembleia, **682. Presidente** da Assembleia, **683. Presidente** da Assembleia, **684. Presidente** da Assembleia, **685. Presidente** da Assembleia, **686. Presidente** da Assembleia, **687. Presidente** da Assembleia, **688. Presidente** da Assembleia, **689. Presidente** da Assembleia, **690. Presidente** da Assembleia, **691. Presidente** da Assembleia, **692. Presidente** da Assembleia, **693. Presidente** da Assembleia, **694. Presidente** da Assembleia, **695. Presidente** da Assembleia, **696. Presidente** da Assembleia, **697. Presidente** da Assembleia, **698. Presidente** da Assembleia, **699. Presidente** da Assembleia, **700. Presidente** da Assembleia, **701. Presidente** da Assembleia, **702. Presidente** da Assembleia, **703. Presidente** da Assembleia, **704. Presidente** da Assembleia, **705. Presidente** da Assembleia, **706. Presidente** da Assembleia, **707. Presidente** da Assembleia, **708. Presidente** da Assembleia, **709. Presidente** da Assembleia, **710. Presidente** da Assembleia, **711. Presidente** da Assembleia, **712. Presidente** da Assembleia, **713. Presidente** da Assembleia, **714. Presidente** da Assembleia, **715. Presidente** da Assembleia, **716. Presidente** da Assembleia, **717. Presidente** da Assembleia, **718. Presidente** da Assembleia, **719. Presidente** da Assembleia, **720. Presidente** da Assembleia, **721. Presidente** da Assembleia, **722. Presidente** da Assembleia, **723. Presidente** da Assembleia, **724. Presidente** da Assembleia, **725. Presidente** da Assembleia, **726. Presidente** da Assembleia, **727. Presidente** da Assembleia, **728. Presidente** da Assembleia, **729. Presidente** da Assembleia, **730. Presidente**



ID 6694

Terreno Urbano
Baitira Vila Nova Cabral/SP


Terreno com área total de 20.980 m², localizado a 6 mts. da Rod. Ferrel-Gil e a 10 mts. do centro da cidade.

Laíslo 04/09 - 09:00hs

Avaliação
R\$ 19.223.402,06

Lances a partir de
R\$ 9.111.701,03

Julio Exma. Dr. Fernando de Carvalho Quintes
2ª Vara Civil do Rio de Janeiro RJ



ID 6849

Terreno Urbano
São Paulo/SP


Área de terras com 1.960 m², situada na Av. da Saúde, A-6 m, do centro da cidade.

Laíslo 04/09 - 09:30hs

Avaliação
R\$ 3.120.403,36

Lances a partir de
R\$ 2.104.292,21

Julio Exma. Dr. Luis Mauricio Sotelo de Oliveira
2ª Vara Civil do São Paulo do Conselho/SP



ID 4900

Terreno Urbano
Itaipava/CE


Área com 20.000 m², composta por formação em vegetação nativa, localizada em Terroir a Rodovia BR-116, Não há edificações e o imóvel encontra-se livre.

Laíslo 18/09 - 14:00hs
2ª Laíslo 25/09 - 14:00hs

Avaliação
R\$ 3.282.566,34

Lances a partir de
R\$ 2.262.796,44

Julio Exma. Dra. Cynthia Andreus Carreira
2ª Vara Civil do Rio de Janeiro RJ



ID 6865

Galpão Industrial
Nova Prudência/SP


Imóvel industrial com 1.320 m² e área maior de 181.500 m². Localizado na Rod. Flomiro Rodrigues Martinez a 7 mts. do centro da cidade.

Laíslo 04/09 - 10:30hs
2ª Laíslo 25/09 - 10:30hs

Avaliação
R\$ 2.065.193,66

Lances a partir de
R\$ 1.229.116,91

Julio Exma. Dr. Antonio José Magalhães
2ª Vara Civil de Santa Cruz do Rio Pardo/SP



ID 6565

Imóvel de uso comercial
São Paulo/SP


Imóvel com 345 m² já construído e terreno com área de 434 m². Localizado a 4 mts. da Av. das Nações Unidas a 11 mts. do Shopping Plaque da Colina.

Laíslo 04/09 - 15:00hs

Avaliação
R\$ 2.985.000,00

Lances a partir de
R\$ 2.611.876,00

Julio Exma. Dr. Leonardo Fernandes dos Santos
2ª Vara de Faltas e Rec. Judicial do São Paulo/SP



ID 6876

Terreno Urbano
Santa Gertrudes/SP


Terreno com área de 6.896 m², todo murado e incluído com parquinho, localizado a 2 mts. da Rod. Costante Peruchi e a 1 mts. do centro da cidade.

Laíslo 04/09 - 14:00hs
2ª Laíslo 25/09 - 14:00hs

Avaliação
R\$ 3.818.186,64

Lances a partir de
R\$ 1.919.442,32

Julio Exma. Dr. Alexandre Ouberto Barbosa
1ª Vara Civil do Rio de Janeiro RJ



ID 6801

Terreno Urbano
São Paulo/SP


Terreno com área de 1.170 m², composto por uma gleba de estacionamento de 20 m². Localizado no Parque da Saúde, região central de São Paulo.

Laíslo 09/09 - 09:30hs
2ª Laíslo 30/09 - 09:30hs

Avaliação
R\$ 12.936.895,01

Lances a partir de
R\$ 9.055.826,51

Julio Exma. Dr. Cassio Pereira Brito
1ª Vara Civil do Foro Regional XI - Pinheirão/SP



ID 5739

Imóveis Residenciais
Itaipava do Araripe/SP


8 imóveis e demais benfeitorias com 1083 m² de construção e terreno com área de 0,7392 m². Composto por piscina, campo de futebol, capela, quadra poliesportiva, playground, piscina, churrasqueira e lago.

Laíslo 18/09 - 09:30hs
2ª Laíslo 07/10 - 09:30hs

Avaliação
R\$ 6.448.814,58

Lances a partir de
R\$ 5.914.770,20

Julio Exma. Dra. Carolina Sarmiento Lopez
1ª Vara de Faltas e Rec. Judicial do São Paulo/SP



ID 6353

Imóvel Residencial
Alphaville/SP


Imóvel de 4 pavimentos no Residencial Alphaville II com 1.278 m² de construção e terreno com área de 2.880 m².

Laíslo 16/09 - 15:00hs
2ª Laíslo 16/09 - 15:00hs

Avaliação
R\$ 40.000.000,00

Lances a partir de
R\$ 20.000.000,00

Julio Exma. Dr. Bruno Paes Siqueira
1ª Vara Civil do Barueri/SP



ID 6296

Galpão Comercial
Franca/SP


Imóvel comercial com 768 m² de construção e terreno com área de 1.63 hectares. Localizado a 3 mts. do Aeroporto Estadual de Franca.

Laíslo 16/09 - 15:00hs

Avaliação
R\$ 19.913.620,18

Lances a partir de
R\$ 15.851.241,66

Julio Exma. Dr. Humberto Rocha
3ª Vara Civil do Franca/SP



ID 6899

Planta Industrial em pleno funcionamento
Aracaju/SE


Planta fabril, moderna, bem mantida, com 100 mil metros quadrados e fórmula secreta de fabricação de produtos. Propriedade da Itapara Plásticos Calçados Itapara.

Laíslo 18/09 - 14:00hs

Avaliação
R\$ 31.600.000,00

Encio seu Propósito!

Julio Exma. Dr. Luciano Antonio de Andrade



ID 6896


3 Edifícios Residenciais
Barra Flamingo/SP

Imóveis denominados Edifício Barão, Edifício Anchieta e Edifício Hípica, Localizados na Praia do Flamingo, a 10 minutos do Aeroporto Santos Dumont.

Laíslo 19/09 - 10:00hs

Lances a partir de
R\$ 75.000.000,00

Julio Exma. Dr. Igor Fonseca Rodrigues



ID 6845

Terreno Urbano
Rio de Janeiro/RJ


Preleitos e instalações sobre terreno com área de 14.000 m² em Barragem no Rio de Janeiro/RJ. Localizado a 10 mts. do Barragem Shopping.

Laíslo 20/09 - 10:00hs

Avaliação
R\$ 9.800.000,00

Encio seu Propósito!

Julio Exma. Dr. Igor Fonseca Rodrigues



ID 6890

Parque Fabril
Itapetininga/BA


Parque fabril com 110.003 m² e respectiva área de terras desmembrada da fazenda denominada Volta do Aracaju Localizada a 7 mts. da Av. Sábulo Luc.

Laíslo 25/09 - 14:00hs
2ª Laíslo 25/09 - 15:00hs

Avaliação
R\$ 16.536.787,90

Lances a partir de
R\$ 7.768.393,95

Julio Exma. Dr. Everton Lúcio Chaves Carminali



ID 6893

Imóvel Industrial
Jandira/SP

Prédio industrial com 16.000 m² de construção sobre terreno de 44.800 m². Localizado a 4 mts. do Zoológico Shopping e a 5 mts. da Rod. Pres. Castelo Branco.

Laíslo 30/09 - 14:00hs
2ª Laíslo 15/10 - 14:00hs

Avaliação
R\$ 82.870.260,50

Lances a partir de
R\$ 31.435.100,25

Julio Exma. Dra. Juliana Moraes Corrêa Corral

 11 3969 1200 | 0800 789 1200
  11 95577 1200
  **LEJE.COM.BR**
  @lejeoficial
  Leilão Judicial Eletrônico

[illegible][illegible]

SENGER VILA NOVA DE FREITAS - Telefone 031/31-1063 - AUCS 136

 EDITORA GLOBO

**AQUI, SEU ANÚNCIO ENCONTRA
O PÚBLICO CERTO. ANUNCIE!**

EM DIFERENTES PLATAFORMAS E EM DIVERSOS CONTEXTOS, AS MARCAS DA EDITORA GLOBO SÃO A MELHOR OPÇÃO PARA O SEU ANÚNCIO, PORQUE ENTREGAM O QUE CADA PÚBLICO QUER: CONTEÚDOS DE QUALIDADE COM CREDIBILIDADE.

ACESSE EDITORAGLOBONEGOCIOS.COM.BR E SAIBA MAIS

ACESSE EDITORAGLOBONLINE.COM.BR E SAIBA MAIS.